

ILSON PAULO RAMOS BLOGOSLAWSKI

**A ESCOLA ALEMÃ NO ALTO VALE DO ITAJAÍ:
Colônia Matador, Bella Alliança – 1892–1930**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação UFSC/UNIPAC-LAGES (SC).
Orientadora: Dra. Edna Garcia Maciel Fiod

**FLORIANÓPOLIS
2000**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**“A ESCOLA ALEMÃ NO ALTO VALE DO ITAJAÍ:
COLÔNIA MATADOR, BELLA ALIANÇA (1892/1930)”**

Dissertação submetida ao Colegiado do
Curso de Mestrado em Educação do Centro
de Ciências da Educação em cumprimento
parcial para a obtenção do título de Mestre
em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 18/08/2000

Edna Maciel Fiod
Dra. Edna Garcia Maciel Fiod (Orientadora) - UFSC

Célia Regina Vendramini
Dra. Célia Regina Vendramini - UFSC

João Klug
Dr. João Klug - UFSC

Maria das Dores Daros
Dra. Maria das Dores Daros (Suplente) - UFSC

**Dra Edel Ern
Coordenadora PPGE**

Hson Paulo Ramos Blogosllawski
Hson Paulo Ramos Blogosllawski

Florianópolis, Santa Catarina, agosto de 2000.

TABELIONATO DELLAGIUSTINA
2 - OFFÍCIO DE NOTAS E PROTESTOS
A. Anderson Sampaio, 70 - Fone/Fax 877-9196 - 88000-000 SC

AUTENTICAÇÃO

Confere com o original que me foi apresentado.
Em Test. da Verdade.

Rio do Sul (SC) **26 OUT. 2000**

CORREGEDORIA-GERAL DA JUSTIÇA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Bel. Mario Zelia Dellagiustina Formiga de M...
 Bel. Franciane Formiga de M...
 Renato Fabiano Darolt
 Sivan Carla da Silva
 Lella Regina Testoni Correa

TABELA DE NOTAS
TABELA SUBSTITUTA
ESCRIVENTES NOTARIAIS
Nº ACY59102



ATA DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO

Aos dezoito dias do mês de agosto do ano dois mil, na cidade de Florianópolis-SC, às 14:00h, na sala 618 do Centro de Ciências da Educação/UFSC, reuniu-se a Comissão Examinadora de Dissertação composta pelos seguintes membros: Dr^a. Edna Garcia Maciel Fiod (Orientadora), Dr^a. Célia Regina Vendramini, (Examinadora), Dr. João Klug (Examinador) e Dr^a. Maria das Dores Daros (Suplente), conforme Portaria nº 021/PPGE/2000, assinada pela Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e datada de 18/08/2000, sob a presidência do primeiro membro citado, com a finalidade de aguiarem o mestrando **ILSON PAULO RAMOS BLOGOSLAWSKI**, sobre sua Dissertação intitulada: **“A Escola Alemã no Alto Vale do Itajaí: colônia matador, bella aliança (1892-1930).”** Aberta a sessão foi passada a palavra ao mestrando, para que na forma regimental procedesse a apresentação de seu tema de dissertação. Após foi arguido pelos membros da comissão. Tendo sido ouvidas as explicações do mestrando, a Comissão Examinadora aprovou a referida dissertação, emitindo os seguintes conceitos: Dr^a. Edna Garcia Maciel Fiod A, Dr^a. Célia Regina Vendramini A, Dr. João Klug A, Dr^a. Maria das Dores Daros _____. Assim o conceito final conforme o Regimento Interno dos Cursos de Pós-Graduação em Educação da UFSC é A ou nível _____. Fica o mestrando alerta para que dentro de um mês apresente as correções finais e dentro do prazo regimental de 90 dias, à partir desta data, segundo o Título V Artigo 53, parágrafo 1º, apresente três cópias da versão definitiva e disquete à UFSC. Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos e tendo sido lida e achada conforme, foi a presente assinada por mim, Secretária, e pelos membros da Comissão e mestrando.

Secretária [Assinatura]

Dr^a. Edna Garcia Maciel Fiod (Orientadora) [Assinatura]

Dr^a. Célia Regina Vendramini (Examinadora) [Assinatura]

Dr. João Klug (Examinador) [Assinatura]

Dr^a. Maria das Dores Daros (Suplente) [Assinatura]

Mestrando Ison Paulo Ramos Blogoslowski [Assinatura]

CONFERE COM ORIGINAL

[Assinatura]
 Maurilla Francisco
 Resp. Exp. da Sec. do PPGE
 Mat. 3068-0 / UFSC

TABELIONATO DELLAGIUSTINA
 2º. OFÍCIO DE NOTAS E PROTESTOS
 Al. Washington Ramos, 70 - Fone/Fax: 324-4776 - Florianópolis-SC

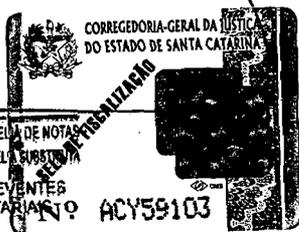
AUTENTICAÇÃO

Confere com o original que me foi apresentado.
 Em Teste [Assinatura] da Verdade.

Rio de Su (SC) **26 OUT. 2000**

- Bel. Maria Zélia Dellagiustina Formiga de Moura - TABELA DE NOTAS
- Bel. Franciane Formiga de Moura - TABELA SUBSTITUA
- Renato Fabiano Daros
- Sivan Carla da Silva
- Lella Regina Testoni Correa

ESCREVENTES
 NOTARIAS



*"O meio social em que vivemos será sempre a
condição onde se constitui a história de um povo".*

Blogoslawski, 20 de julho de 2000

DEDICATÓRIA

A minha esposa Rosângela, que, compreendendo a ausência na família, sempre acreditou esteve ao meu lado, acompanhando esse desafio do escrever a história do ontem e de um hoje sem fim.

As minhas filhas, Bruna e Caroline, para que possam, na historicidade do passado, encontrar a felicidade, acreditando na vida fraterna.

Aos meus pais, que não fazem parte desse mundo acadêmico, vivendo longe dessa realidade de estudo, em outra realidade nesse mundo as adversidades sociais.

AGRADECIMENTOS

À Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), que investe maciçamente no fator humano e que busca ser a instituição de ligação com o desenvolvimento de todo o Alto Vale do Itajaí, agradeço esta oportunidade.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que, através do Programa de Apoio ao Plano Sul de Pós-Graduação e do acordo CAPES–FUNCITEC, proporcionou, a mim e a vários colegas professores das Instituições de Ensino de Santa Catarina (IES), a freqüência ao Curso de Mestrado em Educação UFSC/UNIPLAC, também agradeço.

Nos momentos de dificuldades, sempre surge alguém que acredita na formação da intelectualidade como algo que ultrapassa a vontade humana. Há quem cite que a história da educação e das escolas no Estado de Santa Catarina está para ser contada e tem procurado investir acreditando nessa alternativa. Assim, agradeço à Professora doutora Edna Garcia Maciel Fiod, por contribuir orientando essa caminhada à pesquisa histórica. Ela, desde do início, aceitou o desafio, passando a fazer parte dessa árdua missão. Para tornar a dissertação mais eficiente, a orientadora, com a sua intelectualidade, calma, paciência e compreensão, soube fazer as intervenções necessárias, tornando possível a continuidade deste trabalho, em que o fator tempo tornou-se o limite, o que, no entanto, não impediu a continuidade do mesmo.

Reiterando a estima e consideração, agradeço à doutora Maria das Dores Daros e à Professora doutora Célia Regina Vendramini, pela avaliação e pelas propostas na orientação da dissertação. Um agradecimento todo especial à equipe coordenada pela professora Maria das Dores Daros, que, ao cruzar os portões internos da Universidade Federal, encontrou muitas janelas se fechando, mas brilhantemente percebeu que bem maior é o número de portas que se abrem nas IES do Estado de Santa Catarina.

Reitero também a minha estima e consideração aos demais professores do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente os Doutores Leda Sheibe, Nadir Lago, Lucídio Bianchetti, Maria da Graça Nóbrega Bollmann.

Um agradecimento ao professor João Klug, que, mesmo não me conhecendo, quando solicitei sua ajuda para ler a dissertação, aceitou, e desde o início demonstrou interesse. É muito importante procurar alguém que já tenha constituído e vencido essa etapa da pesquisa. Porque dessa forma podemos conseguir um outro olhar sobre o trabalho em andamento.

Outro agradecimento, ao professor Francisco Fronza, que, apostando na intelectualidade acadêmica e acreditando na construção de um mundo melhor, ofereceu a oportunidade da inscrição neste Programa de Mestrado em Educação Interinstitucional UFSC–UNIPLAC.

Nesse universo de relações humanas cada vez maior, acreditar numa sociedade igualitária faz parte da caminhada, como possibilidade de diminuir as diferenças sociais. Dessa forma, encontro nas palavras do professor Lucídio Bianchetti a motivação e incentivo de quem acreditou desde o início na produção da equipe dos vários professores das Instituições de Ensino de Santa Catarina inscritas no Programa.

Ao senhor Hans Adolf Spieweck as minhas considerações, pois com carinho e dedicação deu muito de si, lendo os protocolos, atas e manuscritos em caracteres góticos, aceitando ajudar na construção histórica das escolas de Rio do Sul. Sem a sua ajuda não poderia ter realizado a gravação e muito menos a transcrição, o que veio a revelar informações valiosas para este trabalho.

Aos descendentes dos imigrantes, participantes desta construção, um carinho em especial, pois essas valorosas pessoas – Alois Kopelke, Gertrud Bachmann, Luiza Rothenburg, Lia Carmen Swarowsky Rosemann, Helga Klug, Edit Schlup – contribuíram direta ou indiretamente como participantes deste trabalho. A todos eles o meu reconhecimento, pois fazem parte da história da colonização do Alto Vale do Itajaí.

Não poderia deixar de agradecer à senhora Reguita Beschinock, pelo empréstimo do documento (mapa) em concessão realizado para apresentação da dissertação.

Um agradecimento também aos atendentes dos arquivos públicos de Blumenau, de Rio do Sul e de Brusque, que prestam um serviço de auxílio aos pesquisadores. Fica aqui registrada a preocupação com aqueles arquivos públicos que não têm pessoal com conhecimento suficiente para atender e nenhum cuidado com as fontes documentais primárias existentes, deixando-as se deteriorarem, sendo assim atacadas pelos cupins, pelo mofo, pelas traças, transformando-se numa perda irreparável para a história.

À professora Enedina Marcelino, que contribuiu na correção na fase de qualificação, também agradeço.

Não poderia deixar de agradecer ainda ao professor Olívio Matheussi, que realizou a revisão da dissertação, possibilitando um ajuste e uma coordenação melhor da escrita.

Da mesma forma, o especial agradecimento ao professor José Renato de Faria, pelo eficiente trabalho de revisão final.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE QUADROS	x
RESUMO	xi
RESUMEN	xii
INTRODUÇÃO	1
PARTE I – O CONTINENTE EUROPEU BUSCA SOLUÇÃO	3
1.1 A Europa se fecha: a América se abre.....	3
1.2 A colônia.....	24
1.3 Origem do nome escolhido para a colônia.....	26
1.4 Primeiro imigrante alemão a chegar em Matador – Suedarm.....	28
1.5 As primeiras famílias da colônia Matador.....	33
1.6 Os colonos alemães e o comércio	44
1.7 Manufatura dos produtos agrícolas – engenho de cana e atafonas	47
1.8 A presença cultural da etnia alemã	48
PARTE II – CONSTITUIÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA NA COLÔNIA EM MATADOR, BELLA ALLIANÇA	53
2.1 A educação alemã: a primeira escola da comunidade evangélica e luterana em Matador... 53	
2.1.1 A primeira diretoria da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador – Bella Alliança	60
2.1.2 As primeiras aulas.....	62
2.1.3 Os primeiros professores e sua representatividade	65
2.1.4 Postura do professor diante da comunidade	76
2.1.5 Organização da escola alemã em Matador	82
2.1.6 A disciplina na escola alemã.....	86
2.1.7 Currículo da escola alemã	89

2.2 Razão da existência da escola alemã.....	95
2.3 A Escola e a Igreja possuem os mesmos objetivos.....	99

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
----------------------------------	------------

ANEXOS.....	104
--------------------	------------

Anexo I: Cartilha Moderna ou Leituras Primárias para aprender a ler e escrever (amostra).

Anexo II: Cartilha de aritmética para ensinar matemática.

Anexo III: Registro do Estatuto.

Anexo IV: Estatuto da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador.

Anexo V: Mapa desenhado da colônia – Bella Alliança – 1924.

Anexo VI: Foto do início do século, colônia Matador – Suedarm – 1910.

Anexo VII: Original – Ata da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador – 1911 – 1941.

Anexo VIII: Tradução – Ata da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador – 1911 – 1941.

Anexo IX: Mapa do Valle do Ribeirão das Lontras – 1925.

Anexo X: Planta da demarcação de uma gleba de terras – 1944.

Anexo XI: Foto: Festa do Tiro ao Rei “Schutzenverein” Matador – 1924.

Anexo XII: Foto: Festa do Dia do Colono – década de 30.

Anexo XIII: Mapa de apresentação para as escolas municipais de Blumenau – 1905.

FONTES.....	120
--------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122
--	------------

BIBLIOGRAFIA.....	124
--------------------------	------------

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto: Francisco Frankenberger	32
Figura 2 – Foto: Família Francisco Frankenberger	33
Figura 3 – Foto: Família Hering	38
Figura 4 – Foto: Família Alfred Swarowsky	39
Figura 5 – Foto: Alfred Swarowsky	40
Figura 6 -- Foto: Cidade de Bischofsgrun, Alemanha	41
Figura 7 – Foto: Casa Comercial, Olaria e Residência de Alfred Swarowsky – Matador, 1916	43
Figura 8 – Foto: Descascador de Arroz. Propriedade Willy Hering – 1906.	45
Figura 9 – Foto: Sociedade Escolar do Ribeirão Matador–1925	57
Figura 10 – Foto: Salão e Hotel de Ferdinand Schlup – Matador–1915	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Imigrantes europeus que vieram para a Santa Catarina, Brasil, América	14
Quadro 2 – Relação de proprietários na colônia	22
Quadro 3 – Dados diário Francisco Frankenberger	29
Quadro 4 – Quadro das colônias estatais	34
Quadro 5 – Diretoria da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador	60
Quadro 6 – Registrando a relação dos alunos durante o exame escolar	84
Quadro 7 – Distribuição das aulas semanais por matérias e classes	90
Quadro 8 – Quadro de catalogação das cartilhas	92
Quadro 9 – Distribuição e apresentação de contas	94

RESUMO

Esta dissertação aborda a constituição da escola alemã no Alto Vale do Itajaí e o papel, especificamente, da chamada Sociedade Escolar do Ribeirão Matador, no período entre 1892 e 1930.

É focalizado o movimento de imigração européia, que dá origem à escola, uma realidade dos países industrializados da Europa. Várias famílias de imigrantes, antes instalados em certas regiões do Estado de Santa Catarina, vêm para o Alto Vale do Itajaí e o colonizam. A história evidencia que os imigrantes alemães constroem, nesta terra, relações sociais e educacionais próprias dos Estados Alemães. A formação dos descendentes dos colonos está ligada aos costumes, hábitos e cultura alemã.

No Novo Mundo, os imigrantes enfrentam muitas dificuldades, inclusive a ausência de educação escolar. Para eles, a escola é fundamental na preservação de sua identidade e de seus descendentes. Para organizar a escola, é fundada a Sociedade Escolar em Matador, que mantém um ensino semelhante ao da pátria de além-mar. Apesar das condições adversas, os imigrantes constroem, nesse Vale, relações sociais e educacionais próprias de boa parte da Europa.

A escola alemã emerge em meio a contradições. Ela substitui, de certo modo, a escola pública brasileira, porque pretende preservar a comunidade alemã, ainda que em terra estrangeira.

RESUMEN

Esta disertación aborda la constitución de la escuela alemana en el Alto Vale del Itajaí y el papel, específicamente, de la llamada Sociedad Escolar de Riberão Matador, en el período entre 1892 y 1930.

Es enfocado el movimiento de la inmigración europeo que le da origen a la Escuela, una realidad de los países industrializados de Europa. Varias familias de inmigrantes, antes instalados en ciertas Regiones del estado de Santa Catarina, vienen para el Alto Vale del Itajaí y el colonizan. La historia evidencia que los inmigrantes alemanes construyen en esta tierra, relaciones sociales y educativas propias de los estados alemanes. La formación de los descendientes de los colonos está unida a las costumbres, hábitos y cultura alemana.

En el nuevo mundo los inmigrantes enfrentan muchas dificultades, incluso la ausencia de educación escolar. Para ellos la escuela es fundamental en la preservación de su identidad y de sus descendientes. Para organizar la escuela, es fundada La Sociedad Escolar en Matador, que mantiene una enseñanza semejante a la patria allá-lejos del mar. A pesar de las condiciones adversas los inmigrantes construyen, en ese Vale, relaciones sociales y educativas propias de buena parte de Europa.

La Escuela alemana emerge en medio a contradicciones. Ella o substituye, de cierto modo, a la escuela pública brasileña, porque pretende preservar la comunidad alemana, aunque que en tierras extranjeras.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema central o estudo da implantação da escola alemã no Alto Vale do Itajaí e surge da necessidade de compreender a história da educação de Rio do Sul, antiga colônia Ribeirão Matador. Focaliza, também, a constituição da Sociedade Escolar e sua importância no processo de constituição da escola no início da colonização e, mais tarde, com a vinda de muitos outros imigrantes alemães a partir de 1892.

A pesquisa empírica, que consistiu em visitas a arquivos públicos e em entrevistas com descendentes de alemães, foi fundamental para a elucidação de aspectos da história da educação naquele local. Ficou evidente a importância da escola na vida dos imigrantes.

Os documentos encontrados, emprestados ou fornecidos pelos entrevistados, foram indispensáveis ao processo de constituição histórica desta região de Santa Catarina. Foram realizadas nove entrevistas com netos e apenas uma com filho de imigrantes alemães.

Na primeira parte do trabalho, são abordados motivos que levaram homens europeus a virem para a América. O movimento emigratório desencadeado em grande parte da Europa ocorre no momento em que excedentes humanos, homens expulsos de suas terras e do trabalho fabril, não encontram condições de sobreviver. Eles vêm para o Brasil com esperança de terem uma nova vida.

A maioria das famílias alemãs que vêm para Ribeirão Matador são oriundas de colônias vizinhas como Indayal, Blumenau, Hammonia e Aquidaban. Os imigrantes sonham em ser pequenos proprietários nesta terra proclamada pelas companhias de colonização como o novo Eldorado.

Em Matador, os imigrantes mais influentes, os empreendedores do comércio, ainda são lembrados como desbravadores da região. Portanto, a história é feita por homens, pelas relações que os organizam em sociedade. Os imigrantes alemães, indistintamente, foram participantes ativos no chamado desenvolvimento da colônia. Os colonos imigrantes construíram o moinho de cana, a olaria, a venda, a serraria, a moenda de milho, a fábrica de laticínios, a fábrica de charutos, o açougue, o matadouro de porcos, a produção de mel, as plantações de fumo, etc.

O processo de colonização do Alto Vale do Itajaí traz em seu bojo a

preocupação com a educação escolar. Assim, os imigrantes constroem a casa escolar e, simultaneamente, fundam a Sociedade Escolar responsável pelo funcionamento da escola. À essa escola é atribuída uma responsabilidade ímpar na vida dos descendentes alemães no Alto Vale do Itajaí.

De acordo com entrevistas feitas, foi possível identificar e descrever as principais tarefas da escola alemã e estrutura educacional erguida na colônia.

As visitas aos arquivos evidenciaram que a história da escola em Matador dependia sobremaneira da memória de descendentes alemães que ainda residem em Rio do Sul. A partir deles, puderam ser encontrados documentos que permitiram resgatar parte da história da colônia e, desse modo, da escola e da Sociedade Escolar que a manteve por décadas.

A segunda parte da dissertação constitui, em síntese, uma análise da trajetória da Sociedade Escolar de Ribeirão Matador e sua decisiva influência na constituição do processo educacional nesta colônia. A Sociedade Escolar manteve-se até meados da década de 1930. Esse fato revela que a educação configurou um dos pilares do processo de colonização do Alto Vale do Itajaí, juntamente com a Igreja. Para essa dissertação foram realizadas nove entrevistas, e, após as transcrições e a autorização dos entrevistados, utilizados os dados de três dos entrevistados em Matador e Rio do Sul. Além das entrevistas, há algumas afirmações colhidas nas conversas informais.

Através da história da Sociedade Escolar foi possível desvelar a estrutura administrativa da escola, onde ocorreram as primeiras aulas, quem eram os primeiros professores, a disciplina exigida dos discentes, os conteúdos pedagógicos adotados e, sobretudo, razões da importância da escola para os imigrantes.

Dessa forma, a educação torna-se um dos elementos fundamentais no processo de colonização do Alto Vale do Itajaí, mais especificamente para a colônia Matador, hoje cidade de Rio do Sul.

PARTE I – O CONTINENTE EUROPEU BUSCA SOLUÇÃO

É melhor para o Brasil que venham poucos, mas que sejam pessoas espiritual e fisicamente competentes e vigorosas, do que um grande número, entre os quais haja talvez muitos sonhadores e preguiçosos, que esperam encontrar o país das maravilhas e, iludidos pelos seus sonhos, coloquem esta bela terra em descrédito.¹

1.1 A Europa se fecha: a América se abre

O movimento social na Europa ocasionado principalmente pela Revolução Industrial e pela mecanização dos processos produtivos acelera a mudança na vida humana. A Europa no século XVIII vai aos poucos exigindo dos Estados alemães novos rumos que atingem as famílias alemãs. Uma das conseqüências dessas alterações refere-se à necessidade dos cidadãos dos diversos Estados alemães do campo de terem de buscar alternativas de trabalho nos centros urbanos. E uma parte da Europa, diante das transformações sociais e políticas, desencadeia o deslocamento de homens para outros países.

A vida na sociedade moderna, ao contrário das anteriores, modifica-se constantemente, alterando as condições da existência humana. Podemos entender que a migração² para os centros urbanos decorre da necessidade da busca de trabalho. Para Hobsbawm,

A maioria dos europeus era de origem rural, assim eram os imigrantes. O século XIX foi uma gigantesca máquina para desenraizar os homens do campo. A maioria deles foi para as cidades, ou, a qualquer preço, para fora do ambiente tradicional rural, em busca do melhor caminho que pudesse encontrar em mundos estranhos, assustadores, mas sobretudo promissores, onde se dizia que o pavimento das cidades era de ouro, embora alguns emigrantes não encontrassem mais do que um pouco de cobre.³

¹ BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. **Um alemão nos trópicos**: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil / Dr. Hermann Blumenau; organização: Cristina Ferreira, Sueli Maria Vanzuita Petry; tradução: Curt Willy Hennings, Annemarie Fouquet Shunke. – Blumenau: Cultura em Movimento: Instituto Blumenau 150 anos, 1999. BLUMENAU, Hermann Bruno Otto, 1899-1999. p.161.

² Migração significa todo o movimento de passar de um país para o outro, de poder ir e vir de uma região para outra.

³ HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**: 1848-1875. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 274.

O deslocamento dos homens de um lugar para outro não é fato natural. Na Europa, a divisão da terra existente foi uma das causas da fome nas famílias alemãs. Azambuja afirma que, para

fazer-se uma idéia do grau de divisão da propriedade, basta dizer que, por vezes, o dote concedido a filho casadeiro era constituído por uma única árvore frutífera. Se nessas regiões o direito de sucessão obrigava os pais a repartirem os seus haveres entre os filhos a ponto de os entregar freqüentemente à miséria, princípios diversos do mesmo direito que dava ao filho mais velho (ou mais novo, segundo a região ou a religião) a propriedade inteira produzia efeitos semelhantes em outras regiões germânicas. Pois neste caso, os demais filhos que não quisessem permanecer em uma situação de dependência permanente com relação ao primogênito eram obrigados ao êxodo quer para as cidades, quer para a América.⁴

Hobsbawm (1996) o afirma que a industrialização dos Estados alemães destaca-se no cenário histórico, econômico e político, expandindo-se a outros países. O exemplo dessa industrialização é percebido pela chegada e instalação da máquina de ferro, a "máquina de fixa", proporcionando o avanço nos processos de trabalho. Os Estados alemães apresentava um número elevado de habitantes. Assim, entre os anos de 1876 e 1880 contava aproximadamente com 42,7 milhões de habitantes. Na Áustria, especificamente o número sobe de 671 máquinas em 1852 para 9.160 máquinas em 1875, o que demonstra um avanço significativo no campo da industrialização. Assim, na Europa, o desenvolvimento industrial avança principalmente em países como a Inglaterra, a França e os Estados alemães, proporcionando o surgimento de tecnologias revolucionárias nas áreas têxtil e mecânica.

Desse modo, as mudanças revolucionárias ocorridas no século XIX na Europa alteram velozmente a vida das famílias alemãs. Elas são obrigadas a migrar entre os Estados alemães e, posteriormente, para a América, como demonstra o grande número de imigrantes alemães. O desemprego é algo inerente no modo de produção capitalista, muitos são excluídos do trabalho⁵ e simplesmente substituídos por máquinas. Nos Estados alemães, bem como em outros países como França e

⁴ AZAMBUJA, Hebe Schwoelk de. Imigração alemã em Santa Catarina. *Revista de Divulgação Cultural*. n. 57, jan./abr. 1995. p. 55.

⁵ "O trabalho só se tornou possível porque o processo de evolução biológica levou a espécie que seria mais tarde a do *Homo sapiens* a produzir e desenvolver em forma de processo histórico instrumentos materiais que lhe permitiriam modificar o meio ambiente em função de finalidades que, sendo idéias na espera do pensamento, se foram aos poucos criando e tornando conscientes". (Pinto, Alvaro Vieira, 1979. p. 339).

Inglaterra, não havia trabalho para todos. Os indivíduos vivia nas ruas, ou em condições miseráveis. Os países de parte da Europa Ocidental, principalmente os Estados da Confederação alemã, vivia sem distinção essa contradição social que obrigava a população à emigração e à migração. Kreutz afirma que

as migrações – internas e para outros países – se tornaram um fenômeno de proporções consideráveis. Houve migrações do campo para as cidades e emigrações de países europeus para outros continentes, especialmente para as Américas. Não tendo colônias para as quais pudesse repassar os excedentes populacionais e com uma expansão industrial relativamente tardia para absorver os egressos do campo, na Alemanha a emigração passou a ser um fenômeno desejável para contornar as tensões sociais provenientes do aumento “demográfico”. Com o favorecimento do governo, o êxodo começou, na Alemanha, especialmente rumo aos Estados Unidos da América, já no século XVIII.⁶

A supremacia francesa sobre a Alemanha durante o período napoleônico impulsiona, na segunda década do século XIX, a submissão dos camponeses à soberania dos capitalistas e dos nobres. Assim, na França e na Inglaterra, muitas famílias são expulsas de suas terras⁷ ou forçadas a deixar suas aldeias, que são queimadas e destruídas. Aos reis da Inglaterra não interessavam os campos, a não ser para criar ovelhas e fornecer lã para as manufaturas. Durante o reinado de Guilherme III de Orange, surgem os caçadores de lucros, iniciando-se uma era de roubo e expropriação, e, o que é pior, sob o domínio do Estado. Era uma época em que as pessoas se tornava nada, sendo substituídas facilmente. De acordo com Borchardt (1982), esse é o momento em que

os camponeses independentes eram substituídos por arrendatários sem condições, quer dizer, por colonos com contratos de um ano, uma gente servil e dependente das boas graças dos senhores de terra. O roubo dos sistemático das propriedades comunais se juntou ao roubo dos domínios do Estado, fazendo crescer essas fazendas, que no século XVII eram chamadas “fazendas de capitalistas” ou “fazendas de comerciantes”; e que “liberaram” a população agrícola em benefício da indústria.⁸

⁶ KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial: magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. Da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991. p.13.

⁷ Os que foram expulsos de suas terras com a dissolução das vassalagens feudais e com a expropriação intermitente e violenta – esse proletariado sem direitos – não podiam ser absorvidos pela manufatura nascente com a mesma rapidez com que se tornavam disponíveis. Bruscamente arrancados das suas condições habituais de existência, não podiam enquadrar-se, da noite para o dia, na disciplina exigida pela nova situação (Marx, 1998, p. 848).

⁸ BORCHARDT, Julian. **O capital**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1982. p. 176.

No caso dos Estados alemães, o que se tem é

um amontoado de pequenos Estados pobres e com uma economia baseada na agricultura. Três quartos da população alemã viviam em aldeias e pequenas cidades ligadas entre si por precárias vias de comunicação. Essa população estava dividida em três classes, de acordo com Snyder (1957, p. 31): “a nobreza, a classe média educada e o ‘povo’ (esta última incluindo todos os que a classe média considerava como seus inferiores – camponeses, artesãos, lojistas, servos e o proletariado)”. Comércio e Indústria eram regulados por velhas leis medievais.⁹

Os campos são transformados em áreas de pastagens, o que provoca ainda mais o êxodo rural.

Nos séculos XVII e XVIII, na Europa, os homens migram fugindo da fome. Sofrem a expropriação e expulsão de suas próprias terras, restando-lhes apenas vaguear de um lugar para o outro em busca de trabalho nas fábricas. Segundo Marx (1998),

o último grande processo de expropriação dos camponeses é finalmente a chamada limpeza das propriedades, a qual consiste em varrer destas os seres humanos. Todos os métodos ingleses até agora observados culminaram nessa “limpeza” (...) Em 1860, pessoas violentamente expropriadas foram exportadas para o Canadá sob falsas promessas. Uns fugiram para as montanhas ou ilhas vizinhas. Foram perseguidos pela polícia, entraram em choque com ela e conseguiram escapar. “Nas terras altas da Escócia”, diz Buchanan comendador de Adam Smith, “é diariamente subvertida a antiga situação de propriedade. (...) A terra, antes coberta por pequenos lavradores, estava povoada na proporção do que produzia; no novo sistema de melhor cultivo e de maiores rendimentos, obtém-se a maior produção possível, com a menor despesa possível e, para esse fim, são afastados os braços que se tornaram inúteis. (...) Os que são enxotados da terra procuram sua subsistência nas cidades industriais etc.¹⁰

A expropriação das terras na Inglaterra ou na França ocorreu pela ação da destruição das habitações dos camponeses e pela transformação de campos em pastagens para as ovelhas. Já nos Estados alemães ocorreu pela via de expropriação das terras do pequeno camponês para doar aos nobres grandes proprietários (Junkers)¹¹. Esse fato demonstra que o homem sempre encontrou uma forma de ser supremo ao próprio homem. Tanto no Sul como no Oeste dos Estados

⁹ SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1999. p. 19.

¹⁰ MARX, Karl, *O capital: crítica da economia política*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Livro I, v. II. 1998. p. 842-843.

alemães, a servidão era fato presente: os servos, tanto na Prússia quanto na Pomerânia, continuavam presos à terra vendida, persistindo o regime de servidão feudal. Assim, continua Marx (1998),

A limpeza de propriedades, ou a expropriação dos camponeses pelos nobres, na Alemanha, tornou-se sobretudo vigorosa na Guerra dos Trinta Anos e provocou, em 1790, revoltas dos camponeses no Eleitorado da Saxônia. A expropriação prevaleceu principalmente na Alemanha Oriental. Na maior parte das províncias da Prússia, Frederico II assegurou, pela primeira vez, aos camponeses o direito de propriedade. Depois de conquistar a Silésia, obrigou os proprietários das terras a reconstruírem as habitações, os celeiros etc. e a proverem os camponeses de gado e instrumentos agrícolas. Precisava de soldados para o exército e de contribuintes para o tesouro. A vida agradável dos camponeses, sob a tirania financeira de Frederico e sua mistura de despotismo, burocracia e feudalismo, pode ser inferida através da seguinte passagem de Mirabeau, que tanto o admirava: "O linho representa, portanto, uma das grandes riquezas do lavrador na Alemanha Setentrional. Infelizmente para a espécie humana, constitui apenas um recurso contra a miséria, e não um meio de bem-estar."¹²

Contudo, os Estados alemães não se diferenciavam dos demais países industrializados da Europa, nesse caso a Inglaterra e a França. Não existia muita diferença na vida desses homens europeus, porque sofriam as mesmas necessidades – falta de trabalho, terra, alimentação, teto para morar. Tais necessidades exigem que esses homens deixem o país onde moram para encontrarem um lugar onde exista a possibilidade de criar um novo habitat. Uma solução é o continente novo: a América aparece para os alemães como local de uma vida melhor. Assim, deixam sua pátria e enfrentam o desafio em busca do *Novo Mundo*. Esse movimento social denominado emigração tem suas raízes na história do passado desses cidadãos alemães. Mesmo diante da pobreza tinham a esperança de melhorar as condições de vida em outro mundo. Portanto, é preciso compreender o movimento de emigração alemã e as expectativas dos que para cá vieram.

A "América" ainda era o Novo Mundo, a sociedade aberta num país aberto onde o imigrante sem um centavo podia, como se acreditava, fazer-se a si mesmo (o self-made man) e, desta forma, construir uma república igualitária e democrática,

¹¹ Junkers eram os nobres grandes proprietários de terras (Seyferth, 1999, p. 20).

¹² MARX, op. cit., p. 845-846.

*a única de tamanho e importância no mundo em 1870. A imagem dos Estados Unidos como uma alternativa revolucionária política às monarquias do Velho Mundo, com sua aristocracia e sujeição, era talvez mais viva que nunca, pelo menos fora de suas fronteiras. A imagem da América como lugar onde a pobreza não tivesse vez, de esperança pessoal através do enriquecimento individual, substituiu a velha imagem européia. O Novo Mundo confrontava crescentemente a Europa, não como a nova sociedade, mas como a sociedade dos novos ricos.*¹³

Há poucas informações sobre perseguições religiosas e políticas. Os dados estatísticos da emigração dão uma idéia do movimento de imigrantes que se deslocam para a América.¹⁴ Parte do povo europeu é obrigado a partir em busca de outro mundo. A emigração no século XIX não ocorre somente por motivos econômicos ou administrativos, mas faz parte de um movimento geral cujo epicentro é a Europa. A industrialização é a grande causa desse processo emigratório: os artesãos não conseguiam mais concorrer com as máquinas e os colonos (camponeses) não tinham condições de competir com os produtos estrangeiros (ingleses). Assim, tanto em relação à Europa quanto aos Estados alemães, a emigração se constituía num grande negócio para os agentes de colonização localizados na Europa e empreendedores das filiais de colonização estruturadas em todo o Alto Vale do Itajaí. Também são causas da imigração a crise agrária que durante anos pesou sobre os agricultores e a opressão sufocante dos impostos públicos que oprimiam e esmagavam a agricultura e os pequenos industriais. Portanto, a emigração demonstra ter elos com os problemas sociais, pois houve até quem tivesse que obter licença para pedir esmolas. Como afirma Marx (1998),

*Os que foram expulsos de suas terras com a dissolução das vassalagens feudais e com a expropriação intermitente e violenta – esse proletariado sem direitos – não podiam ser absorvidos pela manufatura nascente com a mesma rapidez com que se tornavam disponíveis.*¹⁵

Segundo Willems (1980), na metade do século passado, emigraram para o Brasil centenas de famílias alemãs e, com elas, profissionais tais como artificies,

¹³ HOBBSAWM, op. cit., p. 155.

¹⁴ Até 1848 emigraram da Europa de 30 mil a 40 mil pessoas por ano. Em função da crise de 1845-48 os emigrantes chegaram a 300 mil por ano. De 1841 a 1880 terão sido uns 13 milhões. E nos anos seguintes, ponto alto das emigrações européias, foram outros 13 milhões (Kreutz, 1991, p. 13).

¹⁵ MARX, op. cit., p. 848.

operários, professores, carpinteiros, serralheiros, costureiras, etc. O desejo de ser autônomo, de viver de seu próprio trabalho, do seu negócio, de ser “novo rico” parecia ser um sentimento geral.

Na Alemanha, a administração de alguns territórios sob o regime monárquico também forçou o êxodo devido a impostos exagerados sobre as pequenas propriedades. Era comum nesse tempo famílias da mesma comuna deixarem suas propriedades fugindo da perseguição política e de autoridades fiscais para embarcarem em portos dos Países Baixos à procura de uma nova vida na América. Entretanto, na condição de imigrantes, ficavam à mercê da exploração alheia:

a colonização estrangeira, a qualidade e procedência dos imigrantes e sua localização, o sistema de colonização, fazem parte direta das cogitações políticas dos governos. As empresas de colonização fundadas com capital estrangeiro ou brasileiro, organizadas em moldes individuais ou sociais, não discutem a oportunidade de introdução de imigrantes estrangeiros, mas introduzem o maior número possível, vendendo-lhes as terras pelo maior preço possível, e adotando o sistema de colonização mais adequado a seus desígnios econômicos. A construção de igrejas, escolas, hospitais e estradas obedece primeiro ao intuito de valorizar as terras e atrair para elas um número crescente de imigrantes acenando-lhes com “vantagens” destinadas a facilitar o reajustamento que a situação nova exige.¹⁶

Para o governo brasileiro, o contingente de famílias alemãs que vêm da Europa e que chegam a Santa Catarina e a todo Sul do Brasil, embora não muito elevado, se comparado ao número de imigrantes europeus que foram para os Estados Unidos da América, não deixa de ser significativo. O governo imperial incentiva a emigração porque tem algumas finalidades como o branqueamento da população brasileira, o incremento do trabalho livre¹⁷ em províncias brasileiras (o que antecede a industrialização), a eliminação do trabalho escravo¹⁸ e a criação da pequena propriedade entre o planalto e o litoral, regiões até então ocupadas pelos povos indígenas.

¹⁶ AZAMBUJA, op. cit., p. 57-58.

¹⁷ O trabalho dos imigrantes é considerado livre, porque o trabalho escravo no Brasil estava para ser substituído pela força da mão de obra dos imigrantes europeus. Imigrantes livres a mercê e sob o domínio da classe dos latifundiários.

¹⁸ Trabalho escravo ao ser mencionado recorremos aos tempos do movimento referente ao tráfico de escravos no Brasil. Homens trazidos do continente Africano para serem a força da mão-de-obra nas fazendas brasileiras. Assim sendo, a simbologia desse movimento é marcada pela raça negra.

Durante o século XIX no Brasil, uma série de tratados vão ser criados como medidas para terminar com o tráfico de escravos, e ações que exigem o fim do trabalho escravo são postas em prática. Portanto, aos grandes latifundiários (senhores das fazendas), por exigência legal, cabe a missão de substituírem a força de trabalho. Assim, no Brasil o trabalho escravo existente nas fazendas e colônias passa a ser combatido para que chegue ao fim. Portanto, no bojo das leis deve existir o amparo de tais ações. De acordo com Lazzari (1980), em

23 de novembro de 1826, é assinado um tratado pelo qual o Brasil se compromete proibir totalmente o tráfico no prazo de três anos, após a troca de ratificações efetuadas em 1827.¹⁹

Mas, no movimento das relações de trabalho rural, o trabalho escravo, mesmo não existindo mais perante a legalidade, permanece oculto nas relações de trabalho da colônia. Na verdade, os senhores rurais, mesmo com a aprovação da Lei do Ventre Livre, têm consciência de que os escravos continuariam dependentes na fazenda durante no mínimo 70 anos. Para Seyferth (1999), o

significado mais imediato de “trabalho livre” é a desqualificação dos negros e mestiços para o trabalho independente. Eram, pois, considerados incapazes de agir por iniciativa própria – pressupunha-se, portanto, que fracassariam como pequenos proprietários.²⁰

O homem sempre escravizou outros homens diante de situações de vida impostas pelo próprio homem nas relações sociais de trabalho. Coloca à disposição do outro a única alternativa que lhe resta vender, sua força de trabalho. Nas mãos daqueles que detêm o poder do dinheiro, a força de trabalho passa a ser a mercadoria de troca. Lazzari (1980) diz que

O Trabalho escravo é excluído do crescimento da economia urbano-comercial, onde se deu primeiro a emergência e a expansão do trabalho livre como mercadoria e continua preso ao trabalho bruto e braçal.²¹

¹⁹ LAZZARI, Beatriz Maria. *Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980. p. 24.

²⁰ SEYFERTH, op. cit., p. 46.

²¹ LAZZARI, op. cit., p. 27.

Na colônia de Matador o imigrante se apossou das terras e forçou o índio à evasão. Portanto, os indígenas que ocupavam a região do Vale do Itajaí, Médio Vale do Itajaí e Alto Vale do Itajaí vão sendo expulsos de suas terras. Dito de outra forma, são forçados a se afastarem cada vez mais para longe de suas terras, cedendo forçosamente o seu espaço aos imigrantes. Há até quem proporcionasse aos imigrantes proteção a possíveis ataques dos índios. A Sociedade Hanseática, por exemplo, assume o compromisso de promover tal segurança, protegendo os colonos caso houvesse ataque. Isso demonstra que os agentes prometeram proporcionar aos colonos o bem-estar social na colônia. Segundo Richter (1992), tal compromisso é negociado através das condições de se “ajudar na construção de igrejas e escolas, a contratar médicos e providenciar os remédios necessários, a organizar junto aos colonos a defesa contra incursões dos índios”.²²

Os imigrantes chegam a Santa Catarina através dos portos de São Francisco, Itajaí e Desterro, portas de entrada para todos eles, que precisam instalar-se no galpão dos imigrantes. Vão aguardar as demarcações para posteriormente ocupar as terras na colônia. Para Richter (1992), embora a

*imigração transatlântica alemã já tivesse ultrapassado o seu auge, depois do último grande surto de 1880/84, decrescendo rapidamente, daí em diante, representantes burgueses da opinião pública, empresários e políticos continuam, no final do século XIX, interessados nesse movimento. Adeptos do imperialismo e do nacionalismo da época consideram de interesse nacional a formação de grupos étnicos alemães no além-mar. Para tal fim, recomendam que sejam fundadas colônias agrícolas em regiões que: 1) sendo pouco habitadas pelos nativos e possuindo condições climáticas vantajosas, favorecessem uma imigração alemã em grande escala com boas possibilidades de desenvolvimento; 2) pelo fato de a população nativa ser de “raça inferior” garantisse que a etnia, cultura, língua e nacionalidade dos imigrantes fossem preservadas; 3) a longo prazo, fornecessem matérias-primas para a Alemanha; 4) no início, não desenvolveram indústria própria, dependendo, portanto, da importação de produtos industriais da Alemanha.*²³

Assim, a emigração para o Brasil é fato que interessa, também, aos Estados alemães. As divulgações realizadas na Europa afirmam que na América a

²² RICHTER, Klaus. *A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. 2. ed. rev. e amp. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. Da FURB, 1992. p. 32.

²³ Id., *ibid.*, p. 13.

vida com certeza poderia ser melhor e que os imigrantes haveriam de manter um elo com sua pátria através do comércio que a própria burguesia européia necessitava.

Portanto, as companhias de colonização organizavam a vinda dos colonos, objetivando instalar os imigrantes na região Sul, em parceria com o governo da Província, que doava as terras às companhias de colonização. Assim, é

Através de uma dessas companhias – a Sociedade Protetora dos Imigrados –, que chegou ao Brasil o jovem alemão Hermann Bruno Otto Blumenau. Ele visitou por alguns meses os estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina para observar as condições de vida dos colonos alemães instalados e verificar a possibilidade para a vinda de novos imigrantes. Do resultado destas visitas, Dr. Blumenau elaborou um projeto para a instalação de uma colônia às margens do Rio Itajaí.²⁴

A firma que o Dr. Blumenau representava faliu, levando-o a constituir uma empresa particular. Estabelece com o governo da província de Santa Catarina acordo de concessão de terras para fundar uma colônia agrícola no Vale do Itajaí, procurando, assim, contribuir com o seu próprio projeto de colonização e imigração no Sul do Brasil. O Dr. Blumenau, ao retornar à Alemanha, em 1849, inicia uma campanha no sentido de divulgar amplamente as riquezas naturais encontradas no Vale do Itajaí, lugar onde a fome e a miséria deixariam de existir para aqueles que estivessem dispostos a emigrar e trabalhar muito na região escolhida por ele. Para tanto, espalha a crença de que os alemães poderiam tornar-se grandes empreendedores na província de Santa Catarina. Diz que, num prazo de um a dois anos, os cidadãos dos Estados alemães teriam uma vida melhor.

Recorre aos jornais de Hamburgo, e através de anúncios²⁵ explica aos artífices, médicos, professores, mecânicos, engenheiros, arquitetos, construtores de moinhos e rodas d'água qual pode ser a melhor região para fixar residência e aconselha os alemães sobre o quanto têm de trabalhar para mudar de vida. Alerta-os de que devem vir preparados para enfrentar a lida com a terra onde, paralelamente, podem exercer outra atividade de trabalho. O Dr. Blumenau afirma que o

Brasil é um país extremamente belo, fascinante, abençoado e prodigamente contemplado pela natureza, um verdadeiro diamante à espera de um hábil mestre

²⁴ BEVILACQUIA, Viviane. Fuga da crise dá início a uma cidade próspera. *Diário Catarinense*, 27 ago. 2000.

²⁵ O passo seguinte foi transformar o conhecimento adquirido num livro, que intitulou *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*.

que o transforme na jóia mais preciosa do mundo. No seio das suas montanhas jazem os metais mais nobres e as mais valiosas pedras preciosas. Seu solo equipara-se aos mais férteis do mundo e sua superfície é coberta de florestas verdejantes, que contêm as mais nobres madeiras, e de campos infinitos, que alimentam numerosos rebanhos no verão e no inverno. Inúmeras fontes e riachos alimentam os majestosos rios que correm pelos seus campos e o litoral é repleto de baías e portos, que asseguram o escoamento dos produtos. O clima e a salubridade desta vasta e bela terra devem ser considerados como os melhores. Mas nem todas as regiões deste país são recomendadas, para que a maioria dos imigrantes alemães possa desenvolver suas atividades. Pessoalmente, estou convencido de que o alemão que estiver estabelecido abaixo do Equador, numa região saudável, poderá trabalhar no campo e nos locais onde existe muita elevação sobre o nível do mar. Nas regiões tropicais, torna-se imprescindível ao trabalhador do campo do norte da Europa a observação de algumas precauções, no entanto, por displicência ou ignorância, geralmente levado pela ganância, não as observa e freqüentemente surgem conseqüências devastadoras, que podem levar à miséria.²⁶

Frisa ainda que

somente deveriam emigrar para Santa Catarina pessoas que entendessem de um ofício, pois nesta faixa de terras percebe-se uma reduzida população com estas características, indispensáveis para a construção de um país. Mas precisam saber utilizar adequadamente seus braços nas atividades do cultivo da terra, conciliando assim as várias tarefas.²⁷

Os primeiros imigrantes alemães que chegam ao Brasil entre 1819 e 1824 vêm para as regiões Sudeste e Sul do País. Dados estatísticos demonstram que em diferentes épocas tivemos imigrantes chegando ao Brasil. No entanto, é difícil obter precisão do número de imigrantes alemães que aportam no Brasil. Segundo Kreutz (1991), de 1820 a 1890, os alemães representavam 30% do total dos imigrantes nos Estados Unidos.

Para Seyferth (1990) afirma que os dados mais corretos são encontrados a partir de 1884. Somente Willems (1980) possui dados estatísticos mais consistentes, elaborados a partir de estatística oficial fornecida pelo Departamento Nacional de Povoamento:

A imigração alemã foi de 154.999 pessoas, das quais 90.000 aproximadamente entraram antes da Primeira Guerra Mundial. Até 1914, toda imigração alemã no Brasil não excederia, portanto, a 65.000 indivíduos. Esta cifra fica muito aquém de outros cálculos, tanto brasileiros como alemães, pois estes indicam, para o mesmo período, 99.679 e aqueles referem-se a 134.230 imigrantes. Existe mais

²⁶ BLUMENAU, op. cit., p. 49.

²⁷ Id., ibid., p. 49.

uma estatística oficial brasileira que dá um total de 170.645 alemães imigrados entre 1884 e 1939. Esse total distribui-se como segue: 1884-1893 = 22.778, 1894-1903 = 6.698, 1904-1913, 33.859, 1914-1923 = 29.339, 1924-1933 = 61.728, 1934 = 3.629, 1935 = 2.423, 1936 = 1.226, 1937 = 4.642, 1938 = 2.348, 1939 = 1,975.²⁸

Para Richter (1992),

em 1891, segundo estimativa do Ministério das Relações Exteriores Alemão, estavam vivendo cerca de 200 mil pessoas de língua alemã no sul do Brasil. Em um manual destinado à documentação dos alemães fixados além das fronteiras do "Reich", Em 1902 estimava que no Brasil havia 350 mil pessoas falando alemão. Segundo esta fonte, desses 350 mil alemães e descendentes de alemães estavam vivendo, na época: 150 mil estão no Rio Grande do Sul, ou seja, 15% da população do Estado. 80 mil em Santa Catarina, ou seja, 20% da população de SC; 25 mil no Paraná, ou seja, 7% da população do PR.²⁹

Para o Vale do Itajaí, de acordo com D'Amaral (1950), no período de 1903 a 1914, chegam 1.600 imigrantes alemães. De 1915 a 1918, não existiu imigração europeia, mas houve o movimento de emigração interna no Alto Vale do Itajaí, bem como entre os colonos emigrados na Província de Santa Catarina. No geral, no período de 1923 a 1926 ocorre a chegada de 2.781 imigrantes alemães. Nos quadros abaixo são mostrados mais números e informações sobre imigração e emigração de europeus na América, no Brasil e em Santa Catarina.

Quadro 1 – Imigrantes europeus que vieram para a Santa Catarina, Brasil, América.

<i>Imigrantes europeus que vieram para a Santa Catarina</i>					
Item	Autor	Ano	EUA	BRASIL	Santa Catarina
1	D'Amaral	1923-1926			2.781
<i>Imigrantes europeus que vieram para a América</i>					
1	Hobsbawm	1846-1875	9 milhões		
2	Hobsbawm	1900	1 a 1,4 milhão		
<i>Imigrantes europeus que vieram para a América e para o Brasil</i>					

²⁸ WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2 ed., il., rev. e ampl. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1980. p. 40.

²⁹ RICHTER, op. cit., p. 13-14.

1	Kreutz	1841-1880	13 milhões		
2	Kreutz	1824-1890		200.000	
<i>Imigrantes europeus que vieram para o Brasil</i>					
1	Richter	1891		200.000	
<i>Imigrantes europeus que vieram para o Brasil</i>					
1	Willems	1884-1939		170.645	

Quadro do fluxo de imigrantes entre 1850 e 1899

Ano	Número	Observações
1850	17	
1851	8	
1852	110	
1853	28	
1854	145	Em dezembro de 1854 246 colonos (142 homens e 104 mulheres, dos quais 62 se retiraram nesse período).
1855	30	Alemães – sob contrato de 1855, ação esta resultado da propaganda realizada na Alemanha por Reinold Gaertner.
1856	298	Alemães
1857	199	
1858	83	
1859	29	Entre 1850 e 1859, 947 imigrantes alemães
1860	91	
1861	542	
1862	607	
1863	168	
1864	127	
1865-1869	2.949	
1870-1874	7.003	
1875	1.129	População de 1875-1876: 228 italianos; 1.233 tirolezes; 679 alemães.
1875-1876	1.078	População de 1875-1876: 228 italianos; 1.233 tirolezes; 679 alemães.
1877	370	
1878	893	
1879	456	
1880	455	
1881	162	
1890	2.408	
1892-1899	2.909	
1850-1899		a) Emigraram do estrangeiro e se estabeleceram: 20.775. b) Emigraram de outros municípios: 3.717. c) TOTAL= 24.492.
POPULAÇÃO DE 1850-1899 = 34.472 Habitantes		

Fonte: Acervo de documentos Francisco Fronza, pasta nº D – 29 e Acervo do Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" – Blumenau – SC, P.02.86 – 862.

A divulgação nos Estados alemães da fundação de colônias agrárias alemãs nas províncias do Brasil tem por objetivo convencer os alemães das vantagens da colonização. Segundo Richter (1992),

Karl Ballod achava, em 1899, que seria possível estabelecer de 500 a 750 mil famílias de pequenos camponeses alemães no sul do Brasil. Um outro, Robert Jannasch, em 1902 calculava que, se fosse possível introduzir 5 mil imigrantes por ano, dentro de 16 a 20 anos, já estariam vivendo naquelas regiões brasileiras, 100 mil colonos alemães que comprariam artigos importados da Alemanha, num valor aproximado de 10 milhões de marcos.³⁰

Portanto, já existia quem aguardasse com expectativa uma possível separação dos estados do Sul do Brasil. Assim, para

alguns imperialistas alemães, na época da Proclamação da República, esperavam que os três estados meridionais se separassem do resto do Brasil e, que em tal caso, recomendavam que fossem estabelecidos estreitos núcleos políticos entre esses estados e a Alemanha. Um deles era Carl Fabri, gerente e, mais tarde, diretor da Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo, pessoa de alto destaque nas atividades colonizadoras em Santa Catarina.³¹

Tais fatos demonstram o interesse alemão na ocupação de novos espaços em outros continentes e que é reforçada a colonização através da ocupação territorial na América. No Brasil, o governo imperial percebe a necessidade de mudar a situação da economia rural brasileira. Com a imigração é criada a possibilidade de aumentar a população livre e de implantar a indústria e o comércio nas províncias.

Assim, nascem as primeiras propostas de imigração e, junto delas, afloram promessas do governo brasileiro. Entretanto, tais promessas não são cumpridas. No Rio de Janeiro, por exemplo, um grupo de suíços sofre as consequências do abandono governamental e fica sem ter a quem recorrer. Lazzari (1980) afirma que o imperador,

³⁰ Id., *ibid.*, p. 14.

³¹ Id., *ibid.*, p. 14.

através da colonização européia, procura diminuir a assustadora percentagem de população escrava pela introdução de colonos europeus; substituir o trabalho escravo pelo trabalho livre, a grande propriedade, criando, no país, uma classe média. Pretendia também aumentar a população no país, favorecendo a implantação da indústria, comércio, etc. Para alcançar os objetivos da imigração, o governo promete, aos colonos europeus que quisessem se estabelecer no Brasil, gratuidade no transporte, doação de um lote rural, instrumentos de trabalho, sementes, ajuda em dinheiro para os primeiros anos, assistência religiosa e outras vantagens. Em 1819, realiza em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, a primeira experiência de colonização, dirigida pelo governo, nas condições estabelecidas por sua política de colonização. São introduzidos, nessa colônia, 1.790 suíços. Várias causas contribuem para que malogre a primeira tentativa de colonização européia no Brasil, contrariando as expectativas de seus promotores. As péssimas condições do transporte marítimo, o não-cumprimento das cláusulas do contrato por parte do governo, a falta de competência dos administradores e a má localização da colônia foram as principais causas do insucesso da primeira tentativa de colonização no Brasil.³²

No Vale do Itajaí, uma das iniciativas de colonização estrangeira surge em setembro de 1847, promovida pelo belga Charles Van Lede, mas apenas uns poucos colonos belgas foram introduzidos na colônia: “Vieram para região 122 Belgas, porém, muitos, devido às dificuldades, voltam à sua pátria entre 1850-1860”.³³ Ele funda a Colônia Belga de Ilhota no baixo Itajaí-Açu, mas devido a atritos entre colonos e administradores, à falta de amparo, à inexistência de políticas para demarcação das linhas divisórias e à falta de proteção, tanto por parte do governo imperial quanto do governo provincial, essa iniciativa acaba fracassando. A colonização belga no Vale do Itajaí, portanto, inicialmente não dá certo e os colonos se dispersam.

O grande movimento de imigração alemã no Estado de Santa Catarina ocorre em 1850, com iniciativa da colonização particular, por empenho de Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, que juntamente com outros dezessete³⁴ imigrantes

³² LAZZARI, op. cit., p. 31-32.

³³ FICKER, Carlos. Charles Van Lede e a colonização belga em Santa Catarina. Subsídios para a história da colonização de Ilhota, no Rio Itajaí-Açu, pela “Compagnie Belge-Brasiliense de Colonization”. Blumenau em Cadernos, 1972. Set (sob n. 920 – FIC – CHA).

³⁴ 1 – Reinhold Gaertner – Lavrador – Brunswick – Está estabelecido na barra do Itajaí-Mirim – 26 anos; 2 – Franz Sallentien – 24 anos – Lavrador; 3 – Paulo Kellner – 23 anos – Lavrador – Brunswick. Onde posteriormente montou um engenho de serrar; 4 – Julius Ritscher – 22 anos – Geômetro – Hannover – Trabalhou em 1854 como agrimensor no Rio de Janeiro; 5 – Wilhelm Friedenreich – 27 anos – Natural da Prússia, casado com Minna – Veterinário; 6 – Minna Friedenreich – 24 anos – Mulher do antecedente – Prússia; 7 – Clara Friedenreich – 2 anos – Filha do mesmo; 8 – Alma Friedenreich – 9 meses – Idem; 9 – Daniel Pfaffendorff – 26 anos – carpinteiro – Saxônia – Morreu afogado em 22/02/1852; 10 – Friedrich Geier – 27 anos – Marceneiro – Hollstein – Estabeleceu-se no Rio de Janeiro; 11 – Frederich Riemer – 46 anos – Charuteiro – Prússia – Permaneceu como colaborador de Blumenau até sua morte. É o único que não foi embora; 12 – Erich Hoffmann – 22 anos – Funileiro – Prússia – Estabeleceu-se no Rio de Janeiro; 13 – Andreas Kohlmann – 52 anos – Ferreiro – Prússia – Estabeleceu-se no arraial de Pocinho, deste Rio; 14 – Johanne Kohlmann – 44 anos – Mulher do antecedente – Prússia; 15 Maria Kohlmann – 20 anos – Filha

chegam à região do Vale do Itajaí. Através da história, constatamos que os movimentos emigratórios no Estado de Santa Catarina vão se tornando gerais, porque a região que abrange o Vale do Itajaí, o Médio Vale e o Alto Vale do Itajaí, seguindo o rio Itajaí acima em direção ao Planalto Catarinense, é uma região que interessava ao governo Imperial. O Planalto Serrano foi ligado por vias de acesso (estradas, picadas) com à região do Vale do Itajaí, e essa interligação os imigrantes tiveram facilidades no escoamento dos produtos excedentes produzidos nas regiões de todo o Vale do Itajaí e do Planalto.

Muitos foram os imigrantes europeus que fundaram colônias no Vale do Itajaí ou em outras regiões do Estado de Santa Catarina, e todas essas colônias constituíram sua história baseadas nas raízes culturais de seus países. Elas foram se estruturando através de sociedades que mantinham os laços de ligação com o mundo além-mar. Dessa forma colônias estatais importantes são fundadas:

- No Estado de Santa Catarina, a primeira colônia a ser fundada foi a de São Pedro de Alcântara, o ano de 1828;
- Santa Isabel, em 1947;
- Blumenau, em 2 de setembro de 1850;
- Dona Francisca, em 1951;
- Theresópolis, em 18 de novembro de 1859;
- Brusque, em 4 de agosto de 1860;
- Ascurra, em 15 de novembro de 1876;
- Matador, em 2 de setembro de 1892;
- Hansa – Hamônia, em 8 de novembro de 1897;
- Presidente Getúlio, em 1º de julho de 1904;
- Ituporanga, em 1911.

Entre 1878 e 1879, no local denominado Riachuelo, fixaram-se alguns colonos oriundos da Itália, que sofreram com a hostilidade do meio ambiente e com a malária. Alguns desses imigrantes foram mortalmente atingidos em um ataque de um grupo de cerca de 100 índios Botocudos. A maioria deles também ficou abalada pela falta de alimentos. Por não ter recebido seus salários e nem o auxílio pecuniário do Governo Catarinense, esse grupo de imigrantes italianos encontrava-se na mais efetiva situação de miséria, precisando de ajuda e intervenção das autoridades das colônias mais prósperas. Nesse caso, houve a intervenção da diretoria da colônia de Blumenau, que procurou ajuda do Governo da Província de Santa Catarina através de abaixo-assinado apresentado à diretoria solicitando os salários atrasados, pedido este que diz respeito a serviços prestados na construção de estradas.

Tenho a honra de apresentar a V. Exa. a inclusa petição em que os lombardos, estabelecidos no Distrito de Riachuelo, a que se referiram meu ofício número 93 de 31 de outubro último o telegrama de 13 do corrente, pedem o pagamento de seus salários atrasados e o aumento, a 2\$000 do atual de 1\$500.³⁵

O Governo da Província efetuou o pagamento em 30 de janeiro de 1880, mas não concedeu o aumento solicitado pela diretoria da colônia de Blumenau na pessoa do Dr. Blumenau. Os referidos imigrantes são removidos para Indayal e posteriormente, com a abertura da estrada de Blumenau, iniciam a aquisição de terras circunvizinhas. Assim, o povoamento de Suedarm³⁶ tem suas origens no fluxo de imigrantes estabelecidos nas colônias de Indayal e de Blumenau. A colônia de Blumenau torna-se o pólo primeiro e irradiador da colonização do Vale do Itajaí e, portanto, da Colônia do Ribeirão Matador.

Os imigrantes alemães vêm para o Alto Vale do Itajaí no início do ano de 1892, almejando, além de produzir o sustento através do plantio na lavoura, também obter outras riquezas. Para Klug (1997),

muitos dos imigrantes alemães em Santa Catarina procediam exatamente do campo. Eram camponeses empobrecidos, "bóias frias" da época, que buscavam realizar o sonho da terra própria. Portanto, agricultores que não tinham "perdido sua habilidade" com as lides do campo. Entre estes, constata-se também que se

³⁵ Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" – Blumenau, SC. Relatório Colônia de Blumenau em 20 de dezembro de 1879. P.02.79-793.

³⁶ "Suedarm" é uma palavra da língua alemã que significa "Braço do Sul".

localizaram em maior quantidade na colônia Dona Francisca.³⁷

O imigrante alemão agricultor de meados do século XIX, aquele pobre colono rústico e dependente da Alemanha, já não existe mais. Significa dizer que as colônias da Santa Catarina já eram povoadas por colonos imigrantes bem-sucedidos. Segundo afirma Flos (1961),

não se pode nem deve contar com tais agricultores, e além disto porque a maioria dos colonos não se dão por satisfeitos com um quinhão de terras, mas julgam como meio de produção, e finalmente porque os colonos mais atuais apreciam suas relações com o império alemão e sua cultura social que permeia todas as camadas da população, de maneira diferente do que os colonos que chegaram nos meados do século XIX.³⁸

O objetivo do imigrante é adquirir um bom lote de terras na colônia, seja ele situado no Vale do Itajaí, no Médio Vale ou no Alto Vale do Itajaí. Este foi o caminho seguido por muitos deles, que exigiam de início uma visita à colônia escolhida para fixar residência e fazer fortuna.

A Colônia do Ribeirão Matador, situada no Distrito de Bella Aliança, no Alto Vale do Itajaí, começa a sua colonização com a vinda de Francisco Frankenberger, em 1892. Em 1896 vêm Hermann Fuchs, Johan Heinrich Kopelke, Willy Hering em 1905, Wilhelm Klar, Ferdinand Schlup em 1912, Alfred Swarowsky em 1916, Hans Kroeger e outros imigrantes.

Em 3 de setembro de 1905, vem Willy Hering, que obtém concessão do Governador do Estado de Santa Catarina³⁹ para abrir e construir estradas nessa área. Com a construção de uma estrada em Ribeirão Cobras, com extensão de 12 quilômetros, a abertura de picadas e a construção de estradas no Valle do Ribeirão das Lontras, recebe em troca uma grande área dessas terras devolutas.

Assim é que ganhou a concessão de terras no Valle do Ribeirão das Lontras, colocando agrimensores para medir, demarcar e realizar o desenho dos

³⁷ KLUG, João. *A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina: a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938)*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo. p. 38.

³⁸ FLOS, Max Heinrich. *Nossos pais*. São Leopoldo: Rotermund & Cia. Ltda, 1961. p. 189.

³⁹ Governador Hercílio Pedro da Luz.

mapas. As áreas demarcadas vão recebendo o nome de Donna Paula, Donna Lúcia, Fazenda Verônica, em homenagem às filhas de Willy Hering (Anexo IX).⁴⁰ Ele também foi proprietário de outros lugares no Valle do Ribeirão das Lontras, de terras em Concórdia e de uma gleba de terras no Alto dos Ribeirões Lontrinhas e Cutia, assim como dos lotes números 6, 8 e 10 da linha de Ribeirão Lontrinhas, uma área de terras correspondente a 3.501.834,87 m² (Anexo X).⁴¹

A partir de um contrato com o Governo Catarinense, colonizou essas terras num prazo de 10 anos. Depois disso, pode, então, vender as terras para outros imigrantes ao preço que bem entendeu.⁴² Willy Hering teve divergências políticas com o Sr. Henrique Schroeder, que também possuía um estabelecimento destinado ao comércio em Lontras. Schroeder não aceitava que Willy Hering fosse proprietário de terras no Valle do Ribeirão das Lontras.⁴³

Feita a medição e a demarcação dos lotes, Willy Hering passa a negociá-los com os imigrantes alemães e de outras etnias, que se instalam, primeiramente, no Galpão dos Imigrantes existente no Valle do Ribeirão das Lontras. Em Matador, a colonização é feita a partir de várias iniciativas. Portanto, para D'Amaral (1950),

O desbravamento dessa rica região catarinense, a que de todas apresentou o mais rápido e espetacular progresso, foi iniciada ao tempo do Superintendente Paulo Zimmermann. A colonização, porém, tomou vulto, com a constituição da Sociedade Colonizadora "Feddersen, Reif, Jensen" e mais tarde pela ação do "Sindicato Agrícola do Município de Blumenau", organizado em 1910, com o objetivo precípua de fomentar a agricultura e a pecuária em todo o território da grande comuna. Essas empresas se tornaram, em geral, concessionárias de terras em pagamento de estradas construídas nessa zona do "Hinterland"

⁴⁰ Anexo IX. Acervo: Reguita Beschinock.

⁴¹ Anexo X. Acervo: Reguita Beschinock.

⁴² Do universo da pesquisa empírica, foram realizadas oito entrevistas. Da entrevista número 3, conseguimos recuperar fragmentos, trechos que se referem em parte à história da Colônia Matador, que atualmente é chamada pelo mesmo nome: Matador, Bairro Bela Aliança. A seguir trechos da entrevista realizada com Alois Kopelke e a senhora Luiza Rothenburg. Alois afirma que "o seu avô, Johan Heinrich Kopelke, era um engenheiro de medição. No ano de 1896, ele já estava medindo as terras em Matador, quando veio de Blumenau para Indayal. O Francisco Frankenberger já estava morando na região. Na época os primeiros imigrantes alemães eram os Frankenberger, Fuchs e Kroeger. O Sr. Kroeger morava no outro lado do Rio Itajaí-Açu, a caminho da localidade de Cobras. Ele foi o homem que iniciou a abertura da picada (caminho Cobras), hoje valada São Paulo. Willy Hering tinha um professor que media e demarcava as terras na colônia Matador e no Ribeirão Lontras, nas localidades que mais tarde receberam o nome de Donna Paula e Donna Lúcia. Tinha autorização para colocar um agrimensor nessas áreas". Luiza Rothenburg, na entrevista número 3, diz: "Isso eu posso afirmar, porque eu estava lá na casa do Sr. Hering. Trabalhei de empregada para a família. As primeira medição foi realizada por Kopelke e um agrimensor particular. O Willy Hering teve o direito de vender depois essas terras. As famílias alemã conforme vinham chegando de Blumenau, negociavam suas terras. Colocavam um rancho e começavam a trabalhar" (acervo do autor).

⁴³ É importante frisar que todas as denominações são identificadas no mapa anexo IX. O empréstimo do mapa serve de identificação e confirmação da quantidade de terras e dos nomes das propriedades que pertenciam a Willy Hering. Exemplo: Donna Paula, Donna Lúcia, Fazenda Verônica. Importante é poder identificar o nome da colônia de Lontras no início do século, que se chamava Valle do Ribeirão das Lontras. Acervo: Reguita Beschinock.

*catarinense, tendo prestado excelentes serviços ao Estado. O trabalho colonizador dessas empresas particulares é de juntar-se à atividade dos empreiteiros e construtores de estradas, como Victor Gaertner, Henrique Reuter, Gottlieb Reif, Willy Hering e tantos outros desbravadores.*⁴⁴

O quadro a seguir apresenta os proprietários de terras em Matador, Bella Aliança. Esses dados constam no ofício do engenheiro Pedro de Freitas Cardoso enviado ao Governador do Estado de Santa Catarina, em 19 de Abril de 1895. Só foi possível estruturar o referido quadro através da pesquisa e da coleta de dados em dois documentos existentes no Arquivo Público Histórico de Rio do Sul, sendo um deles cópia do original e processos do acervo Arquivo Histórico de Blumenau.

Quadro 2 – Relação de proprietários na colônia.

<i>Colônia</i>	<i>Ocupante</i>	<i>Colônia</i>	<i>Ocupante</i>
01	August Zirbel (1893)	59	Reservado
02	Hermann Peters (1893)	60	Rudolf Danker
03	Jacob Haeuser (1894)	61	Associação das Comunidades Evangélicas de S. C. (1922)
04	Carlos Peters (1893)	62	Marcus Karsten
05	Leopoldo Wagner (1893)	63	Henrique Danker
06	Augusto Peters (1893)	64	Marcus Weiss
07	Manoel Antonio Santiago (1919)	65	Walter Kenling
08	Ricardo Holetz (1893)	66	Padre Zeno Wallbrohl
09	August Zirbel (23-10-1901) em 1904 vai passar para Rodolfo Kopelke	67	João Estevão Quintino
10	Jacob Haeuser (1895)	68	Constante Machado Leite
11	Cristiano Witt (1893)	69	Pedro Fernandes
12	Henrique Holetz (1893)	70	João Francisco Carvalho (1904)
13	Max Boehme (1921)	71	Antônio Francisco Carvalho
14	Guilherme Holetz (1893)	72	Francisco Frankenberger (1892)
15	Manoel Faustino Ambrasio (1919)	73	José Estevão Quintino (1904)
16	Luiza Vendramini (1919)	74	Felix Manoel Leite
17	Guilherme Giacomossi (1919)	75	Carlos Paupitz
18	Frederico Witt (1911)	76	Pedro Wagner
19	José Basílio de Negreiros (28-06-1908)	77	Manoel Cardoso dos Santos
20	Reservado para escola publica (1920)	78	Alwin Wagner
21		79	
22	Frederico Hollen; Augusto Werner (1908)	80	Theodoro Wagner
23	Reservada para Escola (1920)	81	
24		82	
25		83	
26	Antonio Ferrari (1919)	84	
27	Padre Ângelo Alberti (1921)	85	

⁴⁴ D'AMARAL, Max Tavares. *Contribuição à história da colonização alemã no Alto Vale do Itajaí*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1950. p. 52.

28	João Bracello, João Lizandro Pereira (1909)	86	
29	Pedro Hostius (1919)	87	
30	Hercílio Hostius (1922)	88	
31		89	
32	Alven Schulze Hebeig (1920)	90	
33		91	
34	Tranquillo Bussi (1910)	92	
35	Valentin Picolini Junior (1919)	93	Guilherme Bachmann (1904)
36	Leandro Giacomossi (1919)	94	Henrique Bachmann (1904)
37	Polycarpo Bussi (1912)	95	
38	Guilherme Hering	96	
39	Ricardo Marin (1906)	97	Carlos Kuhlmann (1904)
40	Giovani Ceruti (1904)	98	
41		99	
42	Henrique Kennecke	100	
43	Vicente Leite (09-05-1905)	101	Reservado para escola do sexo masculino
44	Carlos Hering (1895)	102	Reservado para igreja
45		103	Reservado para escola do sexo feminino
46	Francisco Zimberger	104	Reservado para o cemitério
47		105	Carlos Wagner
48	Adolfo Bachmann (1904)	106	Leopoldo Wagner
49		107	
50	Otto Siebert	108	
51		109	
52	Albino Marchi (1920)	110	
53	Eduard Holler	111	
54	Carlos Krambeck	112	
55	Frederico Carlos Holler	113	
56	Henrique Siebert	114	
57	Alfredo Cristen (1904)	115	
58	Guilherme Schroeder Jr.	116	

Fonte: Acervo: Documento datilografado do Arquivo Público Histórico de Rio do Sul – SC. (sem identificação e nem código)

A relação dessas famílias tem importância como identificação das propriedades adquiridas e confirma nomes daqueles que fixaram residência na história da colônia Matador. Dessa lista constam nomes de famílias que participaram da constituição da comunidade.

Sobre essas demarcações de terras em Matador, é significativo o relato da entrevista realizada com o Sr. Alois. Segundo ele, seu avô Johan também foi um agrimensor de terras na colônia de Matador. Mediu terras, tanto na colônia Matador quanto em Cobras e no Valle do Ribeirão das Lontras.

A medição de terras na colônia era paga porque estava inserida no valor a ser cobrado pela administração da Colônia. No início, o imigrante alemão em Matador ajudava o amigo ou parente mais próximo nos serviços da colônia. Trabalhavam juntos na limpeza da terra, na roça, na adubação das verduras, na

plantação de milho e batata e na hora da colheita. Francisco Frankenberger anotava em seu diário como os colonos se ajudavam mutuamente, pelo menos pela amizade ou por parentesco. Assim, escreve ele no dia 6 de dezembro de 1892:

plantei batatinha, feijão e semeei outras sementes, junto com o filho de Henrique Schroeder. Em 7 de dezembro de 1892, quarta-feira, fiz roça junto com os trabalhadores, Tempo está coberto, ar fresco, pronto para chuva, mas agradável. Em 12 de dezembro de 1892, derrubamos as primeiras árvores para fazer roça. Em 13 de dezembro de 1892, semeamos ervilhas, fui até o Rio dos Bugres comprar víveres. Em 15 de janeiro de 1893, cortei folhas de palmito para (fazer) o teto da casa, plantamos milho. Em 7 de fevereiro, fui até Engelke para fazer compras e pernoitei lá. Em 8 de fevereiro de 1893, encontrei Lucínius junto com Schultz. 9 de fevereiro de 1893 fui até Lontras junto com Danker e ali pousei. Em 27 de janeiro de 1893, trouxe batatinhas, coloquei varas para o feijão, colhi milho. Em 10 de fevereiro de 1893, tempo variável, chuvoso, cheguei em casa vindo de Lontras, vieram Carl Schroeder e Wilhelm Schroeder, para trabalhar na madeira e levantar o galpão.⁴⁵

Os imigrantes alemães delimitam e realizam a doação de terrenos para a construção da escola, da igreja e do cemitério.

1.2 A colônia

A colônia na América, onde os imigrantes buscam os seus espaços e nela fazem sua morada, é cheia de desafios. Raras são as exceções dos que mais tarde mandam vir os parentes. Em todo o Alto Vale do Itajaí, os imigrantes enfrentam os desafios com muito trabalho e perseverança na crença de terem dias melhores e diferentes dos que tinham vivido anteriormente na Europa.

Para Seyferth (1998), o termo “kolonie” (colônia)

designa toda a região colonizada ou área colonial, ou seja, o conjunto dos lotes de uma área previamente estabelecida pelo governo, juntamente com um núcleo populacional mais denso (a vila), que serve de sede administrativa e local onde se realizam os serviços religiosos, comércio e vida recreativa. Com o mesmo termo – colônia – os imigrantes alemães e seus descendentes designam a pequena propriedade agrícola de uma família. A palavra alemã “Stadtplatz” significa, etimologicamente, lugar da cidade, embora a sede da colônia estivesse longe de ser um núcleo urbano.⁴⁶

⁴⁵ Acervo do Arquivo Público Histórico de Rio do Sul. Diário Francisco Frankenberger, 1891-1900. p. 19-22.

⁴⁶ SEYFERTH, op. cit., p. 54.

Para Bosi (1992), a explicação e o significado do colo-cultus-cultura (colônia) são derivados de expressões que mostravam que o povo europeu realmente queria se firmar na América do Sul.⁴⁷ Os imigrantes tinham que se adaptar ao lugar e à nova vida na colônia. Tudo estava para ser feito. O desenvolvimento da colônia era centrado na produção agrícola de pequena propriedade.

Na colônia Matador, os imigrantes alemães constroem o armazém (de secos e molhados), o matadouro de porcos, o açougue, a fábrica de charutos, a olaria, o moinho de cana-de-açúcar, a atafona e a serraria. O desenvolvimento da produção doméstica se dá através dos engenhos para moagem da cana-de-açúcar.

Assim, os imigrantes que vinham para o Brasil tinham o objetivo de se tornarem pequenos proprietários de terras e paralelamente continuarem a relação como trabalhadores industriais nos moldes da industrialização europeia. Entretanto, no bojo das relações de trabalho na terra e no empreendimento estruturado por poucos surgem os produtos excedentes gerados na colônia Matador. Segundo Alois, os derivados de carne eram imersos em banha de porco e embalados em latas de 20 litros, para serem transportados até Blumenau, posteriormente até Itajaí, com destino ao Rio de Janeiro e exportados para a Europa. Outros produtos são levados da região: feijão, milho, queijo, batata, inhame, melado, fumo de corda, charutos.

No início da colonização, a moagem dos grãos era feita em Indayal. A viagem até lá durava dois ou três dias em estradas de trânsito muito difícil. Mais tarde, é construída em Lontras uma atafona pela família Carvalho. Depois, outros imigrantes alemães construíram atafonas em Matador. O Senhor Heinrich Jahn constrói uma moenda, que é movida através da força da água. A família Fuchs constrói também outro engenho para a moagem do milho. A partir desse momento, os colonos moem o milho na própria colônia Matador, portanto, em condições melhores do que ter de levá-lo para outras atafonas distantes, em colônias vizinhas.

Na colônia Matador, os imigrantes, além de plantarem o milho e obterem o fubá, produzem o melado da cana-de-açúcar, o açúcar grosso (mascavo) e a

⁴⁷ "As palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo*, cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*. *Colo* significou, na língua de Roma, eu moro, eu ocupo a terra, e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo. Um herdeiro antigo de *colo* é *Incola*, o habitante; outro é *inquilinus*, aquele que reside em terra alheia. (...) *colo* é a matriz de colônia enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar" (Bosi, 1992, p. 11).

cachaça. Cultivam também outros produtos mais rentáveis, como o tabaco, que se torna, segundo Seyferth (1999), o produto mais lucrativo porque

isso se prende ao fato de que o tabaco é um produto destinado exclusivamente para venda e que obtém bons preços, seja em folhas ou já beneficiado em cigarros e charutos. Era de fato um dos poucos produtos que se pagava com dinheiro, por ser mais fácil de armazenar, daí o incentivo para seu plantio. De cada 1.000 plantas, tirava-se cerca de 80 a 120 quilos de preparadas.⁴⁸

Portanto, a necessidade de sobrevivência impulsiona os imigrantes alemães a construírem condições necessárias para estabelecerem suas próprias relações de trabalho. Só assim poderiam permanecer na colônia.

1.3 Origem do nome escolhido para a colônia

Para compreender como surge o nome da colônia se faz necessário entender a constituição histórica em que ela emerge. Ao chegaram aqui, os alemães se estabelecem em um local chamado de Matador, que, de maneira semelhante às demais colônias estatais, localiza-se próximo a um rio. Foi perguntado aos descendentes de alemães que ainda moram em Matador sobre a origem desse nome, e eles contaram que tem origem no próprio cotidiano da colônia.

Dizem que pelo rio da colônia passavam tropeiros com os bois, e vez ou outra morriam bois no lugar onde cruzavam o rio. Certo dia, quando chovia muito, um boiadeiro, ao cruzar o rio, que se tornara muito veloz e perigoso, morreu afogado juntamente com um boi preto. Outro relato conta que, num lugar próximo à margem do rio, onde hoje é o Mercado Fachini, em um espaço bom para pastagem, existia uma erva que os bois comeram e, do anoitecer para a manhã, apareceram alguns mortos. Os tropeiros e os imigrantes alemães passaram a referir-se à Colônia pelo nome de Matador, conforme relato da entrevista com Alois Kopelke e Luiza Rothenburg.⁴⁹

⁴⁸ SEYFERTH, op. cit., p. 62.

⁴⁹ Para não mudar a originalidade da transcrição na entrevista, manteremos a reprodução literal da mesma: "Aqui ficou o nome Matador, porque não tinha ponte por onde passavam os bois, aí morreu um homem com os bois dentro do rio daquela água. Não, o rio Matador, próximo do Mercado Fachini, esse riozinho que passa lá hoje, passavam porque não tinha ponte e isso na época

Em 1903, aparece a primeira casa comercial, que recebeu o nome de Bella Aliança. Em 1905, a colônia Matador possuía 12 edificações. As famílias alemãs no Alto Vale do Itajaí procuram em ritmo de trabalho acelerado construir estabelecimentos necessários que pudessem impulsionar e movimentar o desenvolvimento comercial na colônia Matador. Willy Hering constrói um armazém, um matadouro de porcos, uma fábrica de charutos e a fábrica de queijos. Outros imigrantes alemães desenvolvem atividades profissionais, na colônia Matador ou fora dela. Em 1912 Ferdinand chega em Matador e constrói um Hotel e ao lado um salão para de festas. O Sr. Alfred Swarowsky logo constrói uma olaria, um armazém e uma fábrica de laticínios.

No início da década já estão estabelecidos em Matador várias centenas de famílias.

Em 1927, o distrito de Bella Aliança já contava com um expressivo número de imigrantes, somando 10.249 habitantes. Entre esses, 6.694 eram de origem alemã; 3.426, italianos; 116, imigrantes poloneses; e um imigrante de origem russa. Havia 5.532 brasileiros morando no distrito, e um total de 15.781 habitantes. Portanto, 35,1% eram de origem brasileira e 64,9%, imigrantes estrangeiros.⁵⁰

Posteriormente, através da união econômica e social de outras colônias vizinhas (Trombudo Central, Pouso Redondo, Tayó, Lontras), Matador foi constituída por famílias alemãs, o que contribuiu influenciando na decisão de 13 de março de 1912, o que através da lei Municipal nº 61, Suedarm (Braço do Sul) passou a ser conhecido por V Distrito Bella Aliança, ligado ao I Distrito de Blumenau.

Importante dizer que o nome Bella Aliança tem origem no encontro dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, que proporcionavam uma bela imagem na sua confluência.

quando chovia muito este rio ficava muito bravo e ali um dia passou o gado, um boiadeiro morreu, um boi preto também. Antigamente a ponte chamava Ponte do Boi Preto. Também pousavam lá e deixavam o gado, lá onde hoje é a Cohab isto tudo era pasto e uma parte mato. Lá eles deixavam o gado e maior parte acontecia que bota de noite e de manhã tinha um, dois, três, quatro bois deitados mortos, ali vinha o nome Matador. Tudo porque existia ervas que os bois comiam e por este motivo morriam. KOPELKE, Alois; ROTHENBURG, Luiza. Entrevista n. 3. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 20 set. 1998.

⁵⁰ PELLIZZETTI, Beatriz. **Banco de imigrantes em Santa Catarina. Blumenau: Co-edição – Gráfica 43 S.A. Ind. e Com. Fundação Casa Dr. Blumenau, 1985. p.56.**

1.4 Primeiro imigrante alemão a chegar em Matador–Suedarm

O primeiro imigrante alemão a fixar-se em Matador, no Alto Vale do Itajaí, foi Francisco Frankenberger. Fixou residência no lote de número 72, no dia 7 de setembro de 1892. Inicia-se assim a colonização da localidade conhecida por Matador. Filho primogênito de Antônio Frankenberger e Margarida Frankenberger, Francisco nasceu em Hilbershausen, em 4 de outubro de 1856, comarca de Wuerzburg, na Baviera, Alemanha. Ocupou lá o importante cargo de “Buergermeister” (Prefeito). Fez parte do Conselho dos Sete, espécie de Corpo de Jurados, onde teve a função de amenizar contendas entre vizinhos cujas sentenças eram irrecorríveis.

Planejando o seu futuro, emigra para a América do Norte. Após trabalhar durante três anos numa fazenda no interior da América do Norte, voltou desiludido para a Alemanha. Seu pai, velho e doente, reclamava sua presença em Hilbershausen.

Com a morte do pai e deparando-se com uma propaganda de um país chamado Brasil profusamente espalhada nas províncias alemãs, ele resolve novamente emigrar. Vem da Alemanha para fazer contato com o Padre José Maria Jacobs, então Pároco de Blumenau, de quem se torna um fervoroso amigo. Houve momentos em que chegou a substituir o Padre José Maria Jacobs nos encontros dominicais. Em Blumenau, Jacobs convida Frankenberger para inicialmente lecionar no Colégio Santo Antônio, onde Frankenberger assume o cargo de professor durante três anos. Local onde, mais tarde foi construído o Colégio São Paulo. Para conhecer mais sobre a vida do Padre Jacobs, pode-se compreender que, Segundo Berri (1988),

(...) Padre Jacobs teve sua vida pastoral semeada não só de rosas, mas também atravessada de agudos espinhos, isto é, sobrecarga em seus trabalhos, contratempos de toda espécie (...) os católicos alemães, em número pouco expressivo, estavam disseminados entre os protestantes na extensa Colônia, o que gerava dificuldades para visitá-los e mantê-los unidos na construção das capelas (...) de gênio severo, caráter altivo, excessivamente áspero no falar, intolerante e sobretudo autoritário, jamais admitia curvar-se a quem quer que fosse, senão à vontade de Deus (...) para um homem com tal gênio e maneiras tão ásperas, embora por todos respeitado, não era difícil despertar antipatias nos meios políticos e religiosos de outras crenças, a tal ponto de criar verdadeiras inimizades em certas áreas da sociedade local.⁵¹

⁵¹ BERRI, Aléssio. *A igreja na colonização Italiana no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. p. 59-61.

Francisco Frankenger resolve realizar uma visita ao Alto Vale do Itajaí, onde estavam medindo terras na região do Valle do Ribeirão das Lontras e Matador, áreas devolutas que pertenciam ao Estado de Santa Catarina. Decide adquirir um lote de terra na localidade de Matador, onde alguns anos depois os imigrantes alemães vão chamar de Bella Alliança.

Escreve um diário que abrange o período entre 1891 e 1900, que é um documento em forma de apontamentos escrito em língua alemã. O primeiro volume, indiscutivelmente o mais importante, contém dados referentes a datas e acontecimentos da primeira década da colonização do Alto Vale do Itajaí. As anotações relatam os aspectos mais importantes de cada dia na Colônia. O diário de Francisco Frankenger é estruturado em duas colunas. A primeira é dedicada à descrição sobre o tempo, e na segunda são relatados acontecimentos.

Quadro 3 – Dados diário Francisco Frankenger.

(out. 1891)			
dia	Dia da semana	Tempo	descrição
01	5ª	Agradável	Herr Schonfelder partiu para São Paulo
02	6ª	De noite trovoadas violentas	Recebi uma carta de Eduardo de Moliton Chesapedicke Cyl
(nov. 1891)			
06	6ª	De noite e de manhã chuva, de tarde chuva	Chegou notícia da queda do governo no Rio. Teodoro e os ministros presos
07	Sábado	O mesmo	Aqui tudo calmo, na Bahia deu-se vivas à monarquia
08	Domingo		Na Espanha e na América do Norte (Nova Iorque) tempestades violentas e enchentes. Aqui o rio sobe rápido, praça parte alagada
10	3ª	De manhã muito bonito, meio dia vento Oeste, muito bonito	O rio está caindo muito demorado
(abr 1892)			
12	3ª	Bonito, quente	Ontem me inscrevi para qualificação, estive com Leopold
18	2ª	Muito bonito	Estive presente nos exames escolares, de tarde um pequeno passeio a cavalo
23	Sábado	Coberto, chuva	Jornal de Blumenau insulta e zomba da nova câmara, principalmente Dr. F. Muller
27	4ª	O mesmo	Estivemos junto com Willy no chefe, ele prometeu-me dar terra perto de Petersberg (morro de Pedro)
(maio 1892)			
11	4ª	Muito bonito, claro fresco à noitinha às 7 h eclipse lunar quase total	Willy recebeu nomeação de escrivão da coletaria. Estive no Scheitemantel e com Lungershausen
12	5ª	De manhã à 6 h lua cheia, claro, forte vento terral	Willy estava com Engelke, eu, com Persun
13	6ª	bonito, claro. Ventos moderados	Jennerich foi a Sutter. A atmosfera esfriou desde o eclipse
(set 1892)			
07	4ª	Coberto, de noite chuva	Trabalhei 1ª vez na minha colônia
08	5ª	Muito bonito	Andei nas divisas dela, voltei pelo rio
(nov 1892)			
10	5ª	Nublado, muito bonito	Está vindo mais gente (imigrantes), querem aqui avistar terras

15	3ª	Nebolina forte, quente, às 3 e 4 horas da tarde trovoada, pouca chuva em Braço do Sul caiu granizo	Continuei a construir a casa
----	----	--	------------------------------

Fonte: Acervo do Arquivo Público Histórico de Rio do Sul, Diário de Francisco Frankenberger. Outubro de 1891 a novembro de 1900.

Nesse documento, Francisco Frankenberger registrou fatos de sua vida na colônia até o ano de 1900. Constam do diário registros sobre o tempo, plantações, preocupações com o nível do rio Itajaí-Açu, missas, viagens às localidades das colônias de Lontras, Indayal e Blumenau. Não há no diário dados sobre algum tipo de escola em funcionamento na colônia de Matador. O que há de mais importante é a data de 7 de setembro de 1892, o que comprova ter sido Francisco Frankenberger o primeiro colonizador do Alto Vale do Itajaí. Em seguida estabelece amizade com os imigrantes instalados na colônia de Lontras, Aquidaban, Blumenau. No dia 9 de setembro faz a roça, planta cebola. No dia 26 de outubro de 1892, muda-se para a colônia e arruma folhas de palmito com o Senhor Wilhelm, para fazer o telhado da primeira morada em suas terras. Em 28 de outubro inicia o corte e preparação da madeira para construir uma casa melhor. Nesse mesmo mês apronta e puxa as principais vigas de madeira de sua casa nova.

Enfim, em 31 de dezembro de 1892, vai morar na casa nova, cujo endereço é o lote na colônia de número 72, onde vai construindo, através dos recursos materiais disponíveis, os utensílios necessários para a sua morada. Francisco Frankenberger adquire o lote de terras sob a concessão de 241.750 m². Pagou ao coletor Antônio José Schneider, no dia 27 de maio de 1893, o valor de 241.750\$000 mil réis pela colônia adquirida. Realizou a solicitação do referido título em 5 de junho de 1893, recebendo-o em 28 de agosto de 1893.

Um fato importante foi a chegada de Frei Lucínio Korte na casa de Francisco Frankenberger no dia 29 de novembro de 1892. No dia seguinte, o padre celebra a primeira missa, numa terça-feira. É importante esse fato, pois a partir dele é possível verificar como os imigrantes foram assistidos pela intervenção da religião, nesses confins de mundo, longe de tudo e de todos ao mesmo tempo, longe das raízes culturais de um mundo que se fechou.

Francisco Frankenberger, mesmo longe de sua terra natal, acreditou na possibilidade de constituir uma família. Assim, casa-se com Josefina Tarnowski Galant viúva com dois filhos, em 1897, em Blumenau. Desse casamento teve nove filhos, que somados aos outros totalizam onze. Cria-os com muitas dificuldades,

porém dá-lhes uma boa educação, pois, além de professor, era um homem culto.

Francisco Frankenberger trava uma luta sem tréguas contra o cansaço, as doenças (febres, machucados nos pés, na perna), a febre amarela que atinge os banhados da região de Lontras no início de 1900. Frankenberger, com o seu trabalho na terra como colono, contribui para a colonização de Matador, Bella Alliança. Planta batatinha, feijão, inhame, milho e alfafa. Todas as provisões e materiais necessários para a construção e a plantação precisam ser adquiridos em Blumenau através de longas viagens a cavalo.

Hoje, seu nome em Rio do Sul está quase no esquecimento total. É possível verificar tal descaso quando se levanta os valores culturais, étnicos. A geração dos jovens atuais não tem demonstrado a presença dos valores éticos e culturais. A eles pouco importam as questões étnicas, num mundo cada vez mais ausente, mas, ao mesmo tempo, exigente nas relações de trabalho. Somente as gerações mais idosas, na faixa entre 70 e 85 anos de idade, se lembram desses homens que ajudaram a constituir a colônia de Matador. Entretanto, é importante realizar intervenções, falando, lembrando, citando os que ficaram no anonimato, ocultos na história da cidade de Rio do Sul, mas que constituíram e fizeram a colonização de Matador, Bella Alliança. Francisco veio a falecer na cidade de Rio do Sul, em 9 de fevereiro de 1931.



Figura 1 – Foto de Francisco Frankenger. Acervo do Arquivo Público Histórico de Rio do Sul – SC.



Figura 2 – Foto da Família Francisco Frankenger. Acervo do Arquivo Público Histórico de Rio do Sul, SC.

1.5 As primeiras famílias da colônia Matador

Quando a emigração se torna uma das condições de sobrevivência, podemos pensar em uma outra história: a história do excedente humano na Europa. A emigração é um movimento que, desde os primórdios dos tempos modernos, obriga homens à busca de sobrevivência de si próprios e de seus descendentes. O Alto Vale do Itajaí, apesar de suas particularidades, configura essa condição histórica. Os descendentes de alemães de Matador e Lontras constroem um galpão para abrigar os imigrantes que chegam em busca de trabalho ou para conhecer a região do Alto Vale do Itajaí, cujo objetivo é comprar terras para fixarem residência mais tarde.

Conforme os relatos dos descendentes dos imigrantes, a estada no galpão serve, no início, de moradia até poderem limpar a terra e construir a sua primeira morada. Logo que constroem a primeira morada, mudam-se para a colônia

comprada. Segundo Richter (1992), pelas terras adquiridas

os colonos imigrados da Europa tinham que pagar 28, 36 ou 44 mil réis por hectare, dependendo da qualidade das terras em questão apurada pelos agrimensores da Sociedade. Tinha que efetuar o pagamento do total dentro de 7 anos iniciando com o pagamento em parcelas depois do segundo ano e saldando daí em diante 1/5 da sua dívida anualmente. A partir do terceiro ano, seriam cobrados juros de 6%. Se bem que tais condições fossem melhores do que as de compra para os colonos teuto-brasileiros, que tinham que pagar até 50 mil réis por hectare, prestar pagamento de entrada de 10% do total e saldar a sua dívida dentro de 5 anos em prestações anuais, sendo cobrados juros de 6% logo no início, não resta dúvida que tais preços e condições de pagamento desestimulavam muitos imigrantes de se fixar na Hansa.⁵²

As colônias eram distantes umas das outras. Portanto, os imigrantes recém-chegados aos portos de entrada no Estado de Santa Catarina tinham que se deslocar até essas regiões, onde estavam vivendo conterrâneos da terra natal. No início esperam muitos dias nos galpões de imigrantes, como no caso da colônia de Matador. Os imigrantes oriundos da colônia de Blumenau, Dona Francisca, Indayal, Warnow, Aquidaban e Hammonia instalavam-se na colônia de Lontras até poderem visitar e conhecer a colônia adquirida em Matador, a uma distância de 6 quilômetros.

No quadro abaixo, são relacionadas algumas colônias instaladas no Estado de Santa Catarina.

Quadro 4 – Quadro das colônias estatais.

Colônia	Etnia	Colônia Estatal	Ano
<i>Colônia de São Pedro de Alcântara</i>	<i>Alemães</i>		<i>1828</i>
<i>Colônia de Santa Isabel</i>	<i>Alemães</i>		<i>1847</i>
<i>Colônia de Blumenau</i>	<i>Alemães</i>	<i>Hermann Bruno Otto Blumenau</i>	<i>1850</i>
<i>Colônia de Indayal</i>	<i>Alemães, Italianos, poloneses, portugueses (açorianos)</i>	<i>Hermann Bruno Otto Blumenau</i>	<i>1854</i>
<i>Colônia de Rodeio</i>	<i>Italianos</i>		<i>1875</i>
<i>Colônia de Luiz Alves</i>	<i>Italianos</i>		<i>1877</i>
<i>Colônia de Ascurra</i>	<i>Italianos</i>	<i>Giovanni Buzzi</i>	<i>1876</i>
<i>Colônia de Príncipe D. Pedro (Brusque)</i>	<i>Alemães</i>	<i>Barão Maximilian de Schunéburg</i>	<i>1860</i>
<i>Colônia de Rio dos Cedros</i>	<i>Italianos</i>		<i>1912</i>
<i>Colônia Matador</i>	<i>Alemães</i>	<i>Francisco Frankenberger</i>	<i>1892</i>
<i>Colônia Hammonia</i>	<i>Alemães</i>		<i>1898</i>
<i>Colônia Aquidaban</i>	<i>Italianos</i>		<i>1867</i>
<i>Colônia Anitápolis</i>	<i>Alemães</i>		<i>1910</i>

Quadro elaborado com base no Relatório do Conselheiro João Lins Vieira Cansansao de Sinmbu, P.02.79 – 798.

⁵² RICHTER, op. cit., p. 74-75.

Os imigrantes são ignorados em suas reivindicações mais simples pelos governos imperial e provincial. Por isso, são obrigados a resolverem coletivamente seus problemas na própria comunidade e conseguem solucioná-los fundando Sociedades na colônia.

Muitas famílias alemãs de Matador alojaram-se em Lontras. No início da colonização, chegam ao Alto Vale do Itajaí as do Sr. Francisco Frankenger, em 1892; do Sr. Hermann Fuchs, em 1896; do Sr. Johan Heinrich Kopelke, em 1896; do Sr. Wilhelm Klar; do Sr. Alfred Kleinhelpel; do Sr. Hans Kroger; do Sr. Willy Hering; Ferdinand Schlup e do Sr. Alfred Swarowsky .

As famílias acima citadas vêm para o Alto Vale do Itajaí com a esperança e o objetivo de constituir uma vida melhor. Muitos se fixam inicialmente em Blumenau e Indaial, porém passam a buscar novas oportunidades nas colônias em franco desenvolvimento. Para o Alto Vale do Itajaí os imigrantes chegam sozinhos. Só depois de criadas as condições, trazem as mulheres e os filhos. Os primeiros estabelecimentos comerciais e industriais na colônia pertenceram aos Srs. Alfred Swarowsky, Kopelke, Lucas, Schlup, Fuchs e Willy Hering, cujo nome é, também, o da primeira escola pública de Matador. Além desses nomes listados, é necessário dizer que há outras famílias alemãs, que ficam no anonimato justamente porque, inseridas no trabalho agrícola ou em trabalhos paralelos na abertura de estradas ou na construção de casas, não tiveram a condição de empreender seu próprio negócio, não conseguiram se dedicar ao comércio ou à indústria. Para Kreutz (1991),

nas primeiras décadas a vida dos imigrantes alemães e seus descendentes se caracterizou mais por uma luta pela sobrevivência e pela constituição, gradativa, de alguns elementos básicos na sua vida doméstica – construção de casa e benfeitorias – e comunitária – escola e igreja.⁵³

Entretanto, não foram só os Hering ou os Swarowsky os imigrantes mais importantes na colônia. Além deles, descendentes de outras famílias foram homens de fundamental importância para o crescimento socioeconômico da comunidade de Matador. Entre eles, destacam-se os Strelow, Brandh, Hasse, Kopelke, Kulhmann, Fuchs, Porath, Lucas, Fischer, Rothenburg, Klug, Schlup, Kannenberg, Hafermann,

⁵³ KREUTZ, op. cit., p. 59.

Hoffmann, Boehme, que juntos na colônia se unem por um objetivo comum: construir um novo habitat. Preocupados com a educação de seus filhos, buscam dividir as atribuições na dura missão de construir uma escola semelhante a escolas alemãs já existentes em outras colônias. Além de terem de manter essa instituição, precisam administrá-la. Elegem uma diretoria e escolhem homens de confiança capazes de desempenhar tarefas educacionais. Muitos nomes estão no anonimato por terem se dedicado exclusivamente à agricultura, construindo sua sobrevivência e também a sobrevivência da sociedade. Vale ressaltar que todos são importantes nesse processo.

Percebe-se uma desvalorização das pessoas que fizeram parte da construção da colônia Matador. Muitos ficam no anonimato, e recebem destaque na comunidade somente aqueles que construíram os estabelecimentos comerciais ou industriais. Cabe aqui realizar um pequeno histórico de algumas famílias.

Uma família que se destacou foi a do senhor Johan Heinrich Kopelke. Ele nasceu em 22 de agosto de 1860, em Blumenau. Aos dezesseis anos de idade, na cidade de Indayal, inicia sua atividade profissional como aprendiz de marceneiro. Em Indayal, auxilia nos serviços de medições de terras de colônias vizinhas aprendendo essa profissão. Quando vem em 1896 junto com o Sr. Hermann Fuchs para a colônia Matador, no Alto Vale do Itajaí, ficam alojados na residência de Francisco Frankenberger. Johan adquire uma área de terras que abrange as margens do Ribeirão Matador e se estende até o cemitério evangélico da comunidade. Contudo, sua principal atividade é a marcenaria. Assim, ele se torna o primeiro marceneiro de Matador, para onde traz a família somente no ano 1902.⁵⁴

A família do senhor Willy Hering também foi importante no desenvolvimento da região. Filho de Carlos Friedrich Hering e Clara Hering, imigrantes da Alemanha, nasceu em Warnow, hoje município de Indayal, no dia 1 de julho de 1883. Casou-se com Elisa Boehme Hering, no dia 1 de agosto de 1905, no religioso, e no civil em 3 de setembro. O casal vai para a colônia Matador, onde Willy Hering já havia construído uma pequena casa de madeira. Logo em seguida, Willy construiu e inaugurou um armazém que vem a ser a primeira casa comercial de Matador. O referido armazém torna-se a venda, o bar onde se encontram os colonos,

⁵⁴ Depoimento informal junto ao Senhor Alois Kopelke. Rio do Sul, 10 fev. 2000.

ponto de referência, lugar onde circulam as notícias mais recentes da colônia. Naquela época, como os outros, enfrenta dificuldades com as estradas precárias e, ainda, a resistência de indígenas, antigos senhores da região.

Willy Hering, em 1906, após a chegada de mais algumas famílias, trata de fundar uma sociedade denominada até hoje de *Sociedade Atiradores de Bella Aliança*. Nessa época, não há igreja e nem escola. As aulas são realizadas em casa mediante os ensinamentos familiares, e a fé também é resolvida no âmbito familiar. Muitos imigrantes realizavam trabalhos para o Governo do Estado: serviços de aberturas de picadas, estradas, demarcações de terras nas áreas de colonização. Assim, Willy Hering constrói a estrada Ribeirão Cobras, com extensão de 12 quilômetros. Como pagamento dessa obra, recebeu do Governador do Estado, Hercílio Pedro da Luz, uma grande área de terras devolutas do Valle do Ribeirão das Lontras. De acordo com o mapa, Anexo IX, podemos identificar a área de terras somando o total de 97.510.000,00 m². Em cumprimento do contrato com o Governador, coloniza-as, num prazo de 10 anos. Em 1935, fundou a Sociedade Anônima Willy Hering, construída exclusivamente por seus familiares e dissolvida em 1967.

Willy Hering fez parte da primeira diretoria na Sociedade Escolar de Matador. Com chegada de Alfred Swarowsky na colônia por volta do ano de 1916, inicia-se o distanciamento entre Willy Hering e a diretoria da Sociedade Escolar. No mesmo ano, Willy Hering resolve construir uma casa destinada para ser uma Escola Pública. Ele viaja até Florianópolis para solicitar junto ao Governador do Estado de Santa Catarina, Dr. Felipe Schmidt, ajuda financeira e apoio legal para fundar a escola. Alguns motivos levam Hering a se desligar da Sociedade Escolar e a realizar a referida solicitação. Segundo Luiza Rothenburg, Willy fez isso porque sua filha Lúcia Hering estava para se formar professora.⁵⁵ De acordo com Alois, o

velho Hering, quando a sua filha Lúcia Hering ia se formar em Florianópolis, isto por volta do ano de 1916, o velho vai a requerer uma escola pública em Florianópolis, junto ao governador.⁵⁶

Os motivos são: a diretoria da Sociedade Escolar Ribeirão Matador não

⁵⁵ KOPELKE, Alois; ROTHENBURG, Luiza. Entrevista n. 3. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 20 set. 1998.

⁵⁶ KOPELKE, Alois; ROTHENBURG, Luiza. Entrevista n. 3. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 20 set. 1998.

aceitava que mulheres lecionassem para as crianças; sua filha Lúcia estava se formando, e Willy desejava que ela se tornasse professora na colônia; Willy parece não se dar bem com a diretoria da Sociedade. Primeiro inicia a construção da escola por conta própria e chega a pagar até o professor, mas em seguida solicita ao governo a subvenção e ajuda para manter aquela que seria a primeira escola pública de Matador.



Figura 3 – Foto da Família Hering. Acervo do Arquivo Público Histórico de Rio do Sul - SC.

Parte do relato sobre a família Hering evidencia como vai sendo organizada a vida das famílias na colônia Matador, V distrito de Bella Alliança. O comércio é iniciado com a construção de uma venda (armazém). Na colônia, a venda⁵⁷ passa a ser o ponto de encontro para negociação, comunicação, campanhas políticas, etc.⁵⁸

⁵⁷ “A venda, portanto, é o local onde as transações comerciais se realizam – *locus* do mercado; as trocas e as vendas se realizavam entre uma pessoa que detinha nas mãos os mecanismos que regulam as transações (o vendedor) e os proprietários de cada lote (colonos), individualmente. (...) a venda facilita o comércio em pequenas quantidades – o colono vendia ou trocava os seus produtos agrícolas e voltava para sua propriedade levando bens de consumo para o uso da família” (Seyferth, op. cit., p. 96).

⁵⁸ HERING, Paula. Entrevista n. 5. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslowski. Rio do Sul, 31 out. 1998.

Outra família que teve envolvimento com o desenvolvimento da colônia através de seus empreendimentos, foi a do Sr. Ferdinand Schlup. Ferdinand nasceu em Holzstein, Alemanha, em 21 de julho de 1864. Imigrou para o Brasil em 1876, e fixou residência em Warnow – Indayal. Em Warnow ele constrói uma serraria. Casado com Luise Nagel em 20 de maio de 1868. Vieram morar em Matador em 1912, construiu uma serraria e o hotel. Esse casal teve oito filhos: Richard, Karl, Julius, Amanda, Clara, Luise, Berta e Alfred. Morou o tempo até o final de sua vida em Matador, falecendo em 26 de outubro de 1941.

Outra família que teve um envolvimento com o desenvolvimento da colônia através dos seus empreendimentos, bem como de sua participação por muitos anos na diretoria da escola de Matador, foi a do senhor Alfred Swarowsky, filho de Anton Swarowsky e Marie Swarowsky. Alfred nasceu em Oxford, uma localidade de São Bento do Sul, e veio para colônia de Matador em 1916. Casado com Agnes Heidrich Swarowsky, teve oito filhos: Edgard, Yolanda, Edinson, Roland, Nilton, Harold, Ingo e Zulmira.



Figura 4 – Foto da Família Alfred Swarowsky. Acervo do Autor.

Alfred Swarowsky destaca-se no comércio como oleiro. Comercializa fumo em folha (tabaco) e estabelece ligação direta com o comércio internacional, via Rio de Janeiro. Suas atividades comerciais são distribuídas entre a venda (armazém), o açougue e a olaria.



Figura 5 – Foto de Alfred Swarowsky. Acervo do Autor.

Segundo depoimento informal de Lia Carmen Swarowsky Rosemann, o seu avô Alfred Swarowsky gostava muito de viajar para a Europa, principalmente para uma cidade alemã de nome "Bischofsgrun", onde ele se hospedaria na casa de seus parentes (tios e primos).



Figura 6 – Foto da Cidade de Bischofsgrun, Alemanha. Acervo do Autor.

Entretanto, Lia Carmen Swarowsky Rosemann⁵⁹ diz que o grande hobby do seu avô era colecionar moedas e selos. Tinha vários quadros forrados com feltro para guardar as muitas moedas. Na referida coleção, a sua avó Agnes e os tios nunca conseguiram pôr as mãos e ninguém da família sabe direito o que aconteceu com ela. Lia diz que a família (tios) de Alfred vendeu a coleção para um colecionador de Florianópolis, logo depois do falecimento de Alfred. Dessa coleção, Lia diz que o seu avô, um certo dia, deu uma moeda para cada filho, e uma para ela, neta e

⁵⁹ Informações informais, junto à Senhora Lia Carmen Swarowsky Rosemann. Alto Matador, Rio do Sul, 10 jun. 2000.

afilhada – a sua moeda era do Chile, pesando 200 gramas, referente ao ano 1920. Lia também ganhou porque, quando o avô limpava e lustrava a coleção, era ela quem o ajudava a arrumar as moedas em ordem, pois nessa época o avô já apresentava problemas de visão. Além de suas várias viagens para a Europa, manteve sua participação na diretoria da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador como secretário por muitos anos, de 1925 a 1941.

Em Matador, Alfred Swarowsky iniciou um empreendimento de cultivo de tabaco, um tipo de plantação que exigia muito trabalho e envolvimento de toda a família na roça. Os cuidados da roça de fumo, como a limpeza das ervas daninhas, o combate aos insetos e a colheita, exigiam muito trabalho para que a família pudesse dar conta da colher, secar, amarrar as folhas de fumo em fardos, enfim, deixar tudo pronto para o transporte que era realizado através de carroças até o porto de Itajaí. Não se podia dispensar nenhuma força de trabalho nesses momentos.

Muitas famílias alemãs tornam-se fornecedoras de produtos horti-fruti-grangeiros. São forçadas a trocar seus produtos por outros que não produzem, conduzindo esse sistema de negociação entre eles mesmos.

Num segundo momento, a negociação é realizada através das duas vendas existentes em Matador: uma de propriedade dos Hering e a outra dos Swarowsky. De acordo com Seyferth (1999), o sistema de

troca e comércio na área colonial é sobre o que colono trocava e o que este mesmo colono vendia. Logo no início da colonização o comércio se fazia no nível da troca, ou melhor, se permutavam as mercadorias: o colono deixava na venda uma parte da produção agrícola do seu lote e levava sal, toucinho, ferramentas, óleo, tecidos e armas. Os colonos chamavam a isto de Trock, corruptela do termo português troca, pelo simples fato de que não entrava dinheiro nessa transação.⁶⁰

A venda de produtos excedentes para os proprietários das vendas exige dos descendentes alemães muito esforço, às vezes um trabalho sobre-humano das famílias. Segundo Fronza (1991), os

homens e as mulheres que colonizaram o Alto Vale do Itajaí vieram de uma quadra de tempo em transição. De uma sociedade relativamente pobre em recursos de trabalho e que por isso exigia o uso intenso do próprio organismo vivo como meio do trabalho.⁶¹

⁶⁰ SEYFERTH, op. cit., p. 96-97.

⁶¹ FRONZA, Francisco. **Das formas de dizer às formas de ser: o fazer-se trabalhador no Vale do Itajaí.** Florianópolis: 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. p. 104.

A foto abaixo mostra as propriedades comerciais do Senhor Alfred Swarowsky em Matador: a residência, o seu estabelecimento comercial (venda), a olaria e a fábrica de laticínios.



Figura 7 – Foto da Casa Comercial (venda), Olaria, Fábrica de Laticínios, Residência de Alfred Swarowsky, Matador–1916. Acervo do Autor.

O trabalho coletivo na colônia quase não existia, a não ser raras exceções em que o imigrante conseguia a ajuda nos trabalhos na construção da casa, na limpeza do terreno para a roça ou nas colheitas. E, quando a ajuda surgia das mãos de um parente, a retribuição era depois na mesma proporção.

A planta de demarcação de uma gleba de terras no Alto Ribeirões Lontrinhas e Cutia mostra como estremante o nome de Alfred Swarowsky, proprietário de terras em Matador. Através desse documento, temos a indicação da posse de terras tanto na colônia de Matador quanto no Valle do Ribeirão das Lontras.

Ainda sobre a família Swarowsky, dos seus oito filhos, três estão vivos:

Yolanda, Zulmira e Ingo. Yolanda e Ingo moram na cidade de Porto Alegre (RS), e Zulmira em Camboriú (SC). Dos netos, três permanecem em Matador: Haroldo Swarowsky, Karen Swarowsky e Lia Carmem Swarowsky Rosemann.

1.6 Os colonos alemães e o comércio

No Alto Vale do Itajaí, como em outros lugares, os colonos precisam ter seus recursos e instrumentos de trabalho. Necessitam buscar víveres nas colônias de Aquidaban, Ascurra, Rodeio, Warnow, Indayal e Blumenau (Anexo XIII).⁶² As viagens eram feitas a cavalo e duravam dois, três, até cinco dias de ida e volta. Essas dificuldades somente foram eliminadas com o desenvolvimento da agricultura e comércio na Colônia.

Francisco Frankenberger foi o primeiro imigrante alemão a chegar à região do Alto Vale o Itajaí e fixar morada nas proximidades do Ribeirão Matador. Pode-se certificar da verdade dos fatos através de seu diário, onde relata que em 1892 inicia os trabalhos na colônia.

Francisco Frankenberger não estabeleceu nenhum tipo de comércio em Matador, mas fixou residência acreditando na colonização desse lugar. Participa do desenvolvimento da colônia e, como colono cultivando a terra, plantou, colheu os frutos do seu trabalho, extraíndo o sustento para sua família. Francisco não teve um envolvimento político com a comunidade de alemães evangélicos luteranos em Matador, porque pertencia à religião católica.

Outros imigrantes em Matador, como os Hering e os Swarowsky, iniciam o processo de negociação dos produtos agrícolas através da venda ou da troca. Muitos outros colonos alemães deixavam nas vendas seus produtos agrícolas para serem negociados. Segundo Fiod (1995), "Instalados nas vilas, geralmente têm na sua "venda" uma atividade associada aos afazeres agrícolas e, desde cedo, realizam a intermediação entre a compra e a venda de produtos coloniais e não-coloniais". O pagamento em dinheiro só era obtido quando o colono conseguia criar e engordar um ou dois porcos para vender no matadouro dos Hering. O movimento comercial, ou seja, a supremacia dos negócios, gira em torno de duas pessoas: Hering e

⁶² Os nomes destas colônias podem ser verificados no mapa apresentado às escolas municipais de Blumenau no ano de 1905.

Swarowsky. Willy Hering, em 1906, construiu a venda. Segundo Alois, “ele tinha filial da venda em Lontras, em Trombudo Central. Construiu uma fábrica de charutos e um descascador de arroz em Matadouro”.⁶³ Para Fiod (1995), outros vendeiros se instalam nas colônia eles se tornam hegemônicos e,

*Surgem em função do comércio da madeira e dos produtos manufaturados dos engenhos e atafonas, que exigem contato com comerciantes fora da vila. São eles que, em número muito reduzido, concentrarão em suas mãos o transporte, o comércio e todas as transações financeiras que envolvem a troca e distribuição das mercadorias excedentes que os demais colonos não conseguem realizar.*⁶⁴

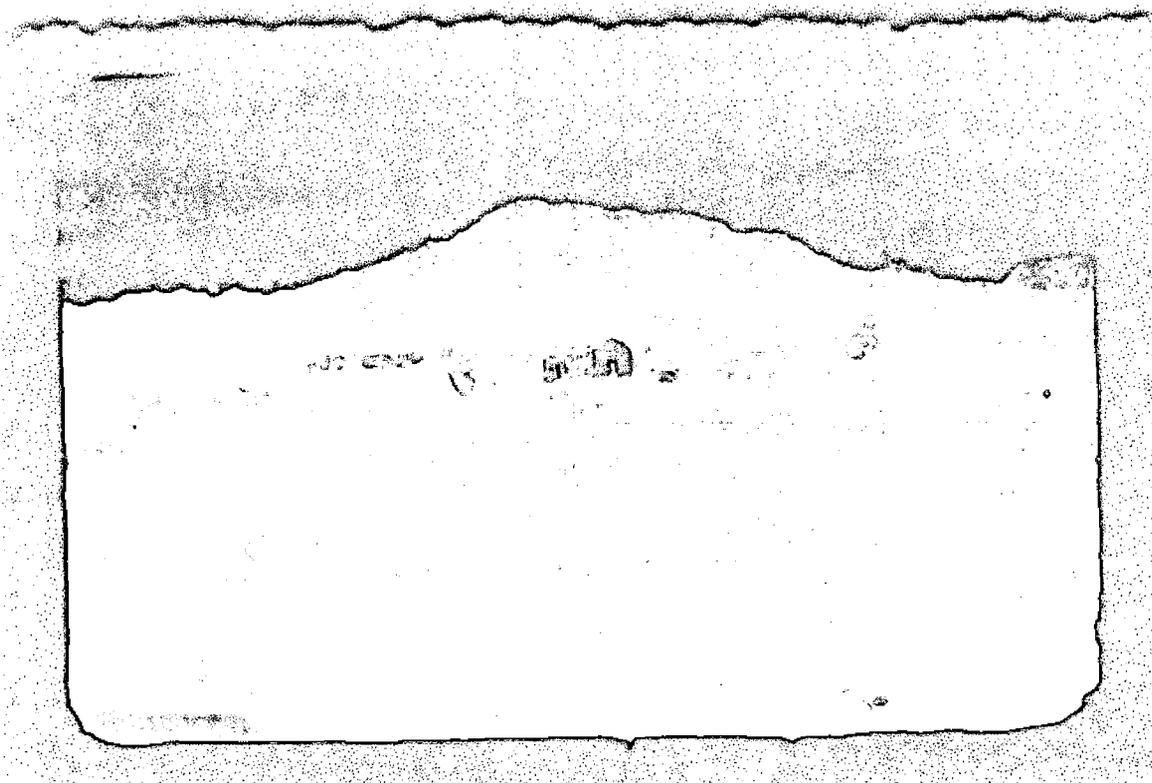


Figura 8 – Foto Descascador de Arroz. Propriedade de Willy Hering. 1906. Acervo Autor

Em 1916 chegou Alfred Swarowsky a Matador, para estabelecer residência e constituir empreendimentos. Adquire terras e constrói uma residência de

⁶³ KOPELKE, Alois; ROTHENBURG, Luiza. Entrevista n. 3. Concedida a Ison Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 20 set. 1998.

⁶⁴ FIOD, Edna Garcia Maciel. **Homens sem Paz: Escola, Trabalho e Colonização**. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 108.

arquitetura vistosa e uma venda. Referindo-se ao comércio estabelecido entre os colonos e os empreendedores existentes na colônia Matador, Alois diz que o que não se comprava no comércio de Hering ou de Swarowsky teria de ser comprado em Blumenau, na casa comercial Hoepcke.

Esses dois homens competiam entre si no comércio e nas posses de terras. Swarowsky passa a ser o outro que divide os lucros na colônia, e Willy não estava de acordo porque ele era quem dominava o comércio no Alto Vale do Itajaí.

Alfred Swarowsky, além do armazém em Matador, constrói uma olaria. Vende e compra fumo na colônia e o exporta para a Europa. Segundo dizem os antigos do lugar, ele foi à falência porque o fumo produzido na região não tinha a qualidade exigida no mercado europeu. Assim, é forçado a vender seus estabelecimentos comerciais para pagar dívidas e perde quase tudo. As famílias em Matador não conseguiam ser auto-suficientes, precisando recorrer ao armazém para adquirir bens de consumo. Segundo Seyferth (1999),

a venda facilitava o comércio em pequenas quantidades – o colono vendia ou trocava os seus produtos agrícolas e voltava para sua propriedade levando bens de consumo para o uso da família. A venda servia ao mesmo tempo como local de armazenagem de produtos agrícolas e como ponto de distribuição de mercadorias não produzidas na área. Os produtos produzidos pelos Imigrantes alemães (famílias) eram quase todos do mesmo tipo.⁶⁵

Através dos produtos agrícolas deixados no armazém, o vendeiro sempre explorava o fornecedor. No início, a forma encontrada pelos imigrantes de obterem dinheiro deu-se através da venda ou troca de produtos agrícolas. O dono da venda aos poucos se torna senhor supremo, domina os colonos através da venda e dos preços altos dos produtos que oferecia. “Tocava a faca”, endividava o colono para obter o lucro a qualquer custo, explorando-os nas dívidas deixadas de uma safra para outra. Para Seyferth (1992, p.102), “o imigrante obtém alimentos para sua família empenhando nas vendas sua futura produção agrícola”. Muitas vezes após a safra o colono não conseguia obter dinheiro suficiente para pagar as dívidas da terra e pagar os dividendos com o vendeiro, tornando a dívida ainda maior. Assim, deixava parte dos produtos para serem vendidos. Muitos imigrantes iniciaram sua vida na

⁶⁵ SEYFERTH, op. cit., p. 96.

colônia como pequeno proprietário, e o grande desafio estava em ser colono.

A venda era mais do que um elo econômico da colônia. Era, ainda, centro das notícias no Alto Vale do Itajaí e local dos encontros casuais e sociais. Muitas vezes, era na venda que os jovens davam início a um namoro, consolidando casamentos dentro da própria etnia alemã.

1.7 Manufatura dos produtos agrícolas – engenho e atafonas

A construção dos engenhos de açúcar e atafonas em Matador movimentava a colônia e possibilita a transformação dos grãos produzidos. Com o surgimento do engenho e da atafona, os imigrantes alemães e os de outras etnias estabelecem novas relações de trabalho. O processo de moagem economiza tempo e permite aos colonos dedicarem-se a outras tarefas. Evita as longas viagens em busca da moagem, feita anteriormente em Indayal. Segundo Seyferth (1999), os

*engenhos de açúcar eram geralmente montados num rancho separado do grupo de casas dos colonos, próximo de algum Ribeirão ou cachoeira e de preferência não muito distantes dos canaviais.*⁶⁶

A primeira atafona é construída por Gustav Lucas, que passa a atender as pessoas de Matador que traziam o milho para moer. Da moagem são feitos o fubá e a farinha de mandioca. No início os serviços de moagem são trocados por outros produtos. Aquele que trazia o milho para moer deixava como pagamento um terço ou um quarto do peso da saca.

As negociações vão além da obtenção de cereais. Os colonos têm muitas outras necessidades e deparam-se com a dificuldade de obter as suas próprias ferramentas e seus recursos para o transporte realizado pelo rio Itajaí, como barcos ou canoas, animais, enfim, tudo o que era exigido para o escoamento da produção. O aparecimento da atafona na colônia vai alterar a relação de trabalho, mudando os meios de locomoção internos na colônia. Os colonos passam a ganhar tempo. Mas esse avanço estruturado pela mecanização não mudou a exploração existente nos

⁶⁶ Id., *ibid.*, p. 68.

negócios estabelecidos com os colonos, que continuam a ser expropriados pelos vendedores e empreendedores de outros tipos de comercialização na colônia.

Visando a atribuir um sentido para o movimento imigratório no Alto Vale do Itajaí, verificou-se que os imigrantes alemães vieram para o Alto Vale com objetivo de se tornarem pequenos proprietários de terras e empreendedores de seu próprio trabalho nessa terra. Para tais investimentos tiveram de começar a construir tudo, procurando ser capazes de fazer florescer sua sobrevivência, mesmo que tivessem que ocupar e tomar espaços. No início da colonização construíram tudo, mas, analisando o que de novo construíram na colônia, conclui-se que de novo nada constituíram, porque vieram da Europa para as regiões do Sul do Brasil pela necessidade de viver sem a miséria. Por isso, a fome de poucos foi suprimida e foram ampliadas as diferenças sociais entre a maioria dos imigrantes.

1.8 A presença cultural da etnia alemã

A presença da cultura alemã na colônia é marcada pela própria etnia dos imigrantes, que em suas bagagens pouco traziam de riquezas materiais ao se deslocarem da Europa para o Brasil. Trazem junto deles os hábitos e os costumes. Os imigrantes alemães, a começar pelos adultos e os mais idosos, desde do início da colonização em Matador, procuraram manter vivas as raízes culturais da dança, do jogo de bolão, do tiro. Diante da necessidade de manter os imigrantes inseridos nas tradições alemãs, a mesma razão da construção da escola, alguns deles se unem e fundam a Sociedade de Atiradores que tinha como finalidade a união dos imigrantes alemães, visando o exercício, a preparação, treinamento, dos colonos frente a prática do tiro. Para a construção, os sócios doam dias de serviços na construção da mesma.

Aos mais jovens cabe a responsabilidade de aprender desde cedo, na família e na escola, a existência desses movimentos de cultura, arte e lazer. Sobre o espaço cultural ocupado pelos jovens em Matador, figura o grupo teatral criado na Sociedade Escolar de Matador. Esse grupo teatral realiza várias apresentações, marcando presença nas escolas alemãs da região, apresentações estas que rendem

economicamente ajuda para o caixa escolar da sociedade.

Na Sociedade de Atiradores os imigrantes realizavam as competições de tiro. O melhor atirador é condecorado com o título de Tiro ao Rei (Rei do Alvo) ou de Rei do Pássaro. No dia da comemoração, a festa começa pela manhã, de casa em casa, regada a muita bebida. O Tiro ao Rei é buscado em casa pelos outros sócios pertencentes à equipe de atiradores e amigos. Ele é acompanhado até o salão da Sociedade de Atiradores, onde no baile lhe é entregue a faixa de Tiro ao Rei. Antes do baile, os imigrantes realizam apresentações de danças. A Festa do Tiro ao Rei é realizada no mês de maio e a do Rei do Pássaro no mês de outubro.

A criação da sociedade tinha a finalidade de criar espaço recreativo, cultural e esportivo. Nos Estados alemães, para Bruhns (1997),

estas corporações tinham por finalidade a proteção contra invasores e contra os abusos cometidos pelos senhores feudais. Com a ascensão da burguesia na Alta Idade Média e o surgimento de exércitos organizados, estas corporações perderam suas funções guerreiras, mantendo apenas a Festa de Atiradores (Shutzenfest), as quais na Alemanha duravam até uma semana.⁶⁷

No caso da colônia de Matador, essa atividade cultural é utilizada como um costume passado de pai para filho. Já Para Petry (1982), na

colônia recém-fundada tal sociedade de atiradores tinha a finalidade de suprir os colonos de um treinamento imediato e ordenado frente aos perigos do ambiente desconhecido como, por exemplo, os animais selvagens, além de – posteriormente – reavivar velhas tradições.⁶⁸

Não foi possível detectar na entrevista de número 3 qualquer fala que levasse a entender que as atividades realizadas na Sociedade de Atiradores tivessem alguma ligação ou envolvimento objetivando a preparação de atiradores para combate em conflitos ou guerras. Se houve alguma ligação com as possibilidades de participação em frente de luta, causando em certo “perigo alemão”,

⁶⁷ BRUHNS, Katiane. **Espaços de sociabilidade e o idioma: a campanha de nacionalização em Joinville.** Florianópolis: 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. p. 30.

⁶⁸ PETRY, Suely Maria Vanzuita. **Os Clubes de caça e tiro na região de Blumenau (1859-1981).** Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982. p. 30.

isso tornou-se oculto. Porque os descendentes alemães, quando se conversa sobre o movimento integralista, mesmo sobre as guerras mundiais, não sentem muito interesse pelo assunto, ficam tristes, não fazem questão de conversar sobre a temática. Diante disso, podemos deduzir que as sociedades escolares e outras sociedades de fins esportivos foram criadas pelos imigrantes para movimentar e envolver todos os imigrantes com o mundo cultural da etnia alemã.

Em relação às festas de Tiro ao Rei,⁶⁹ eram eventos que tinha o objetivo de reunir os imigrantes das colônias mais próximas. A festa de Tiro ao Rei era formada em média por quarenta atiradores. No anexo XI podemos verificar uma equipe numa festividade das sociedades escolares e das sociedades de fins esportivos e culturais “Schutzenverein” em 1924.

Além desses, um terceiro elemento de movimentação cultural da etnia alemã era a comunicação entre os imigrantes e seus familiares através da língua alemã. Um dos grandes festejos e motivo de comemoração na colônia era a Festa do Dia do Colono (Anexo XII), realizada em Matador pelos colonos imigrantes alemães. Nesse dia eles se reuniam para comemorar, vestidos a caráter. Alguns colonos imitavam os índios, outros enfeitavam suas carroças com folhas de palmito, fixadas em forma de arco. Nesse arco colocavam uma placa com o nome do imigrante homenageado e realizavam um desfile pela colônia Matador, percorrendo o caminho que conduzia até à Sede da Sociedade Atiradores Bella Alliança, nas proximidades da Sociedade Escolar.

Nesse dia buscavam homenagear colonos imigrantes que representavam com orgulho a missão de ser colono num mundo tão distante. Por exemplo, numa das Festas do Dia do Colono, da década de 30, foram homenageadas pessoas ilustres, importantes no desenvolvimento das colônias. Em cima de uma carroça com alegorias, os colonos vestidos a caráter representavam o colonizador Dr. Blumenau.

A sede da Sociedade tinha as suas janelas e portas enfeitadas com folhas de palmito para caracterizar de verde todo o Vale do Itajaí. Todos da Sociedade Escolar participavam das homenagens festivas, porque todas as datas tinham seu significado, quando se representavam os valores da colonização do Vale do Itajaí,

⁶⁹ “as primeiras corporações de atiradores apareceram por volta do ano 1200, na Bélgica, na Holanda e no norte da França, enquanto que na Alemanha surgiram um pouco mais tarde, no século XIV. As agremiações foram perdendo seu caráter militar na Alemanha, transformando-se em associações puramente esportivas, com a prática do tiro ao alvo, tiro ao pássaro e outras modalidades. E, pouco a pouco, as festas populares, como “Tiro do Rei”, foram se transformando em grandes acontecimentos nas cidades alemãs, de máxima importância – até mesmo política, já que em tais eventos participavam grupos de atiradores de várias cidades e até mesmo países estrangeiros”. (Herkendorf, 1987, p. 214).

tornando-se um momento para valorizar a história. Os alunos acompanhados do professor representavam a Sociedade Escolar. É possível analisar pela observação que a maioria das crianças não levava uma vida de muito conforto. A vida na colônia era muito dura, muitos não tinham nem o que calçar nos pés, mas nem por isso era vergonhoso apresentarem-se descalços nas comemorações cívicas.⁷⁰

Além disso, a grande maioria dos imigrantes, através da Associação de Atiradores Bella Alliança e da Sociedade Escolar, tinha como objetivo envolver os familiares nas atividades festivas e culturais desenvolvidas na colônia. Através da colaboração e divulgação, convidavam todas famílias para participar dos momentos culturais. Dessa forma, os imigrantes conseguem atrair e manter os laços culturais de origem de sua etnia. Assim, realizando as festas, mobilizando as homenagens e apresentações na sociedade local, vão contribuir para que a juventude não se perca em vícios. Klug (1997) afirma que

os bens culturais (Kulturgüter) que os imigrantes trouxeram de além-mar estavam seriamente ameaçados, e dessa forma a juventude alemã da colônia caminhava em direção à selvageria.⁷¹

Portanto, na colônia Matador, a escola tem o compromisso de atrair e envolver os jovens através do elemento religioso e dos valores culturais, onde perpassa o envolvimento com as questões esportivas (tiro), cívicas (datas cívicas) e da arte, esta representada pela dança e pelo grupo teatral presente no cotidiano da escola. Manter os jovens ocupados e não no ócio é dever da família e da sociedade escolar. Por esses motivos a escola existia, procurando preparar os jovens para se tornarem bons cidadãos brasileiros.

As datas comemorativas presentes no âmbito escolar demonstram o grau de civismo, exigido e incorporado no processo escolar. Alguns registros de momentos comemorativos e datas podem ser encontrados nos cadernos pertencentes a Dona Luiza Rothenburg – datas cívicas tais como: Dia da Bandeira, Dia da Proclamação da República, Dia do Descobrimento do Brasil, datas das

⁷⁰ Anexo XI – Foto da Festa do Colono – Década de 30.

⁷¹ KLUG, João. *A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina: a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História Social). p. 73.

fundações de capitais do Brasil. As homenagens são desenvolvidas por clubes de canto e diretoria da escola, e também são realizados exercícios de tiro, exercícios de ginástica, apresentações de teatro.

Somente depois da Segunda Grande Guerra é que foi criada a atividade de Bolão em Matador, e ainda hoje esses encontros sociais continuam acontecendo, pelo envolvimento, empenho e promoção da diretoria da Sociedade Atiradores Bella Aliança.

As condições sociais dos camponeses dos Estados alemães compele-os à emigração especificamente para as regiões do Brasil. No caso do Alto Vale do Itajaí, a grande maioria dos imigrantes alemães chega aos portos de entrada situados no litoral catarinense. Outros são imigrantes que emigram deslocando-se de outras colônias já instaladas pelo Governo do Estado. Foi possível nesse primeiro momento verificar as causas e a origem de entrada dos imigrantes, para entender como os imigrantes de Matador chegaram ao Alto Vale do Itajaí.

Contudo, considerando os elementos étnico e político, é possível detectar que vieram para o Vale colonizar as terras e se tornarem pequenos proprietários, procurando adquirir riquezas, aquisição esta que não se transformou em realidade para todos, pois foram poucos os que se tornaram empreendedores. Vieram para se tornar autônomos, e cada um teve que trabalhar muito, principalmente pela real necessidade de sobreviver.

Nos dias atuais esses valores culturais não são mais tão representativos. Em Matador os descendentes realizam as festas, mas a participação da comunidade alemã apresenta-se em número muito reduzido. Podemos compreender que na atualidade os elementos culturais da colônia alemã passam despercebidos, sem muito valor, fragmentados pelas misturas étnicas.

Portanto, a representação cultural alemã na comunidade apresenta indícios de abandono. Pode ser até que nem é mais necessária para a vida cultural das famílias alemãs. Para os jovens cultura não é mais importante. Demonstrem uma total incompreensão sobre o assunto, e a cada dia aumenta a fragmentação cultural dos povos.

PARTE II – CONSTITUIÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA NA COLÔNIA MATADOR, BELLA ALLIANÇA

As cidades da Idade Média não acolhem no interior de suas muralhas mais do que uma fração da população total. A esmagadora maioria de indivíduos trabalha na zona rural, a maior parte nos campos, os demais em atividades artesanais dependentes dos senhores ou em tarefas domésticas. A civilização medieval é basicamente uma civilização da palavra e dos sentidos, em que a transmissão dos conhecimentos e das tecnologias prescinde de instituições especializadas e de textos escritos. O interior e os castelos fortificados vêem desenvolvimentos muito limitados em matéria de escola. As verdadeiras inovações surgem nas cidades.⁷²

2.1 A educação alemã: a primeira escola da comunidade evangélica e luterana em Matador

A escola é uma instituição educativa especializada, nisto distinguindo-se da família, dos clãs familiares, dos locais de trabalho, das comunidades de ofícios, de associações e de grupos de todo tipo, os quais também moldam as novas gerações e reeducam até mesmo os adultos. O ensino é um ramo da divisão social do trabalho que somente se impõe quando certas condições estão devidamente preenchidas.⁷³

Somente a partir da constituição da Sociedade Escolar de Matador é criada a escola alemã para atender, principalmente, quem tinha condições financeiras de ser membro dessa sociedade. Os dados referentes à constituição histórica da escola foram obtidos através de oito entrevistas. Com os descendentes dos imigrantes alemães que vieram morar na colônia Matador, foram encontrados dois livros – uma na comunidade evangélica e luterana. A tradução dessas atas permitiu obter mais dados e orientações sobre a escola alemã de Matador. Outros recursos foram sendo emprestados, tais como as fotos identificadas, as cartilhas do ABC, as cartilhas de matemática, atlas geográficos, escritura de venda do terreno da escola, cadernos de alunos que estudaram na escola de Matador.

Numa das entrevistas (nº2) foi possível resgatar a história do surgimento dos primeiros professores em Matador. Segundo consta, o primeiro professor foi Weiland; o segundo, Reussner; o terceiro, Riemann; o quarto, Bernard Hafner.⁷⁴

Das oito entrevistas, seis delas das quais extraímos dados importantes para o resgate da história da escola, foram realizadas na localidade de Matador,

⁷² PETITAT, André. *Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos de evolução escolar no Ocidente*. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 49.

⁷³ Id., *ibid.*, p. 194.

⁷⁴ BACHMANN, Gertrud. Entrevista n. 2. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 28 ago. 1998.

bairro Bela Aliança, uma com o Padre Victor Vicenzi, na Catedral de Rio do Sul, a outra com Hans Adolf Spieweck.

Um dos livros-ata pertencia à Sociedade Escolar do Ribeirão Matador e o outro, à Sociedade de Senhoras Evangélicas de Matador, hoje Rio do Sul. A tradução livre desse documento trouxe informações sobre os primeiros professores da escola alemã, as primeiras diretorias, os estatutos, nomes dos sócios, condições financeiras dos sócios e sobre a inadimplência presente na vida da colônia. Essas informações demonstram as dificuldades econômicas e a falta de subvenção do Governo do Estado de Santa Catarina na educação da escola particular na colônia.

O livro-ata foi escrito em língua alemã, entre 1911 e 1935, e a partir de 1935 os escritos foram feitos em língua portuguesa. Importante é que a tradução dos primeiros protocolos foi revelando a constituição da Sociedade Escolar, e dela constam os primeiros professores, a primeira diretoria, os tesoureiros e os secretários da Sociedade Escolar. De acordo com as atas, foi possível organizar uma seqüência lógica dos primeiros professores na Sociedade Escolar do Ribeirão Matador, na ordem do primeiro para o oitavo. Sendo que, não foram os que a Senhora Gertrud Bachmann menciona na entrevista. As atas proporcionam estruturar outra seqüência histórica.

Portanto, os colonizadores alemães trouxeram livros e o hábito de ler. Entre eles, há homens eruditos. Em Matador, constroem estabelecimentos comerciais, fundam sociedades, Igreja, escolas e legam diários com descrições que são documentos históricos valiosos. Assim, os imigrantes alemães demonstraram que, as transformações sociais na colônia vão além das necessidades mais básicas do cotidiano. Segundo Fiod (1995), a relação que

Os imigrantes estabelecem entre si pouco tem a ver com hábitos, costumes, tradição e cultura da nova terra. Antecipam, nas colônias catarinenses, o que viria a ser a sociedade brasileira do século XX. Fundam suas sociedades culturais, escolas, jornais e igrejas, que expressam um modo de vida por eles conhecido. A colonização, feita com pequena e isolada propriedade, traz em si o germe de um processo de desenvolvimento que culminará com a industrialização que ultrapassa o limitado campo agrícola. Abre neste Estado as portas para o mundo.⁷⁵

⁷⁵ FIOD, op. cit., p. 108.

Mandar o filho à escola era uma necessidade na colônia, porque as famílias acreditaram que os trabalhos que envolviam as relações administrativas ou as negociações no comércio, mais cedo ou mais tarde, iriam exigir de seus filhos a capacidade para administrar os negócios da família.

O saber adquirido na escola alemã é considerado importante. Portanto, esperam que os filhos nascidos na colônia sejam, no mínimo, alfabetizados. Outro fator a ser levado em consideração sobre a escola refere-se à preservação da língua, condição de comunicação com o país de origem. Para eles, a aprendizagem da língua alemã começa no contexto familiar. Muito anterior à escola, a própria família assume o papel de educar na colônia Matador. Não há maneira de ser diferente.

O governo não coloca à disposição deles quaisquer recursos. Portanto, a aprendizagem da língua portuguesa não é a principal questão para os alemães. A escola só se torna uma preocupação depois de terem resolvido problemas imediatos. O grande desafio de afirmar as bases da escola começa a ser enfrentado. Os alemães têm convicção de que seus filhos precisam ser preparados para as relações sociais em desenvolvimento. Segundo Dal Moro (1985)

“estudar o filho” (mandar o filho à escola) se instaurava para os colonos como um processo de busca, de criação de estratégias para que pudessem se colocar numa posição mais favorável na relação que se estabelecia no mercado. A capacidade de ler, escrever e calcular possibilitava-lhes a elaboração de sua “contabilidade familiar” e o discernimento dos engodos da “contabilidade comercial”, que lhes extraía sobretrabalho.⁷⁶

A vida na Europa, onde a educação escolar apresenta conquistas significativas no grau de alfabetização⁷⁷, leva os imigrantes a buscarem soluções através de ações comunitárias. Em Matador, como em qualquer outra região do Alto

⁷⁶ DAL MORO, Selina Maria. *De escola paroquial a escola pública: o significado da escola no desenvolvimento de Samanduva/RS*. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação. p. 212.

⁷⁷ “Um dos dados evidenciados nas entrevistas é o de que, à medida que os filhos dos colonizadores atingiam a idade escolar, crescia neles a preocupação com a busca de uma alternativa para a sua educação. A maioria dos colonizadores eram alfabetizados, tanto os homens quanto as mulheres. Essa condição foi fundamental para que a educação tenha sido colocada como uma das preocupações desde os primeiros anos de colonização. Ler, escrever e contar significava poder situar-se no contexto da sociedade da época. Afirmo o Senhor Leandro Bertoli: A escola era um assunto que interessava a todos no início da colonização e era discutido, como tantos outros que se apresentavam nesse primeiro momento marcado por muitas dificuldades. Tudo era precário, tudo estava por construir. As famílias eram novas; algumas com filhos em idade escolar e que, portanto, precisavam pensar na educação deles” (Caleffi, 1994, p. 45).

Vale do Itajaí, os imigrantes alemães resolvem o problema da falta de escolas por meios próprios.

Dessa forma, após os encontros dominicais, os homens que representam os interesses da comunidade reúnem-se, geralmente, para resolverem problemas surgidos ou tomar decisões importantes que incluem os da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Empenhados num objetivo comum, cada um contribui com o que pode, seja através de dinheiro ou da prestação de um dia de serviço na construção da escola. Os traços rudes de construções de pau-a-pique aos poucos dão lugar à construção de tijolos e de madeira trabalhada a machado. Ainda pode ser observado em Matador, hoje Rio do Sul, muitas casas com vigas daquela época, com projeto e desenho norteados pelo estilo arquitetônico enxaimel, mantendo-se, assim, traços arquitetônicos regionais da Alemanha.

Com a escola não foi diferente. As primeiras aulas na colônia Matador existiram a partir da iniciativa de algumas famílias, de caráter particular e com professor da Alemanha. A primeira escola é de madeira, construída num terreno destinado para tal finalidade, atendendo também aos assuntos da Igreja. Pensando em como oferecer educação escolar às crianças, as primeiras iniciativas de alfabetização nasciam no berço familiar, onde os pais se responsabilizavam pelo ensino das primeiras letras e pela da formação religiosa dos filhos. As primeiras aulas para as crianças surgem por volta de 1906. Na colônia Matador, uma das primeiras iniciativas é de Willy Hering, que cede a cozinha de sua casa para ser a sala de aula das crianças de Braço Matador e Matador. Somente mais tarde, por volta de 1909, é que a solução foi encontrada pela própria comunidade através da fundação da Sociedade Escolar. De acordo com Kreutz (1991),

os imigrantes, ainda que pouco afeitos a maiores manifestações culturais, assumiam com muito esforço a alfabetização dos filhos. Desde o início da imigração a escola e o professor foram objeto de preocupação e de grande esforço.⁷⁸

Em 1909, no dia 25 de julho, os colonos alemães fundam a Sociedade Escolar do Ribeirão Matador, V distrito Bella Aliança, constituída por 18 sócios.⁷⁹ A

⁷⁸ KREUTZ, Lúcio. **Professor paroquial**: magistério e imigração alemã. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991. p. 59.

⁷⁹ SPIEWECK, Hans Adolf. Entrevista n. 7. Concedida a Ison Paulo Ramos Blogoslowski. Rio do Sul, 14 jan. 2000.

diretoria resolve construir uma escola toda de tijolos.⁸⁰

Em 24 de setembro de 1911, a construção da nova casa escolar fica sob a responsabilidade de Karl Kopelke que, através de um contrato, acerta os valores pelos serviços. A diretoria na época, constituída por Otto Bachmann, Johan Kopelke, Wilhelm Klar e Willy Hering, decide que os serviços do carpinteiro seriam pagos ao Senhor Karl Kopelke num total de 4\$000 mil réis por dia, e aos ajudantes (serventes) valor de 3\$000 mil réis por dia. Caso Karl Kopelke não aceitasse a proposta da diretoria, ela poderia recorrer ao Sr. Ehrhardt, disposto a aceitar a empreitada por 60 réis por palmo construído.

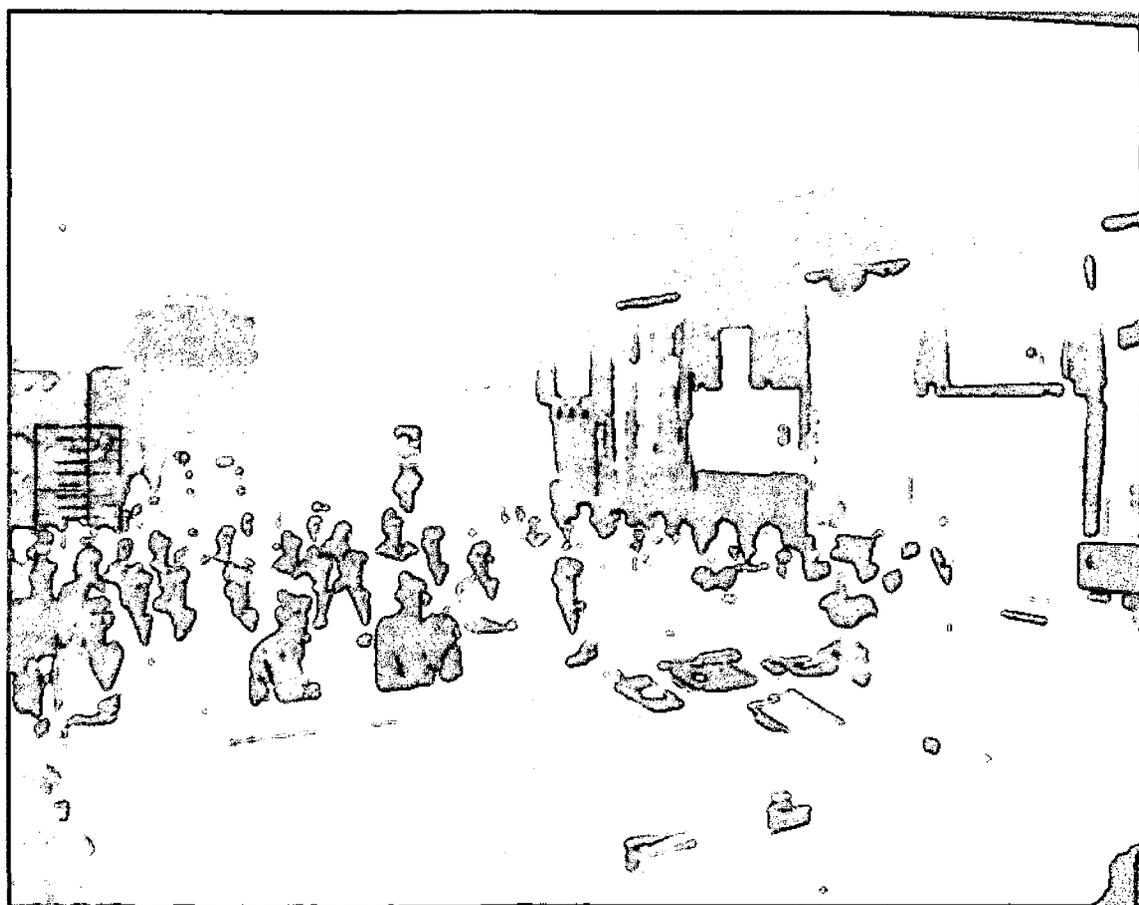


Figura 9 – Foto Sociedade Escolar do Ribeirão Matador, 1925. Acervo Helga Klug.

A primeira casa de madeira destinada para a escola é desmontada em outubro de 1912. Portanto, a diretoria da Sociedade Escolar decide vender os

⁸⁰ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ison Paulo Ramos Blogoslowski. Sessão realizada no dia 24 de setembro de 1911. Livro 930. p. 1.

materiais que não podem ser aproveitados na construção nova, sendo que as telhas e os pés-direitos são vendidos a Willy Hering pelo valor de 5\$000 mil réis. As tábuas do assoalho e das paredes são utilizadas na nova escola. Willy Hering se encarrega de transportar as tábuas até o novo prédio escolar. Para construir o telhado, as telhas custam 9\$000 mil réis o milheiro e os tijolos, 8\$000 mil réis. Durante a construção da escola os trabalhadores braçais (serventes) deixam de receber seus salários até conseguir ajuda financeira das famílias alemãs.

A nova casa escolar serve de sala de aula durante a semana e, neste caso, principalmente para quem pudesse ser membro-sócio da comunidade através de pagamento. Aos fins de semana servia de igreja.

A escola é terminada com ajuda das famílias alemãs e contribuições recebidas do Conselho Superior de Igrejas Evangélicas de Berlim, do Ministério de Relações Exteriores de Santa Catarina e da Sociedade Escolar de Matador. Depois de muitos esforços chega, enfim, o grande momento do término da construção. A comunidade é agraciada com um belo prédio de alvenaria para atender às crianças. É organizada uma grande festa para inauguração da nova escola, no dia 12 de setembro de 1912.

O prédio destina-se, também, para cultos religiosos nos fins de semana. Em certas ocasiões, a Diretoria da Sociedade Escolar realiza comemorações festivas, apresentações teatrais de alunos e reuniões. A escola é considerada um dos principais elementos de conservação da cultura alemã. Os imigrantes criam um sistema escolar nos moldes da escola nos Estados alemães, onde o modelo escolar era extremamente estatal. Os imigrantes vieram para o Brasil e, ao se instalarem nas colônias do Vale do Itajaí, começam a ter que conviver com o oposto, defrontando-se com um Estado ausente, distante das preocupações com a educação, diferente do que haviam conhecido nos Estados alemães.

O início do conflito mundial em 1917 espalha transtornos e medo sobre a comunidade. Os colonos alemães se fecham, falam pouco e não gostam de comentar o assunto. Esse fato foi um duro golpe para a igreja, para a escola e para vida deles.

A Primeira Grande Guerra Mundial leva à cautela a diretoria da Sociedade Escolar, que decide interromper as aulas e aguardar que a situação de guerra se

acalmasse na Europa, fechando a Sociedade por um período de sete anos. Para não aumentar a inadimplência das mensalidades com a Sociedade Escolar, muitas famílias passam a enviar seus filhos a uma escola pública, que nessa época já existia em Matador.

Essa escola atendia aos filhos de algumas poucas famílias, não fazendo distinção de etnia. Subvencionada pelo governo catarinense, supria a falta de escola para quem não podia pagar os estudos. Em 1917, aproximadamente, passou à Escola Isolada, tendo como professor o Senhor Georg Schuetz. Foi desdobrada somente em 1928, quando assumiram como professoras as senhoras Sílvia Brasil da Costa e Altina Faria. Após a revolução de 1930, passou a ser denominada Escola Estadual Reunida Maria José Pinto da Luz, sob a responsabilidade e direção da senhora Edith Porthun.

O número de alunos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador diminuiu, e as famílias não tinham como pagar um valor maior pelas mensalidades. Em meados de 1916, a escola da comunidade alemã encerra as atividades, principalmente por causa da guerra.

Mesmo assim, houve quem se preocupasse com a continuidade do ensino religioso para as crianças. Assim, a esposa do Professor Georg Schuetz reiniciou as aulas dominicais. Por muito tempo ela dirigiu o ensino religioso sem nada cobrar das famílias, desenvolvendo uma atividade evangelizadora na colônia através das aulas dominicais⁸¹ para as crianças.

O principal objetivo do professor Schuetz era alugar a Sociedade Escolar alemã e continuar lecionando para as crianças, amparado pelo Governo do Estado de Santa Catarina. Porém, a diretoria da Sociedade Escolar de Matador, no dia 25 de abril de 1916, decide que não vai emprestar e nem alugar nenhum dos recursos materiais do prédio escolar ao professor Georg Schuetz, justamente porque ele é professor da escola do governo em Matador.

Assim, a diretoria decide que todo o inventário da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador ficará no prédio e que todos os livros didáticos (Cartilhas do ABC) emprestados para Heinrich Kopelke devem ser devolvidos.

Após o término da Primeira Grande Guerra Mundial em 1919, a diretoria

⁸¹ As aulas dominicais consistiam em realizar os encontros aos domingos com as crianças da colônia de Matador, em que um dos imigrantes mais instruídos na fé ensinava para as crianças os cantos, hinos, leitura das mensagens bíblicas, religião. Por outro lado, continuavam a comunicar-se na língua alemã. Nesse caso, o professor Schuetz era o mediador dessa atividade na colônia.

da Sociedade inicia as conversações para retornar com as atividades escolares na colônia. No entanto, vale frisar que, de acordo com os registros no livro-ata, os filhos das famílias alemãs ficaram sete anos sem aulas em Matador, e as aulas são retomadas em 4 de maio de 1925 com o professor Erich Reussner.

No ano de 1919, terminada a Primeira Guerra Mundial, a colônia de Matador possui 80 famílias. Para as famílias esse foi um difícil recomeço de vida, trabalho, escola, exigindo de todos paciência e perseverança para lutar pela continuidade da Sociedade Escolar.

2.1.1 A primeira diretoria da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador – Bella Aliança.

A diretoria da Sociedade Escolar era composta por um presidente, 2º presidente, o tesoureiro, o secretário e um segundo secretário.

Quadro 5 – Diretoria da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador.

Ordem	Data de posse	1º presidente	2º presidente	tesoureiro	1º secretário	2º secretário	Qtde. Presentes
1ª diretoria	25/07/1909	Heinrich Kopelke	Essas funções não constam na lista dos protocolos				
2ª diretoria	29/01/1911	Otto Bachmann	Johan Kopelke	Pastor Radlach	Wilham Klar	Willy Hering	
3ª diretoria	07/01/1912	Otto Bachmann	Johan Kopelke		Wilham Klar	Willy Hering	8
4ª diretoria	29/12/1912	Otto Bachmann	Willy Hering	Alwin Kriech	Miguel Hoffmann		8
	1913	Os sócios presentes reelegeram a diretoria do ano anterior.					8
5ª diretoria	11/01/1914	Otto Bachmann	Willy Hering	Alwin Kriech	Miguel Hoffmann		12
	24/01/1915	Os sócios presentes reelegeram a diretoria do ano anterior.					
	30/12/1915	Os sócios presentes votaram pela continuidade da diretoria.					9
6ª diretoria	19/04/1925	Reinhold Hasse	Felix Fuchs	Miguel Hoffmann	Ulrich Hubsch	Alfred Swarowsky	20
7ª diretoria	07/02/1926	Reinhold Hasse	Richard Kopelke	Carl Brandh	Alfred Swarowsky	Erich Reussner	19
8ª diretoria	13/02/1927	Albert Strelow	Reinhold Hasse	Carl Brandh	Alfred Swarowsky	Conrad Riemann	15
	15/01/1928	Permaneceu a diretoria anterior.					16
9ª diretoria	10/03/1929	Albert Strelow	Reinhold Hasse	Carl Brandh	Alfred Swarowsky	Conrad Riemann	13
10ª diretoria	05/12/1929	Otto Kriech	Heinrich Hardt	Carl Brandh	Alfred Swarowsky	Erwin Grabenstein	21

Fonte: *Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslowski. Livro 930. p. 1-56.*

Cabe à diretoria escolhida pelos associados da Sociedade Escolar de Matador decidir sobre o que se segue: convocar as assembléias e determinar a ordem do dia, representando e defendendo os interesses da sociedade escolar. A diretoria, junto com os sócios, decide sobre a divulgação de vagas, a escolha de professor, o contrato dos serviços executados, as mensalidades, a entrada de novos sócios, os acertos na compra e distribuição dos livros didáticos para o ano letivo, currículo do plano escolar, assuntos referentes ao caixa escolar, comemorações festivas, utilização e empréstimos de livros aos sócios da escola, etc. As responsabilidades da diretoria, dos sócios e do professor são definidas por um estatuto que determina:

art.2. Compete ao presidente: convocar as assembléias com prévio aviso de 15 dias, por meio de circulares; determinar a ordem do dia das mesmas assembléias; defender os interesses da sociedade e representá-la judicial e extra-judicialmente.

art.3. Compete ao secretário: lavrar as atas nas assembléias, remeter avisos e correspondência da sociedade.

art.4. Compete ao tesoureiro: cobrar as jórias, contribuições mensais e receber quaisquer auxílios ou subvenções; pagar o ordenado mensal do professor; efetuar pagamentos, depois da autorização pelo Presidente; fazer a escrituração da receita e despesa e apresentar anualmente um balancete à assembléia geral ordinária.⁸²

As reuniões e assembléias gerais eram marcadas sempre antes do início do ano letivo, antes de se iniciarem as aulas, no mês de janeiro de cada ano, com a presença dos associados e de familiares convidados da Sociedade Escolar. As mesmas tinham por objetivo apresentar para a comunidade alemã a prestação de contas da Sociedade Escolar, bem como eleger nova diretoria ou tratar de assuntos diversos e do interesse da comunidade alemã.

No início, poucos sócios participavam da Sociedade Escolar do Matador. No começo de 1912, a comunidade escolar possuía oito associados; em junho, onze; e em outubro, nove sócios. Em dezembro de 1912, havia oito sócios, e em janeiro de 1914, doze membros. A quinta direção escolhida pela sociedade escolar elege Otto Bachmann como presidente e para secretário Willy Hering. Com o passar dos anos, outros membros vão integrando o rol de associados na Sociedade Escolar do

⁸² Estatuto da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador, 12 jan. 1929. (Acervo do autor).

Ribeirão Matador. Em 29 de novembro de 1914, a Sociedade escolhe, novamente, Otto Bachmann para a gestão 1915/1916. Nesse ano, são encerradas as atividades temporariamente, devido ao início a Primeira Guerra Mundial.

2.1.2 As primeiras aulas

As primeiras aulas no início da colonização aconteceram devido ao interesse e à preocupação dos imigrantes alemães que não queriam de forma alguma que seus filhos fossem analfabetos. A preocupação com a educação escolar era uma iniciativa de alguns homens interessados e preocupados com a educação. A Igreja Evangélica Alemã também se interessava pela educação das crianças na colônia. A escola em Matador possuía três séries, onde meninos e meninas estudavam juntos, ainda que com idades e níveis de conhecimento diferentes e com um único professor. Segundo Kreutz (1994), a escola caracterizava-se pela informalidade, tanto em relação ao currículo, quanto ao período escolar.

Não havia período escolar uniforme, variando de acordo com as circunstâncias, as possibilidades e a organização de cada localidade. As crianças freqüentavam a escola durante um ou dois anos apenas, prolongando-se, nas décadas de 1880/1890, para três anos ou quatro anos, porém, não de maneira uniforme em todas as localidades. As matérias de ensino limitavam-se ao estritamente necessário: aprendizado da leitura e da escrita, história bíblica, catecismo (religião) e os fundamentos de matemática aplicados às necessidades cotidianas.⁸³

O professor seguia um programa (currículo) que antes do início do ano letivo era submetido à apreciação da Sociedade Escolar.

Os materiais didáticos eram solicitados pelo professor. O pedido encaminhado à diretoria da escola era submetido à avaliação. A aquisição do material era feita pelo presidente da Sociedade Escolar Alemã. Na Ata da Sessão realizada no 29 de dezembro de 1912, consta uma solicitação do professor com a seguinte descrição: "foi pedido ao Sr. Kopelke para que ele faça três bancos escolares, para isso o Sr. Bachmann deve fornecer as tábuas também para o púlpito

⁸³ KREUTZ, Lúcio. *Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1994. p.38.

(mesa do Professor)".⁸⁴ Nos primeiros anos, as crianças utilizavam o lápis de ardósia (grafite) para escrever. As anotações eram feitas no quadro de ardósia chamado de lousa. Só bem mais tarde, depois de 1910, elas começam a utilizar o caderno. A partir de 1914, a diretoria passa a exigir que as crianças possuam o livro de aritmética e a Cartilha Moderna ou Leituras Primárias para aprender a ler e escrever, de autoria de R. Heuer (Anexo I – Amostra).

Em reunião realizada no dia 24 de janeiro de 1915, consta que

*a partir de hoje toda criança deve ter os seus próprios livros, para isso a caixa da escola coloca a disposição uma dúzia de livros de leitura, e uma dúzia de livros do primeiro ano e, uma dúzia de livros da segunda parte de aritmética. Os livros devem ser deixados com o professor para que ele venda aos alunos.*⁸⁵

Os livros didáticos utilizados pelas crianças eram adquiridos na colônia de Blumenau e produzidos pela Editora Rotermond Cia., de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Na Sociedade Escolar de Matador foi montada uma biblioteca para as crianças. Em 1926, sabendo que o senhor Swarowsky tinha uma viagem marcada para a Alemanha, o diretor da Sociedade Escolar pede que ele consiga doações junto àquele país para aumentar o acervo bibliográfico e outros recursos didáticos para a escola.

No início do ano 1927, a Sociedade Escolar Alemã de Matador recebe a visita do Cônsul Alemão Otto Rohkohl para conhecer a escola alemã. Durante sua estada na colônia, o Cônsul faz uma doação no valor de 100\$000 mil réis para melhoria da biblioteca das crianças, que atendia também aos pais e moradores da comunidade. Swarowsky, durante sua visita a Hamburg, Frankfurt e Magdeburg,⁸⁶ consegue doação de recursos didáticos, de muitos livros e mapas geográficos.

Esse é um aspecto que chama a atenção, porque existia na Alemanha o interesse em ajudar os seus filhos emigrados ou ainda ajudar filhos de uma segunda

⁸⁴ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 24 de janeiro de 1915. Livro nº 930. p. 8.

⁸⁵ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 24 de janeiro de 1915. Livro nº 930. p. 8.

⁸⁶ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 19 de abril de 1925. Livro nº 930. p. 19.

geração, nascidos no Brasil. Em Rio do Sul, muitas vezes se escutou e ainda se ouve que veio da Alemanha ajuda financeira para instituições, como é o caso da Sociedade Escolar de Matador. Segundo Klug (1997),

no final do século XIX e início do século XX, várias instituições se formaram na Alemanha, com vistas à preservação da germanidade no exterior. Dentre estas podemos destacar o Verein für das Deutschtum in Ausland (VDA), cujo núcleo surgiu em Viena, na segunda metade do século XIX. O objetivo central desse núcleo era fazer frente às lutas linguístico-culturais no interior do Império Austro-Húngaro. Com a unificação alemã, os grupos VDA na Alemanha se separaram de seus congêneres austríacos. Assim, essa organização passou a ter vários segmentos regionais, os Ortsgrupe, dentre os quais se destacava o de Hamburgo, fundado em 1903, cujo apoio concedido aos teuto-brasileiros foi considerável.⁸⁷

Portanto, a partir dessa colocação é possível compreender a origem dessas instituições, com o objetivo de amparar os grupos étnicos existentes pelo mundo afora. Klug (1997) comenta os objetivos do grupo VDA⁸⁸:

entre os seus objetivos estava o de “aquecer a germanidade evangélica no além-mar”. Essa proposta seria viabilizada através de palestras, conferências, artigos em jornais, panfletos etc. (...) o VDA apoiava escolas de língua alemã, financiava construções, equipamentos, livros didáticos, enviava professores e patrocinava estudos de alguns teuto-brasileiros na Alemanha. Tinha um lema: Gedenke das du ein deutcher bist. (Lembra-te de que és um alemão).⁸⁹

Para complementar a explicação das origens dos fundos de ajuda vindos da Alemanha, são apresentados quadros (Anexos de Klug, 1997), onde consta que a localidade Matador, como colônia, recebeu ajuda da Alemanha. Consta no Quadro 2 (Subsídios do fundo escolar para escolas alemãs em Santa Catarina – ano contábil de 1912), item nº 72, o valor de 200 marcos. E no Quadro 3 (Subsídio do fundo escolar para escolas alemãs em Santa Catarina – ano contábil de 1914), item nº 38,

⁸⁷ KLUG, João. *A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina: a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871–1938)*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo. p. 113.

⁸⁸ VDA – Verein Für das Deutschtum in Ausland. Instituição de apoio às escolas de língua alemã. Estruturadas nas colônias do Sul do Brasil.

⁸⁹ KLUG, op. cit., p. 113.

o valor de 200 marcos.⁹⁰

Os subsídios provavelmente foram utilizados na construção da casa escolar ou dos utensílios (bancos, mesa para o professor, quadros, armários, etc.).

Com isso, a diretoria constrói um armário para guardar os livros e nomeia o professor Erich Reussner para organizar a biblioteca da escola e controlar os empréstimos. A diretoria decide que os livros podem ser emprestados às crianças, aos membros (sócios) da escola e aos não-sócios, a estes mediante penhor:

para cada livro devem ser deixados 5\$000 mil réis. Os não-associados da escola devem pagar 20\$000 mil réis. Mas podem ser feitos descontos pelo professor quando os livros forem menores. Os não-associados da escola pagam por semana 200 réis por livro e, os membros (sócios) da escola não pagam nada.⁹¹

Caso os livros emprestados fossem devolvidos com defeito, o professor responsável deveria comunicar imediatamente à diretoria escolar, que decidia em reunião a indenização a ser paga, considerando-se a situação financeira da família.

2.1.3 Os primeiros professores e sua representatividade

Na Sociedade Escolar alemã o saber do professor é elemento central do conhecimento a ser trabalhado. Porque é presente a preocupação das famílias para com a alfabetização, apesar de as crianças trabalharem na roça, na colheita e nos afazeres de casa. A escola para as famílias alemãs é importante porque elas têm a compreensão de que a educação poderia proporcionar uma vida melhor para os seus descendentes. Era de suma importância que os filhos frequentassem a escola até concluir os três anos de ensino do primário. Uma educação básica e religiosa inicial é, para eles, fundamental para a formação do jovem cidadão. Portanto, de acordo com concepção geral, a educação para os alemães era considerada condição de ascensão social na comunidade de Matador. Além disso, segundo Kreutz (1999),

⁹⁰ Id., *ibid.*, p. 233-236.

⁹¹ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 24 de janeiro de 1915. Livro nº 930. p. 18.

*os imigrantes já vinham com forte tradição escolar, convencidos de que a escolarização básica e universal era pressuposto para formação da cidadania, e, entre a maior parcela de imigrantes, tanto católicos quanto evangélicos, a escola também era entendida como instância fundamental para a estrutura familiar e religiosa desejável.*⁹²

A continuidade dos estudos que as famílias denominavam de classe alta, ou seja, uma fase escolar posterior aos três anos de estudos na escola, era feita na colônia de Indayal ou de Blumenau. A maioria das crianças, porém, estudava somente até aprenderem a ler, a escrever e a calcular, o que era restrito, portanto, às três primeiras séries do curso primário.

Antes da criação da Sociedade Escolar Matador, as famílias resolviam o problema da educação da maneira mais simples que podiam. Quem não podia freqüentar escola aprendia em casa, através das orientações da própria mãe. Para Klug (1997), “essa ação, tratava-se de uma educação doméstica”. Na verdade, quem podia pagava pelos serviços educacionais, contratando um professor particular para lecionar em casa. Willy Hering foi um deles. Contratou um professor particular de nome Richard Heinz para lecionar na cozinha de sua casa em Matador. Assim, para não ficarem sem aulas, as crianças deslocavam-se até a casa de Willy para assistir às aulas.

A comparação de certos dados das entrevistas com a tradução dos protocolos, bem como com a crônica escrita pelo Pastor Stoer, datada de 1965, revelou que os imigrantes alemães buscavam na própria descendência alemã seus professores. Eles não permitiam que professor de outra etnia participasse da educação de seus filhos.⁹³ A partir do momento em que fundam a Sociedade Escolar, escolhem para lecionar a pessoa considerada mais inteligente do lugar ou convidam professores fora da colônia Matador.

Preocupando-se com a qualidade e eficiência da formação dos seus filhos, os imigrantes procuravam um professor que fosse da mesma etnia e da mesma religião. Assim, junto da formação escolar estava presente o ensino religioso. Dessa forma, atentos à formação do professor, os imigrantes acompanhavam o andamento

⁹² KREUTZ, op. cit., p.38.

⁹³ STOER, Hermann. *Crônica da paróquia evangélica de Rio do Sul – 1908-1958*. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S. A. 1965. p. 8.

das atividades. Assim, segundo Stoer (1965), havia na época muitos casos de professores que “mostravam-se bastante jeitosos e dedicavam-se com vontade e carinho à causa, outros, no entanto, melhor fariam em procurar outra atividade”.⁹⁴

Os professores lecionavam nas casas das famílias que podiam pagar as aulas para seus filhos. Nessa condição, o serviço educacional prestado não foi possibilidade para todas as crianças. Aquelas famílias que não tinham condições de pagar aulas particulares encaminhavam as crianças para a escola pública de Matador, onde estudavam as crianças de outras etnias. Nessa época, esse fato causou muitos transtornos para essas crianças, já que em casa elas só se comunicavam em língua alemã, e na escola pública do governo os professores se comunicavam em língua portuguesa.

Além de enfrentarem o preconceito de pertencerem a outra etnia, como se fossem alienígenas, muitas vezes essas crianças alemãs de cabelos loiros como cor da palha de milho branco (seca) eram tratadas como aliadas de Hitler. O preconceito da religião, por serem luteranos, afastava-os mais ainda das crianças brasileiras, que eram da religião católica. Muitas vezes, era a própria família que proibia aproximação entre tais crianças.

Segundo consta no artigo produzido pelo Pastor Leonhard Grau⁹⁵, o primeiro professor oficialmente convidado pela diretoria da Sociedade Escolar de Matador foi Koberstein. Esse professor lecionou durante o ano de 1909. Iniciou as atividades escolares no período vespertino com todas as crianças pertencentes às famílias alemãs que tinham condições de serem sócios-membros da sociedade. Na verdade, somente para aquelas que podiam pagar o valor da anuidade (jóia) e a mensalidade escolar. Quando a diretoria contratava o professor, ofereciam a ele e sua família a moradia na própria casa escolar. O professor Koberstein lecionava também em Braço do Sul, no período matutino. Segundo Stoer (1965),

*todas as manhãs vê-se a criançada descalça subindo o pequeno atalho em direção à escola, que se encontra na margem esquerda do rio, pouco antes da confluência. O professor Koberstein também faz, inoficialmente, os serviços religiosos. Oficia, inclusive, os enterros, que também não faltaram, infelizmente, no ano passado. Seja dito de passagem que o cemitério se encontra na zona entre os rios Itajaí e Itajaí do Oeste.*⁹⁶

⁹⁴ Id., *ibid.*, p. 26.

⁹⁵ GRAU, Leonhard Pastor. Comunidade Pastoral de Bella Aliança. 15 fev. 1927.

⁹⁶ STOER, *op. cit.*, p. 8.

Em 1910, a diretoria da Sociedade Escolar estava sem professor e partiu em busca de outra pessoa para assumir o cargo. O segundo professor foi Wilhelm Klar, um imigrante alemão tido como o homem mais instruído da comunidade local, que aceitou o convite da diretoria e assumiu com responsabilidade e dedicação o desafio, mediante a tarefa de alfabetizar e ensinar as crianças na escola por três anos, até 1914.

O salário do professor era pago pela diretoria da Sociedade Escolar, e o contrato de trabalho era por período indefinido. Contudo, a continuidade ou não do professor dependia da boa atuação e aceitação das famílias associadas, porque elas é que mantinham a escola, desde o salário do professor e gastos na aquisição dos recursos didáticos (bancos, quadros, mesas, livros) até as reformas. Consta em livro-ata⁹⁷ que o professor Wilhelm Klar foi contratado por 30\$000 mil réis por mês. Durante sua permanência na escola alemã de Matador, muitas dificuldades foram enfrentadas por ele, principalmente por causa do valor das mensalidades. Os sócios precisavam buscar alternativas para ajudar nas mensalidades, organizando festas na escola e solicitando ajuda financeira ao Conselho Superior de Igrejas Evangélicas na Alemanha.

Em 29 de novembro de 1914, a diretoria da comunidade escolar reuniu os membros para escolher um novo professor para o ano de 1915. Foi sugerido Emil Schmidt, que foi aceito pela maioria dos sócios. Esse foi o terceiro professor a integrar a vida escolar alemã de Matador. O ano letivo de 1915 e, principalmente, o de 1916 foram de muitas dificuldades para a Sociedade Escolar alemã. Dois fatos atingiram o bom andamento da escola.

O primeiro deles diz respeito à saída das crianças alemãs que migraram para estudar na escola pública de Matador, diminuindo em muito o número de alunos na escola, o que gerou dificuldades financeiras no caixa escolar. O segundo fato foi a Primeira Grande Guerra Mundial na Europa, que redundou em momentos difíceis para os imigrantes alemães e seus filhos no Brasil. Isso gerou uma situação de desconfiança por parte dos brasileiros, que passaram a considerar inimigos os

⁹⁷ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 23 de junho de 1912. Livro nº 930. p. 13.

imigrantes alemães, nas colônias, ocasionando um certo distanciamento nas relações sociais e econômicas estabelecidas interna e externamente na colônia.

Na Sociedade Escolar de Matador, muitas crianças saíram da escola até terminar a guerra. As famílias preferiram que as crianças ficassem em casa, ao invés de terem que vê-las freqüentando a escola pública, pois tinham medo das represálias por parte do governo brasileiro e dos próprios brasileiros (nacionais) que moravam em Matador, Cobras, Lontras, Bella Alliança. Outro fato é que na escola pública o ensino era ministrado em língua portuguesa, o que gerou conseqüências para as famílias, pois precisavam enfrentar o desafio de mudar rapidamente a maneira de se comunicarem.

Entretanto, mesmo que a guerra mundial tenha causado aos imigrantes, em parte, o rompimento das relações sociais e econômicas entre eles e os nacionais (brasileiros), não tinham mais como voltar. Portanto, as proibições aumentaram e os ânimos se acirraram, principalmente,

quando o Brasil entrou na Guerra Mundial em 1917, tornando-se inimigo da Alemanha. Foi isso um duro golpe para a Igreja Evangélica, naquele tempo igreja principalmente dos imigrantes de ascendência alemã. Foram proibidos pelo Governo Federal as pregações e aulas de doutrina aos confirmados em língua alemã. Aliás, as escolas particulares continuaram fechadas longos anos após a guerra.⁹⁸

No entanto, os imigrantes conseguem, depois de aproximadamente sete longos anos, darem reinício às atividades escolares na Sociedade Escolar de Matador. Para tanto,

o começo do ano letivo foi marcado para o dia 4 de maio no período matutino às 8 horas. O ordenado do professor é conforme contrato. Para os três primeiros meses um valor de 130\$000 mil réis por mês. Para buscar os pertences do professor, Reinhold Hasse assume a responsabilidade, sendo as despesas de viagem pagas pela Sociedade Escolar de Matador.⁹⁹

Ao retomar às atividades, a diretoria da Sociedade Escolar contratou o quarto professor para a Sociedade Escolar, Erich Reussner, que vai coordenar todas

⁹⁸ STOER, op. cit., p. 18.

⁹⁹ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 19 de abril de 1925. Livro nº 930. p. 7.

as atividades escolares na colônia de Matador. Em dezembro de 1925, a diretoria acerta com o professor Reussner o ordenado de 155\$000 mil réis. Mas o professor solicita à diretoria da Sociedade Escolar o seu afastamento, alegando que recebeu uma outra proposta de trabalho fora do Estado de Santa Catarina.

A diretoria da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador marca reunião extraordinária para agosto de 1927, com o objetivo de analisar o pedido de demissão do professor Reussner, e seus membros conversaram sobre a possibilidade de divulgarem no jornal em Blumenau a oferta da vaga para o cargo.

Após isso, Alfred Swarowsky indicou o Sr. Vianden para acompanhar durante os meses de agosto e setembro os trabalhos do professor Reussner, podendo, desse modo, se preparar para assumir as atividades escolares. Na mesma reunião, Swarowsky assumiu o compromisso de pagar o ordenado do Sr. Vianden no primeiro mês, e os demais membros (sócios) presentes ofereceram-se para ajudar a pagar o salário do Senhor Vianden nos meses de novembro e dezembro caso ele fosse escolhido e viesse realmente a assumir o cargo de professor.

Em assembléia extraordinária, realizada no dia 24 de setembro de 1927, foi discutida a indicação do Sr. Vianden para ser o novo professor da escola alemã de Matador. A indicação é votada pelos membros da diretoria e sócios presentes, mas a votação resulta na rejeição do professor. Os sócios alegaram o fato de o professor ser católico. A referida decisão deixou Swarowsky indignado e, dirigindo-se aos sócios presentes, disse o seguinte: “No entanto tal decisão não diz grande coisa, a escola e o credo por enquanto ficam para outra ocasião e a escola fica sem solução”.¹⁰⁰

A relação e as sucessivas substituições de professores na Sociedade Escolar Alemã de Matador evidenciam que a história da constituição dessa instituição não foi tranqüila. Ao contrário, explicita questões que ultrapassam o âmbito educacional.

O professor Reussner deixou a escola no final de dezembro de 1927. Albert Strelow, da diretoria da Sociedade Escolar, convida Conrad Riemann para uma reunião com os membros da sociedade, que o aceitam para lecionar na escola com o salário de 130\$000 mil réis por mês.

¹⁰⁰ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslowski. Sessão realizada no dia 24 de março de 1929. Livro nº 930. p. 23.

Conrad Riemann tornou-se o quinto professor da escola alemã de Matador. O novo ano escolar é iniciado no dia 16 de janeiro de 1928, após sua mudança para a colônia, com a ajuda de Reinhold Porath, Albert Strelow e Otto Rothenburg. O professor Riemann lecionou na escola de Matador até meados de 1929. No seu primeiro dia de aula estiveram presentes Reinhold Hasse, Albert Strelow, Alfred Swarowsky e sua esposa, Hartwig Schonfelder e Albert Fischer. As crianças que iam ser alfabetizadas vieram todas e tomaram lugar em seus bancos. O professor iniciou a sua aula realizando uma oração, como era costume em todas as aulas na escola alemã. Em seguida, o professor Riemann pronunciou algumas palavras aos seus alunos e alunas. Disse que no portal da escola que estudou estava escrito a seguinte frase: “Non scholae sed vitae discimus” (“Nós aprendemos não para a escola, mas para a nossa vida”).

Swarowsky agradeceu as palavras do professor Riemann e aconselhou as crianças a se esforçarem na aprendizagem, afirmando que “arranjem bons livros para a sua casa, assim vocês terão uma corrente de forças positivas, elas agem como uma bênção para vocês e os seus netos no futuro”.

A mensagem provoca os jovens para empenharem-se nos estudos, procurando através da leitura conhecer a história do mundo. Sabia Swarowsky que as crianças podiam viajar no mundo da fantasia, que podiam, sim, se apoderar do saber necessário para a vida socioeconômica da colônia. Para a grande maioria dessas crianças, o trabalho na terra ou de casa estava à espera de cada um deles. Na entrevista com o senhor Alois, ele afirma que poucos eram os que continuavam estudando depois dos três anos de Escola em Matador. Um ou outro partia em busca de estudos maiores (classe mais alta) fora da colônia. Estes estudos só existiam nos colégios internos dos padres ou através da orientação do Pastor da Igreja Evangélica e Luterana, que ajudava no encaminhamento da criança para estudar em Blumenau.¹⁰¹

Em 1929, o professor Riemann começou a ter conflitos com as famílias alemãs da comunidade de Matador. Os motivos que conduziram ao conflito foram levados à diretoria da escola, apresentados e discutidos em reunião extraordinária sob a seguinte alegação dos sócios:

¹⁰¹ SPIEWECK, Hans Adolf. Entrevista n. 7. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 14 jan. 2000.

primeiro foi pedido ao professor para controlar as tarefas das crianças e examinar os cálculos de aritmética, tirando a prova para verificar se estão corretos. Para acabar com as reclamações das famílias. Como segundo pedido a direção solicitou que: se as crianças no caminho de casa para a escola ou da escola para casa fizessem bagunça (arte), era para que o professor, conforme havia sido decidido, castigasse, com o castigo correto.¹⁰²

As solicitações acima encaminhadas ao professor não foram atendidas. Novas reclamações das famílias alemãs surgiram, obrigando a diretoria da comunidade escolar a marcar outra reunião, no dia 16 de junho de 1929, onde estiveram presentes dezessete membros. Alegaram eles que muitas reclamações vinham aparecendo contra o professor Conrad Riemann, relacionadas ao comportamento dele, e mais especificamente às expressões utilizadas pelo professor em sala de aula. Segundo relata Swarowsky (1929), secretário da reunião, “expressões as quais nós não queremos aqui registrar em ata”.¹⁰³ A diretoria resolve então votar sobre a permanência do professor Conrad Riemann. O resultado foi o seguinte: resultando em 14 votos contra, 2 votos a favor, 1 voto em branco, somando assim 17 votos ao todo.

Dos 17 membros presentes, 82,3% decidiram pela dispensa do professor. Sem professor, as aulas foram suspensas até que a diretoria da Sociedade Escolar contratasse outro mestre.

Dos imigrantes alemães que se apresentaram à Sociedade Escolar de Matador para exercer a função de professor, apenas um candidato tinha a formação adequada. Assim, foi escolhido Erwin Grabenstein para tornar-se o sexto professor da Sociedade Escolar.

Erwin tinha a formação de professor adquirida na Alemanha para atuar no estrangeiro. Afirmava que havia se especializado para ser orientador de jovens no Brasil, cujo objetivo era torná-los capazes, fortes, vencedores e com espírito de empreendedores. Alfred Swarowsky coordenou a circulação de uma lista para a votação. Nenhum dos membros presentes foi contra a escolha. A diretoria ofereceu

¹⁰² Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 24 de março de 1929. Livro nº 930. p. 35.

¹⁰³ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 24 de março de 1929. Livro nº 930. p. 36.

ao professor Erwin um ordenado de 130\$000 mil réis por mês. O professor Erwin aceitou dizendo que “não tinha vindo para o Brasil para constituir grandes riquezas, mas estava preparado para ser professor e o orientador das crianças”.

Em 21 de agosto de 1929, o professor Erwin Grabenstein é recebido para a sua primeira aula na comunidade escolar alemã. Da diretoria estiveram presentes os senhores Albert Strelow, Wilhelm Porath, Gustav Hasse, Otto Klug, Reinhold Kopelke, Albert Fischer, Alfred Swarowsky e Richard Kopelke, além de outros familiares convidados. Trinta e um alunos compareceram. Para a Sociedade era muito importante que o professor assumisse a grande missão de tornar as crianças fortes, capazes, bons cidadãos brasileiros, dignos de acordo com a educação alemã.

Grabenstein agradeceu os elogios da diretoria, dirigindo-se a todos, especialmente às crianças, solicitando e alertando que deveriam ser obedientes, educadas, porque assim não seria necessário utilizar o recurso da vara. Afirma que só com muito esforço, dedicação e observação as crianças conseguiriam ter êxito nos seus estudos.

Em março de 1930, solicitou o seu desligamento da escola, dizendo permanecer somente até a diretoria conseguir contratar um novo professor. Grabenstein disse que para o bem da sua saúde estava aceitando uma proposta de trabalho em Braço do Sul (atualmente Rio do Sul). Alfred sugeriu à diretoria da Sociedade Escolar que fosse feita uma segunda proposta de salário, adicionando o valor de 80\$000 mil réis que a comunidade de Suedarm (Braço do Sul) oferecera a mais no ordenado do professor. Mesmo assim, o professor Erwin Grabenstein disse que não ficaria.

A diretoria da escola decidiu então contratar um professor da terra (significa dizer que queria investir e acreditar em pessoas que já moravam na região ou na colônia). Assim, foi enviada uma carta ao professor Rickli, em Rio Krauel, porém a diretoria da escola não recebeu nenhuma resposta.

A solicitação do professor Grabenstein para deixar de lecionar na escola causou um conflito entre a comunidade escolar de Matador e a de Suedarm (Braço do Sul), mais especificamente com a diretoria da igreja evangélica luterana. Este fato exigiu do pastor Leonhard Grau, na época representante da igreja e pastor atuante na região do Alto Vale do Itajaí, que convocasse membros da Sociedade Escolar de

Matador para explicar o ocorrido, em reunião no dia 6 de abril de 1930.

Entretanto, Grabenstein, mesmo decidido a deixar a sala de aula da Sociedade Escolar de Matador, fez a sua indicação, pedindo à diretoria da escola que contratasse em seu lugar o professor Liem, um amigo, nas mesmas condições de formação.

O professor Liem apresentou-se para a reunião de aceitação no dia 15 de junho de 1930. Nesse dia obteve 80% dos votos dos 15 membros presentes. Solicitou a palavra e, diante da diretoria, confirmou seu compromisso com objetivo de dar continuidade aos trabalhos de seu antecessor.

Ele foi o sétimo professor da Sociedade Escola alemã de Matador, onde lecionou até dezembro de 1930. Com tantas trocas a escola é novamente abalada pela perda de mais um professor. O falecimento do professor Liem ocorreu em dezembro de 1930.

Em reunião extraordinária realizada no dia 22 de dezembro de 1930, na casa de Hermann Meinicke, onde estiveram presentes onze membros da comunidade, para resolverem de quem seria a vaga de professor entre os três candidatos que se apresentaram: Hans Westpfahl, Hermann Haake, Albert Hamann.

Para o ano letivo de 1931, a diretoria escolheu como novo professor Albert Hamann, que se torna o oitavo professor da escola alemã em Matador. Adquiriu sua formação na Alemanha e lecionou nas escolas da Alemanha como professor particular. Ao assumir a escola dirigiu-se aos membros presentes na reunião, explicando que, ao chegar no Brasil, tinha lecionado no Rio de Janeiro. Diante da diretoria assume o compromisso de fazer todo o possível para aumentar o número de alunos, o que poderia reduzir os déficits do caixa da escola. Combinou com a direção escolar para iniciar as aulas no dia 5 de janeiro de 1931. Hamann acertou por contrato com a direção da Sociedade Escolar Alemã, na pessoa de Otto Kriech, o ordenado de 200\$000 mil réis. Hamann foi o professor que lecionou até o final do ano de 1934.

Portanto, todos esses dados demonstram que na escola alemã, mesmo antes da Primeira Guerra Mundial, houve constantes trocas de professores. O mesmo quadro se repete durante alguns anos depois da Primeira Guerra Mundial, quando a cada ano os professores eram trocados.

O trabalho de professor estava sob a coordenação e acompanhamento da diretoria escolar, que o fiscalizava, porque não queria ter complicações

administrativas, pedagógicas e nem políticas com o Inspetor de Ensino do V Distrito Bella Alliança. A nomeação do Chefe Escolar era realizada pela Diretoria da Instrução Pública junto a Secretaria do Interior e Justiça. Exemplo de um comunicado de nomeação para Chefe Escolar. Sr. Ermembergo Pellizzetti, Rio do Sul – Blumenau, Comunico-vos que, pela resolução n. 6.569, de 18 de outubro de 1929, fostes nomeado para exercer o cargo de Chefe Escolar desse Distrito.

As visitas nas escolas eram feitas pelos inspetores escolares da região, e os Chefes Escolares, que deixavam um Termo de Visita para a diretoria da Sociedade. Ao professor cabia cumprir o planejamento das aulas, realização dos registros e controles de freqüência, cálculos exigidos no preenchimento do boletim mensal do aluno e a verificação do aproveitamento dos alunos e seu sentimento de brasilidade. Em ata referente aos exames escolares de final de ano se lê:

“que se esforcem muito no sentido de inculcar no espírito dos escolares o puro sentimento de brasilidade; que ministre muitas aulas de linguagem oral aos alunos da 1ª série, concretizando-as sempre para facilitar aos mesmos a aprendizagem da língua pátria; que escreva o livro de matrícula, de conformidade com as instruções recebidas; que continue a trabalhar pelo progresso das instituições existentes e institua as demais recomendações pelo Departamento de Educação; que observe a orientação que lhe dei sobre o ensino de todas as disciplinas; que, deste termo, remeta uma cópia ao Sr. Diretor do Departamento de Educação, uma cópia ao Sr. Prefeito do distrito onde a colônia estava inserida e outra à Inspetoria Escolar”¹⁰⁴

Tais atas eram enviadas em duas cópias para o Chefe Escolar no distrito de Blumenau, pela diretoria da Sociedade Escolar de Matador.

O não-cumprimento das exigências acarretava na suspensão do pagamento dos vencimentos pela diretoria da Sociedade Escolar de Matador. Todo e qualquer problema referente ao processo escolar tinha de ser comunicado à diretoria. As famílias alemãs confiavam, respeitavam e acatavam as decisões do professor.

Enfim, a Sociedade Escolar existente em Matador tinha uma estrutura administrativa orientada por uma diretoria. E com os livros (cartilhas) e os recursos físicos e didáticos que possuía, conforme anexos I e II, a escola alemã de Matador, pode-se dizer que se não era tão urbana como as escolas das grandes colônias provinciais, pode ser enquadrada na tipologia que Egon Schaden adota, citada por

¹⁰⁴ Acervo da Diretoria da Colônia Hansa, da Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897, no Museu Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, em Ibirama SC.

Klug (1997). Dessa maneira, a escola de Matador pode ser considerada uma das

*escolas alemãs propriamente ditas, nos núcleos urbanos e mantidas na sua maioria por sociedades escolares bem estruturadas. Contavam com o bom material de apoio, professores com formação (Lehrerseminar), a maioria oriunda da Alemanha.*¹⁰⁵

Portanto, é necessário dizer que no início quem lecionava na Sociedade Escolar do Ribeirão Matador era um professor com formação, depois passou a ser um colono da própria colônia, finalmente ocorreu a volta dos professores formados.

2.1.4 Postura do professor diante da comunidade

Na colônia, as famílias alemãs de Matador comprometeram-se com a construção da escola, porque sabiam que o meio mais eficiente de continuar a educação das crianças na colônia era a instituição escolar – uma escola bem estruturada, sob as orientações de um bom professor, o melhor que pudessem contratar. Pois, a escola sob a direção de alguns homens oferece os recursos físicos e humanos necessários para a qualidade de ensino almejada no processo ensino-aprendizagem. Os imigrantes sabiam que não bastava a escola ter todos os recursos didáticos, sendo necessário professor com formação competente e conhecedor da educação alemã.¹⁰⁶ Mesmo assim, havia quem criticasse a alfabetização nas colônias alemãs.

O pastor Poeschel, em 1925, em visita às comunidades eclesiásticas, de Alto Lauterbach, Baixo Lauterbach, Ribeirão das Cobras, Taió, Albertina, Matador, Mosquito e Trombudo Central, faz uma crítica e afirma o seguinte sobre escolas particulares:

*quanto aos professores lemos que muitos se mostravam bastante jeitosos e dedicaram-se com vontade e carinho à causa. Outros, no entanto, melhor fariam em procurar outra atividade.*¹⁰⁷

¹⁰⁵ KLUG, op. cit., p. 86.

¹⁰⁶ Educação alemã significava o seguinte: educar as crianças, preservando a cultura do povo alemão; Os hábitos e os costumes e, no mínimo, alfabetiza-las, e manter o elo de ligação com a aprendizagem da língua materna. Saber falar, escrever na língua alemã era o passaporte para continuarem a se comunicar com o país de origem. Era dada ênfase no canto, na religião.

¹⁰⁷ STOER, op. cit., p. 26.

O professor era considerado possuidor de uma missão, com o dever de ensinar e de contribuir na educação, no desenvolvimento, na aprendizagem das crianças alemãs, não permitindo de forma alguma que ficassem sem ter o que fazer na colônia. A frequência exigida pela escola era auxiliada pelas famílias. Em 1926, consta de registro em ata a intimação dirigida aos familiares, que deveriam mandar suas crianças à escola. A diretoria da Comunidade Escolar solicita aos membros sócios que “mandem as suas crianças com regularidade para a escola, não os deixem faltar”. Assim, a educação em Matador antecede à escola em muitas ações na família.

Na Sociedade Escolar do Matador, os imigrantes alemães criam e elaboram o estatuto da escola. Dessa forma, são organizadas as exigências administrativas, além dos direcionamentos definidos pelo professor ou pela diretoria vigente. Passa então a ser utilizado o recurso do regimento estatutário, com o objetivo de dinamizar as decisões da sociedade escolar. O tempo a ser frequentado pelas crianças é assim determinado:

art. 14. Cada sócio obriga-se a mandar seus filhos para a escola quando atingirem sete anos de idade e isto com toda regularidade, não devendo o aluno faltar mais do que três vezes por mês.

art. 19. Todo o sócio é obrigado a mandar seus filhos à escola, durante cinco anos, e caso não o fizer não ficará, por isso, isento ao pagamento das respectivas mensalidades.¹⁰⁸

Todavia, o ato de educar não estava centrado só nos costumes, hábitos, atitudes da família. O professor, a quem cabia parte dessa responsabilidade, tinha um compromisso: alfabetizar as crianças, conduzindo-as ao domínio da leitura, da escrita e do cálculo. A educação alemã significava educar para a vida na colônia, ou seja, com fé, dignidade, trabalho, perseverança, responsabilidade, honestidade, persistência para vencer na vida, conforme o “espírito alemão”.

As famílias alemãs exigiam da diretoria escolar que vigiasse de perto as atitudes do professor. O ato de educar, para a comunidade alemã, tinha que fazer parte da vida na comunidade, a começar na família e muito mais ainda na instituição-

¹⁰⁸ Estatuto da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. (Acervo do autor).

escola, onde o professor devia ser exemplo dessa busca. Para mostrar a rigidez do acompanhamento escolar alemão de Matador, temos o caso das reclamações contra o professor Sr. Conrad Riemann apresentadas pela comunidade. Para resolver a polêmica gerada na comunidade escolar, a diretoria marcou uma reunião extraordinária em 24 de março de 1929, solicitando a presença de todos os membros. Alfred Swarowsky pediu a todos que quem tivesse algo a dizer sobre o professor que se manifestasse. Consta da ata o seguinte:

Primeiro: o professor deve controlar mais as tarefas das crianças e examinar os cálculos de aritmética, tirando a prova. Segundo: se as crianças fizerem bagunça (arte) no caminho da escola para casa ou de casa para a escola, o professor fica autorizado de aplicar o castigo¹⁰⁹ necessário.¹¹⁰

O professor tem de conhecer as leituras da Bíblia e viver a vida religiosa. Na escola ele ensinava a religião luterana, por isso seus exemplos e sua atitude diante dos alunos deveriam seguir os ensinamentos da igreja evangélica. No início, cuidar do espírito dos jovens e adultos na colônia alemã era um dos compromissos assumidos pelo professor. No período compreendido entre 1892 e 1915, o padre Jacobs ou o pastor Radlach, de Indayal, vinham poucas vezes à colônia, passando em Matador uma ou duas vezes durante o ano. As famílias alemãs da comunidade de Matador atravessaram esse tempo difícil com paciência, perseverança, esperando que um dia tivessem um pastor.

Nas colônias, enquanto os imigrantes não podiam ter a presença do pastor freqüentemente, essa ausência era preenchida com o trabalho do professor, que num domingo ou outro realizava leituras religiosas, alguns cantos e mensagens. Assim, mantinha acesso o incentivo para que as famílias preservassem na fé e no trabalho na colônia. Suprindo a ausência do culto dominical na colônia, há casos em que o professor até oficiou enterros. Ao ser contratado para lecionar, um dos critérios exigidos é que pudesse assumir o papel do pastor leigo perante a comunidade.

Quando o pastor visitava a igreja evangélica em Matador, esse era o

¹⁰⁹ Os castigos aplicados aos alunos eram os seguintes: puxões de orelha, puxões nos cabelos, tapas no rosto, assim como a utilização da vara para bater.

¹¹⁰ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 24 de março de 1929. Livro nº 930. p. 35.

momento para que as famílias efetuassem seus compromissos religiosos, aproveitando para realizar os matrimônios, batizados, confirmações dos jovens. O pastor também passava ao professor orientações religiosas. Como nos diz Kreutz,

a educação deveria preceder a da escola, que a escola e família deveriam atuar juntas integrando-se nos mesmos princípios e que os pais sempre precisariam ligar-se mais ao professor confiando no mesmo, pois ele representava os pais em muitas ocasiões junto aos filhos, especialmente na educação religiosa; que a educação da escola só surtiria efeito quando tivesse o apoio e a continuidade da família; que o estreitamento de objetivos e relações entre escola e família seria fundamental para boa educação cristã, de maneira toda especial então para combater a influência do materialismo.¹¹¹

O papel que exercia o professor na comunidade de Matador, Bella Aliança, não foi diferente de outras colônias no Vale do Itajaí. Nesse sentido, tais colônias prezavam por terem na comunidade escolar um professor capaz, sério, responsável, apto a ensinar os conhecimentos em matemática, história, religião, canto, geometria, tudo isso ensinado na língua alemã.

Paralelamente às atividades exercidas na escola, o professor estava envolvido organizando os eventos na comunidade. Perante a diretoria da comunidade escolar alemã de Matador, ele sempre assumia a função de segundo secretário. Ministrava as aulas de religião, regia o coral, coordenava, apresentações teatrais amadoras e o esporte (educação física), assim como coordenava e participava, juntamente com a diretoria da escola, das festas escolares. Enfim, estava presente em todas as ações importantes da comunidade alemã.

As escolas particulares mistas eram estruturadas para atender, nos três primeiros anos, juntos na mesma sala, as meninas e os meninos, conforme exigências do Governo Imperial nas colônias. Em geral, o que era válido para as escolas da província era válido também para as sociedades particulares nas colônias. Portanto, à diretoria das Sociedades Escolares e aos professores cabia as seguintes obrigações:

- o plano de aula e as regras observadas em sua escola;
- a qualidade, referente ao tamanho e localização da casa onde acontecem as aulas;
- a data, quando as aulas foram iniciadas ou quando deverão ter início;

¹¹¹ KREUTZ, op. cit., p. 92-93.

- no fim do costumeiro semestre, entregar ao inspetor de distrito um registro de nomes dos alunos matriculados, onde deve constar também quantos dias uma criança faltou;
- no final do ano, um relatório geral do movimento escolar geral, e entregar ao inspetor;
- comunicar ao inspetor de distrito qualquer mudança no sistema escolar ou na localização da escola.¹¹²

Segundo as diretrizes para as escolas particulares mistas, os professores tinham que se submeter a uma prova, através de uma comissão escolar. Na Sociedade Escolar de Matador, a comissão era formada pela diretoria da sociedade. Ao professor cabia a responsabilidade de observar o comportamento das crianças, realizar avaliação das atividades escolares, executar os registros referentes às reuniões escolares, ao livro de termos e ao livro diário. Na colônia onde o professor reside, ele deve procurar se impor sem levantar casos (conflitos na comunidade), devendo assim merecer a confiança e o respeito da população.

Com a criação da Sociedade de Escolarização para Santa Catarina em 1906, os professores das escolas alemãs passam a obter mais valor. A atuação da Sociedade, além de procurar manter o elo cultural da etnia alemã entre as colônias da região do Vale do Itajaí, procurava garantir uma melhor qualidade de vida aos professores. Portanto, a clareza e existência dos objetivos definidos ajuda a classe dos professores através da

*melhoria do seu professorado com os próprios recursos; material de ensino para todas os professores associados; troca de idéias sobre as condições das diversas comunidades; supervisão das escolas por parte de uma pessoa eleita e pertencente à Sociedade; a fixação de idade máxima dos professores; convocação de professores pelo competente supervisor; fundação de uma caixa mútua de recursos para os professores em caso de doença com a aprovação de um ou dois sócios dirigentes das Sociedades.*¹¹³

Mesmo com a fundação da Sociedade de Escolarização para Santa Catarina, não se consegue eliminar o ato das indicações políticas no âmbito escolar. A escolha dos representantes para orientar, administrar e fiscalizar o processo de ensino na rede de escolas públicas ou particulares das colônias alemãs do Vale do Itajaí é feita através de indicações do governo catarinense. Essas indicações são

¹¹² Acervo: Diretrizes para escolas particulares. Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" – Blumenau-SC, 1876.

¹¹³ Jornal *Mitteilungen*, nº 1 – 1º ano. jan. 1906.

criticadas pelo professor Knoll, no jornal *Blumenauer Zeitung*. Segundo ele,

*como o inspetor escolar foi escolhido de dentro dos partidos políticos, o professorado praticamente foi amordaçado. O inspetor escolar de Santa Catarina é um verdadeiro sultão, ele mesmo não é pedagogo, exerce por seus vice-emirados, sobre os inspetores escolares uma verdadeira pressão sobre o professorado.*¹¹⁴

A nova lei escolar, Decreto nº 155, de 10 de junho de 1892, determina algumas questões de relevância que dizem respeito às escolas públicas e às escolas particulares do Estado de Santa Catarina.

O artigo 49 indica que, antes que o professor assumisse a função na escola, era dever dele efetuar o registro de seu título na tesouraria e na Secretaria do Estado, confirmando o seu comprometimento ao diretor. No artigo 50, parágrafo 10, há um aviso ao professor, de que ele não deve se envolver em demasia com a política local. E, conforme o parágrafo 15, o professor deve ensinar as crianças de acordo com o método de ensino ditado pela diretoria escolar.

Assim, a educação escolar na colônia Matador esteve sempre atrelada a diretrizes determinadas pelas instruções escolares do Estado de Santa Catarina. Portanto, a escola pública do século XIX apresentava dependência socioeconômica e política, tornando-se a subvenção a possibilidade do existir da escola. No caso das escolas particulares existentes nas colônias, estruturadas na forma de Sociedades ou associações, apresentavam vida própria.

É possível encontrar nas cartas dos professores da escola pública enviadas ao inspetor escolar do Alto Vale do Itajaí, na pessoa do Sr. Ermembergo Pellizzetti, solicitações, de aumento de salários.

Tal fato demonstra que nas escolas públicas da região, já nas décadas de 20 e 30, existia um quadro de salários que não supria o bem-estar social dos professores existentes nas escolas do Estado de Santa Catarina. E as escolas particulares nas colônias sofrem com a falta de ajuda financeira, com a falta de apoio às reivindicações. Quando da solicitação de professores, dos pedidos de ajuda, as autoridades escolares acompanham as escolas alemãs sempre de longe. Só houve

¹¹⁴ Jornal *Blumenauer Zeitung*, nº 44 – ano 12, de 29 out. 1892.

aproximação com maior intensidade quando resolveram intervir, para fechar ou tomar das mãos dos imigrantes suas igrejas, escolas e até mesmo hospitais.

2.1.5 Organização da escola alemã em Matador

Quanto à organização escolar de Matador, podemos afirmar que os alunos ficavam separados: meninas e meninos não brincavam juntos, mas podiam permanecer em espaços diferentes, sob o olhar vigilante do professor. Ao entrar na sala em silêncio, eles guardavam os materiais escolares (a lousa, o estilete da ardósia para escrever, a bolsa, a cartilha, o livro de Aritmética). Em seguida, sempre no início da aula, todas as crianças junto com o professor faziam uma oração.

A escola de Matador utilizava no processo de ensino as cartilhas do ABC para alfabetização e a cartilha de Aritmética para ensinar a Matemática (Anexo II). Todas as crianças deviam obter esse material com o professor na escola. O horário das aulas restringia-se a 4 horas por dia, de segunda a sábado. Caso um sócio quisesse mandar seus filhos para outra escola, pagava uma mensalidade maior, cujo valor girava em torno de quatro a sete mil réis. Quanto à avaliação, consta no Manual de Instruções para a Inspeção Escolar, o Decreto nº 1.181, de dezembro de 1918, e na Lei nº 1230, de 28 de outubro de 1918, que “os exames nos Grupos Isolados serão iniciados depois de 15 de novembro, devendo estar terminados até 10 de dezembro”.

O exame no final do ano nas colônias era presidido pelo inspetor escolar. Na sua ausência, quem coordenava todas as atividades era o chefe escolar.

Na ausência ou no impedimento do inspetor escolar, as suas atribuições atinentes às funções de atestar o exercício dos professores e de visar as folhas de pagamento dos Grupos Escolares serão exercidas pelo chefe escolar da repartição fiscal da sede do município (art. 33 da lei n. 1.044, de 14 de Setembro de 1915).¹¹⁵

Em Matador, os exames escolares sempre foram realizados pelo inspetor escolar, que vinha da colônia de Blumenau. Nos protocolos das reuniões, há

¹¹⁵ Instruções para a Inspeção Escolar – Decreto n. 1.181, de 3 de dezembro de 1918.

indicações de que os exames eram realizados no dia 20 de dezembro. Assim, temos registrado no protocolo da reunião em 13 de dezembro de 1925 que “a prova escolar (exame) realizar-se-á no dia 20 de dezembro, às 7 horas e 30 minutos da manhã”.

O inspetor escolar que realizava os exames fiscalizava os livros de chamada, os livros de atas, as matérias e os conteúdos referentes às disciplinas. Os exames eram aplicados aos alunos do 2º e do 3º ano, com duração de um dia de trabalho na escola.

O inspetor escolar, no dia do exame, verificava o aproveitamento das crianças quanto à aprendizagem da leitura e escrita, arguindo os assuntos de geografia e história do Brasil, cantos e educação cívica, tudo em língua portuguesa.

18 - Nas escolas municipais, subvencionadas e particulares, o inspetor verificará, de preferência:

a - Qual a matrícula e a presença de alunos;

b - Quais as matérias ensinadas, examinando os alunos. Sobretudo em português, geografia e história do Brasil, cantos e educação cívica;

c - São executadas as disposições constantes da lei n. 1.187, de 5 de novembro de 1917, fornecendo um exemplar dessa lei e decreto ao professor que não os possuir.

19 - Todas as escolas municipais, particulares (estrangeiras ou nacionais) deverão ter um livro de termo de visita, no qual o Inspetor, ou outra autoridade escolar lançará suas observações, advertências e penas (art. 3 do dec. N 1.063, de 8 de novembro de 1917).¹¹⁶

Uma banca examinadora e de acompanhamento era formada a partir de convite aos membros da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Esses convidados auxiliavam o inspetor escolar nas atividades do dia.

A divulgação dos alunos aprovados era realizada através de uma lista. Portanto, saber quem seria aprovado nos exames era uma expectativa de todos os familiares. O inspetor escolar, depois de avaliar os alunos, preparava a relação dos aprovados e reprovados, registrando-a no livro de termos. Posteriormente divulgava a relação para a diretoria da escola e para os familiares dos alunos da comunidade escolar.

Desses registros, uma cópia era destinada à diretoria de instrução e outra ficava com o inspetor escolar. No quadro abaixo temos uma listagem dos meninos e das meninas,

¹¹⁶ Id., *ibid.*, p. 8.

Quadro 6 – Registrando a relação dos alunos durante o exame escolar.

<i>Relação dos meninos</i>					
<i>Nº de Ordem</i>	<i>Nomes Masculinos</i>	<i>Dados</i>			<i>Ano de curso em que estão matriculados</i>
		<i>Idade</i>	<i>Data do exame</i>	<i>Ano</i>	
1	Arnadeu Baldo	10	20 nov	1930	1º ano
2	Acácio Fellipe	10	20 nov	1930	1º ano
3	Alberto Ulrich	12	20 nov	1930	1º ano
<i>Relação das meninas</i>					
<i>Nº de Ordem</i>	<i>Nomes Femininos</i>	<i>Dados</i>			<i>Ano de curso em que estão matriculados</i>
		<i>Idade</i>	<i>Data do exame</i>	<i>Ano</i>	
1	Alice Petris	10	20 nov	1930	1º ano
2	Ângela Silveira	10	20 nov	1930	1º ano
3	Allexia Felsky	10	20 nov	1930	1º ano

Fonte: Ata do exame escolar de 20 de novembro de 1930.

No que diz respeito às férias escolares, a diretoria da Sociedade Escolar as definia em consonância com a necessidade das famílias alemãs. O tempo de férias para as crianças significava ajudar na roça e na colheita. Assim, o Estatuto da Escola (art. 30) define que “A diretoria entender-se-á com o professor sobre a duração das férias escolares, sendo previstos os dias feriados, férias de verão um mês, Páscoa uma semana, Pentecostes uma semana e férias de setembro duas semanas”. No Decreto n. 1.181, de 3 dezembro de 1918, consta que “as escolas examinadas continuarão a funcionar até a véspera do início das férias, devendo nesse dia (14 de dezembro) ser realizada a festa do encerramento do ano letivo”.¹¹⁷

Para o encerramento vinham as autoridades convidadas pela diretoria da Sociedade Escolar Alemã, alguns familiares (pais de alunos) e as crianças. No encerramento do ano escolar, a direção da escola e o professor preparavam uma festa de final do ano. Durante as festividades os alunos realizavam apresentação teatral e danças típicas da Alemanha.

As exigências sobre as atividades de inspeção escolar era firmada através dos decretos. O controle através dos termos de visitas que, era realizado pelos inspetores na região do Alto Vale do Itajaí.

¹¹⁷ Estado de Santa Catarina. Instruções para a Inspeção Escolar. Decreto n. 1.181, de 3 de dezembro de 1918. p. 5.

Modelo do termo de visita utilizado:

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETÁRIA DO INTERIOR E JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

..... CIRCUNSCRIÇÃO ESCOLAR

No dia de visitei a escola

de no município de

Regida pelo professor snr.

E observei o seguinte:

1.º - que a matrícula total era de alunos, sendo de 1.º ano,
 do 2.º ano e do 3.º ano;

2.º - que faltaram alunos, sendo do 1.º ano, do
 2.º ano e do 3.º ano;

3.º - que a sala de aula

4.º - que faltava o seguinte material didático

5.º - que a escrituração

6.º - que o aproveitamento dos alunos foi

7.º - que tive, em geral impressão
 recomendações ao professor:

....., de de 19

Assinatura do Inspetor

Assinatura do Professor

Outras informações e parecer do Inspetor referentes a esta escola

Fonte: Acervo da Diretoria da Colônia Hansa, da Sociedade Colonizadora Hanséatica de 1897, no Museu Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, em Ibirama SC

2.1.6 A disciplina na escola alemã

A disciplina é parte integrante do processo escolar e exigida pelo professor sob a determinação da direção escolar. A educação disciplinar adquirida no âmbito familiar tem continuidade na escola. Na sala de aula o professor vigiava de perto todos os movimentos e expressões dos meninos e meninas. Qualquer ato fora dos padrões de silêncio, atenção, respeito, ritmo de trabalho, execução, frequência, compromisso, ordem, era certamente reprimido. A punição acontecia dentro da sala de aula, na frente dos colegas. As crianças apanhavam de vara e sofriam puxões de orelha, de cabelo, entre outros castigos. O professor mandava um bilhete para casa avisando aos pais o comportamento, e o aluno acabava apanhando de novo.

A disciplina na escola alemã tinha por objetivo inculcar nos alunos o comportamento disciplinar necessário para a vida na colônia. O aluno da escola alemã aprendia a respeitar os adultos, os mais velhos da comunidade, e saber atender uma visita (parente, amigos) com educação quando os pais estivessem trabalhando na roça. A disciplina na escola alemã era, portanto, rígida e severa. Os depoimentos de alunos que estudaram na Sociedade Escolar de Matador revelam como a disciplina é, ainda hoje, parte da vida deles. Lembram-se desses momentos durante a vida escolar com muita tristeza, afirmando terem passado por situações muito severas. Gertrud Bachmann diz que

na escola alemã de Matador eu estudei até os treze anos, e fui mais um ano depois de terminar os estudos. Hoje estive no meu vizinho, ele é mais velho do que eu, estudou com o professor Weiland. O professor Weiland e o Riemann, meu Deus! como eles surravam a gente, ele falou que o professor Riemann tinha uma vara bem fina e, por qualquer coisa, batia nas crianças. Os alunos tinham que respeitar mesmo. Uma coisa: é certa quem foi nas aulas na escola da Comunidade Eclesiástica e Escolar aprendeu mesmo, porque tinha que gravar as coisas, era tudo mais caprichoso. A doutrina era a mesma disciplina, estudamos com o pastor 3 ou 4 anos. Se não sabia, ninguém passava. Hoje não tem idade para se fazer a doutrina (catequese). Naquele tempo nem se tivesse 17 anos, quem não sabia não passava, tinha que saber. Com 13 anos eu já tinha passado, sabia tudo. Mais tarde, meu pai, que trabalhava de ferreiro e não ganhava muito dinheiro, não teve mais condições de ajudar a continuar os estudos. Ficamos muito pobres e tive que parar de estudar.¹¹⁸

¹¹⁸ BACHMANN, Gertrud. Entrevista n. 2. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslowski. Rio do Sul, 28 ago. 1998.

Segundo pessoas da comunidade, o professor Conrad Riemann era muito ruim para as crianças na escola. Surgiram muitas reclamações, sobretudo das expressões que ele utilizava.

O professor, na escola ou fora dela, era sempre observado pelos seus atos. Diante da situação de severidade, Klug (1997) exemplifica que o pastor/professor Hermann Faulhaber chegou até a publicar um determinado artigo intitulado “A Disciplina na Escola”, o qual gerou muita polêmica na colônia de Blumenau. Mas o que chama a atenção são os pontos abordados sobre as questões disciplinares que de certa maneira estavam presentes no cotidiano das escolas. Nesse artigo temos as seguintes afirmações:

Existem situações nas quais as leis devem ser ignoradas; o professor atua como um jardineiro, portanto, a poda (“uma boa surra alemã”) é uma necessidade, pois há muita árvore adulta que, se devidamente podada quando jovem, frutificaria mais e melhor;

O professor tem uma função clara: formar bons cidadãos. Logo, o castigo faz parte do processo, pois “quem na mocidade não aprendeu a obedecer, quando adulto não saberá mandar”. Portanto, “o homem que não foi castigado também não foi educado”.

Na escola não podem acontecer maus tratos e o professor nunca deve agir sob o efeito da ira. Assim como na família, o castigo deve vir em justa medida; devem ser castigados: a mentira, o vandalismo em todas as suas formas e o mau trato aos animais.¹¹⁹

Outra questão observada no comportamento dos alunos fora do âmbito escolar era o retorno para suas casas. Tinham que ser educados com quem encontrassem pelo caminho. Nunca podiam deixar de cumprimentar os mais velhos. Segundo Alois, o irmão mais velho vigiava os mais novos para que eles não pudessem realizar brincadeiras maldosas. Cuidar das atitudes fazia parte do processo educacional na escola alemã e fora dela. Assim, quando o aluno

fazia uma arte ou não dizia “boa tarde” quando encontrava um outro no caminho de volta, e se no outro dia o professor descobria, castigo. Hoje em dia todo mundo passa nem dá bola, nem vê a gente, não confiam como antigamente. A gente não tinha medo, andava na colônia por todo lugar, não tinha perigo nenhum. E no domingo de manhã, a gente, como se diz: a nossa doutrina religiosa na igreja. Uma hora de religião para as crianças. Eu e meu irmão também fomos lá. E aqui na frente de casa tinha um tronco caldo, e ali estava sentado o velho Adam Paul, e ali passamos, “bom dia” (Guten Morgen), fomos embora. Chegamos em casa

¹¹⁹ KLUG, op. cit., p. 133-134.

junto com meu irmão, ele disse: "mãe, o Bub (apelido) não puxou o boné para o Opa Paul". "Vem cá: slap, slap, slap": levei dois tapas de minha mãe, no rosto.¹²⁰

Disciplinar o aluno significava prepará-lo para a vida e educá-lo para o trabalho. Quem não cumpria as atividades escolares e desobedecia, o professor castigava. O professor batia por qualquer problema e mandava o aluno ajoelhar-se sobre grãos de milho, ficar atrás da porta, e batia com uma régua na mão, puxava a orelha. Enfim, o medo de apanhar por um erro qualquer ou ainda passar vergonha perante os outros colegas era grande. O aluno que não se comportasse recebia castigo para fazer durante as férias, que consistia em ter que copiar frases, repetindo-as muitas vezes.

Na ata do dia 24 de janeiro de 1915, temos registrada uma passagem interessante, onde os membros da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador discutem o castigo, item da pauta da reunião. Ao professor cabia castigar as crianças, para manter o respeito, a ordem, o comportamento e as atitudes. Em reunião foi dado o direito ao professor de castigar as crianças. O professor batia de vara nas crianças.¹²¹

As famílias viam no professor a autoridade para vigiar as atitudes dos alunos na colônia. Na escola, as crianças deviam respeito ao professor e lhe obedeciam, muitas vezes, pelo medo de serem castigados. Todas as atividades tinham de ser realizadas na hora certa. Nem pensar em não cumprir com as exigências das tarefas escolares ditadas pelo professor. Os alunos não se atreviam a desafiar a autoridade do professor na escola alemã. A disciplina do castigo utilizada pelos professores alemães era importante, porque ajudava a manter o respeito, o comportamento, preparando os alunos para a vida do trabalho. Eles tinham de aprender desde cedo, e para aprender não se falava duas vezes a mesma coisa.

Com a disciplina rígida, as crianças viviam um clima de muito respeito aos mais velhos, mas, ao que parece, o medo fazia parte desse processo. Na escola o professor era o mestre detentor do saber, e exigia muito respeito e atenção para aprender tudo o que era ensinado. Na colônia Matador nem as famílias ousavam desafiar o saber do professor, e quando houvesse qualquer reclamação era enviada à diretoria da Sociedade Escolar.

¹²⁰ KOPELKE, Alois; ROTHENBURG, Luiza. Entrevista n. 3. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslowski. Rio do Sul, 20 set. 1998.

¹²¹ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslowski. Sessão realizada no dia 24 de março de 1929. Livro n° 930. p. 35.

2.1.7 Currículo na escola alemã

A prática a que se refere o currículo, no entanto, é uma realidade prévia muito bem estabelecida através de comportamentos didáticos, políticos, administrativos, econômicos, etc., atrás dos quais se encobrem muitos pressupostos. Teorias parciais, esquemas de racionalidade, crenças, valores, etc., que condicionam a teorização sobre o currículo.¹²²

No início das primeiras aulas na colônia, o professor seguia um planejamento elaborado por ele mesmo, com base na sua experiência e formação escolar. Por outro lado, como o governo catarinense fiscalizava as escolas particulares, o professor apresentava a proposta do currículo escolar que era aprovado pela diretoria da Sociedade Escolar. Consta no artigo art.31 do Estatuto que “Compete ao professor determinar e arranjar materiais necessários à instrução”.¹²³

Portanto, a formação educacional da criança era de responsabilidade do professor, dos representantes das famílias alemãs e de sócios da Sociedade Escolar de Matador.

A grade curricular da Sociedade Escolar abrangia as disciplinas de Gramática (leitura, ortografia, caligrafia, língua alemã), Cálculo e Geometria, História natural e geral, História do Brasil, Geografia, Física, Química, Ginástica, Desenho, Canto, Recreio (merenda), num total de 20 a 31 horas de aulas semanais.

Ao analisar a carga horária das disciplinas em geral, para detectar o grau de importância da Língua Portuguesa no currículo, é possível perceber que está distribuída entre as disciplinas de Aritmética, Matemática e Alemão.

Conforme relatórios de inspetores escolares consultados no Arquivo Público de Ibirama, foi possível identificar que estes, quando realizavam as visitas de avaliação e acompanhamento das escolas alemãs das colônias, registravam tal acontecimento num livro de termos existentes na escola. Na secretaria da comunidade Evangélica e Luterana de Matador não foi possível encontrar tal livro de

¹²² SACRISTÁN, Gimeno J. Aproximação ao conceito de currículo. In: _____. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 13-53.

¹²³ Anexo I.

Passeios eram realizados e alguns pais acompanhavam a turma. Na semana seguinte, os alunos tinham de escrever um relatório sobre o que viram e como tinha sido o passeio. Registravam tudo o que haviam aprendido com o passeio, o que era um dos recursos para deixar todos os pais das crianças cientes do que se observava e do que o professor havia ensinado durante o passeio.

Os custos com o passeio das crianças e do professor eram assumidos pela diretoria da escola e lançado na prestação de contas. Na “reunião do dia 13 de dezembro de 1925, Miguel Hoffmann apresenta a prestação de contas da festa escolar. Está lançado como despesa para a escola o valor de 50\$000 mil réis, referente ao passeio das crianças”.¹²⁵

A cartilha era preparada para o primeiro e o segundo anos, com conteúdos para trabalhar o aprendizado das leituras e da escrita. Na capa da cartilha constava o alerta: “Gramática portuguesa para uso nas escolas alemãs no Brasil” (Portugiesisches Sprachbusch fur die deutschen Schulen in Brasilien) (Anexo I). Também fazia-se uso da cartilha de Aritmética para os ensinamentos do cálculo.

Os conteúdos trabalhados com as crianças na escola alemã, durante o primeiro ano, eram: as letras minúsculas, manuscritas, as letras minúsculas impressas, a pronúncia, o alfabeto minúsculo manuscrito e impresso, as letras maiúsculas manuscritas e impressas, alfabeto maiúsculo manuscrito e impresso, a leitura.

Já no segundo ano, os conteúdos referem-se a temas gerais, podendo, por exemplo ter os seguintes títulos: a fonte, o jardim, as flores, a casa, as maçãs, a noz, a parreira, as aves, o galo, as ovelhas, o cabrito e o lobo, o lobo, o leão, a chuva, a cigarra e a formiga, as moscas e as aranhas, o macaco e os gatos, os carneiros de Augusto, o menino e o ninho, três pares, Deus sabe tudo, preguiçosa, o lobo e os sete cabritos, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, a mesa, o burro, os músicos de Bremen, Borracheira, Ali-Babá. Para todas as atividades de leitura o professor dava os conteúdos que faziam parte da cartilha. No final da cartilha, havia lições de desenho para serem desenvolvidas com as crianças.

No início do ano letivo, o professor elaborava uma relação dos alunos e chamava os pais para acertar a compra dos livros. Na cartilha bilíngüe, eram

¹²⁵ Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 13 de dezembro de 1925. Livro nº 930. p. 35.

apresentados mapas de geografia do Brasil e do mundo. Ela era toda ilustrada com desenhos que auxiliavam na compreensão dos temas a serem abordados.

O anexo V é uma cópia do mapa da região do Distrito de Bella Aliança que está desenhado num dos quadros murais da escola de 1,20 x 1,20 m.

Podemos observar nas páginas iniciais de uma cartilha as seguintes considerações:

*Acolhimento benévolo alcançado, por toda a parte e sem proteção oficial, pela presente cartilha e os valiosos resultados instrutivos que obteve são devidos à disposição nova e ao método moderno nela empregado. Estamos informados que nossa Cartilha, nesse particular, foi a primeira dentre as congêneres e alimentamos, por isso, a esperança de que a presente edição, completa, não deixará de merecer alguma atenção da instrução pública oficial. Atendendo a reiterados pedidos, o autor se prontificou a argumentar a parte da leitura instrutiva e adotou uma ortografia uniforme em todo o livro. Outro sim, resolvemos publicar, além da edição completa, num volume, outra, dividida em duas partes, para o 1.º e o 2º ano escolar. Fica desta arte facilitada a aquisição da obra e os alunos têm um incentivo apreciável para o estudo no desejo de obterem, por uma natural curiosidade, o mais breve possível o 2º volume.*¹²⁶

Os conteúdos são divididos para cada ano na cartilha. Também constam da cartilha títulos de atividades em língua alemã e, logo abaixo, em língua portuguesa.

De posse desses materiais encontrados com descendentes na comunidade, foi possível estruturar um quadro para registrar e catalogar os livros cedidos por empréstimo. Seguindo o exemplo de Kreutz (1994), pôde-se estruturar um quadro que torna possível registrar os materiais existentes (cartilhas, livros).

Quadro 8 – Quadro de catalogação das cartilhas.

Itens	Descrição
Autor	ROTERMUND, Dr. Wilhelm
Título	Cartilha Moderna ou Leituras Primárias para aprender-se a ler e escrever
Edição	3ª edição
Cidade	São Leopoldo
Editora	Rotermund
Data	Junho de 1931
Número de páginas	65

¹²⁶ ROTERMUND, Edling. *Cartilha moderna ou leituras primárias*. 3. ed. São Leopoldo: Rotermund & Cia. Ltda. 1927.

termos e de frequência, mas, através de afirmações contidas na entrevista concedida por Alois Kopelke e dados obtidos no Arquivo Público de Blumenau, foi possível elaborar um quadro curricular, que segue:

Quadro 7 – Distribuição das aulas semanais por matérias e classes.

Matérias	I classe	II classe	III classe	IV classe	Total
Alemão	6	5	7	9	27
Português	6	6	6	-	18
Inglês	3	3	-	-	6
Aritmética	3	5	6	9	23
Matemática	1	-	-	-	1
História natural	2	2	1	-	5
Física e Química	1	-	-	-	1
Geografia	2	2	1	-	5
Caligrafia	-	1	2	-	3
Canto	1	1	1	-	3
Ginástica	1	1	1	-	3
Religião	2	2	2	2	8
Desenho	2	2	1	-	5
	31	30	28	20	108

Fonte: KOPELKE, Alois; ROTHENBURG, Luiza. Entrevista n. 3. Concedida a Ison Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 20 set. 1998. Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" – Blumenau, SC. Documento número 24.862.

Aos sábados, o professor ministrava aulas de religião, canto e ginástica. No final das aulas, o professor escolhia quatro alunos para realizar a limpeza da escola.

O ensino religioso repetido era obrigatório. Todas as crianças da escola tinham a obrigação de aprender os ensinamentos bíblicos de acordo com a idade. O aluno aprendia os temas do Sacramento e da Santa Ceia. Nas aulas de canto aprendiam hinos, versos, notas musicais semibreves, todas as crianças eram obrigadas a decorar os temas. Os cantos eram ensinados na língua alemã.

Na escola particular alemã as disciplinas e os conteúdos eram os mesmos utilizados pela escola "escola nova" da colônia de Blumenau. Consistia no seguinte programa: "religião, alemão, português, contos, geografia, história natural, história universal, caligrafia, desenho e canto".¹²⁴

¹²⁴ Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" Blumenau, SC. Jornal *Blumenauer Zeitung*, de 16 fev. 1889.

Itens	Descrição
Autor	HEUER, Rotermund
Título	Rotermunds Fibel. fur deutsche Schulen in Brasileen
Edição	7 edição
Cidade	São Leopoldo
Editora	Rotermund
Data	Junho de 1917
Número de páginas	172

Itens	Descrição
Autor	BUCHLER, G. A
Título	Portugiesisches Sprachbuch fur Kolonieschulen
Edição	8 edição
Cidade	Blumenau
Editora	G. Artur Koenler
Data	Maió de 1914
Número de páginas	229

Fonte: os dados dessa catalogação foram extraídos dos documentos primários. Acervo Alois Kopelke e Gertrud Bachammn.

Uma das atividades desenvolvidas era a de escrever cartas para outras crianças da Alemanha. O assunto das cartas girava em torno de mensagens sobre a escola, desenhos, relatos sobre brincadeiras entre as crianças de Matador, mensagens de amizade, etc. Toda atividade extraclasse era relatada pelos alunos. A escola tinha um grupo de teatro que se apresentava fora da escola. No protocolo do dia 13 de dezembro de 1925, consta que os alunos da escola fariam uma apresentação teatral no dia do Natal, no salão de Ferdinand Schlup. O salão era um local de festas, almoços e café colonial. Ao lado ficava era o hotel. “O salão do senhor Ferdinand era um lugar muito elegante, chic, eu e minha esposa fomos muitas vezes lá para almoçar”.¹²⁷

Na parte de trás do terreno estava localizada a serraria, onde atualmente existe uma indústria de refrigeração.

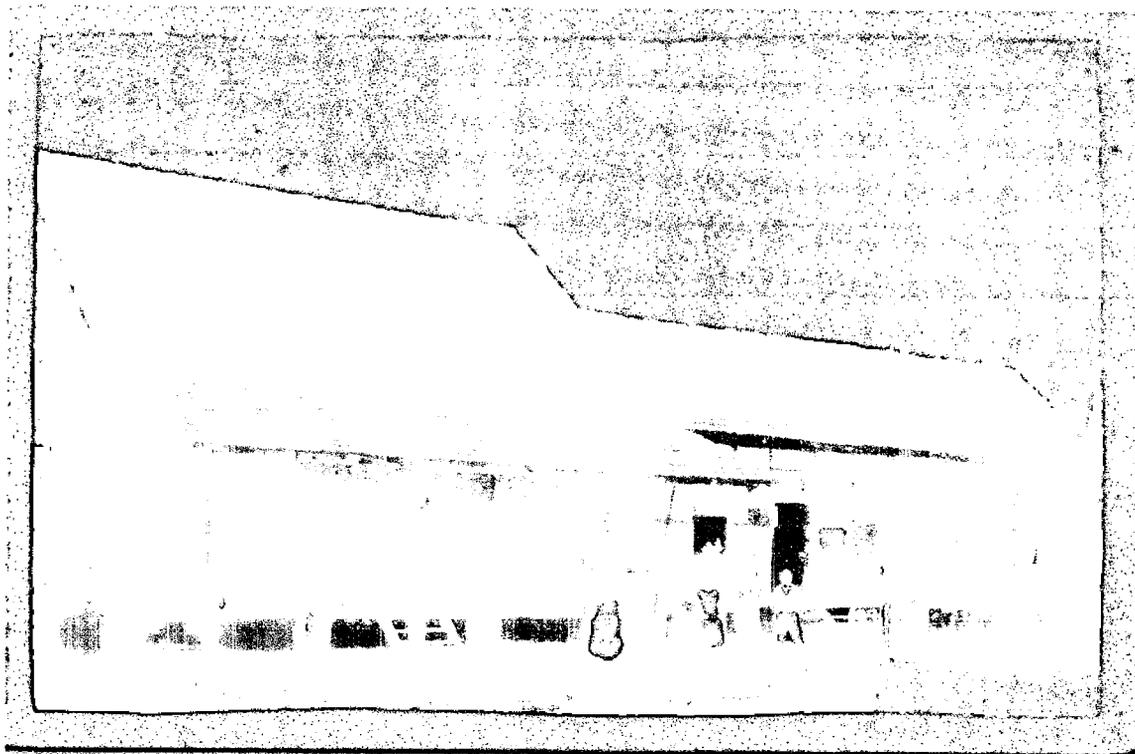


Figura 10 – Foto: Salão e Hotel de Ferdinand Schlup – Matador, 1915. Acervo Helga Klug.

O Salão de festas, ponto de encontro de algumas famílias, era requintado, sendo freqüentado por poucas pessoas. Nem todos podiam acompanhar os eventos da comunidade alemã em Matador.

As apresentações teatrais eram cobradas e rendiam um valor expressivo para a escola. Em 13 de dezembro de 1925, os alunos apresentaram-se nesse salão e, segundo consta em ata da Sociedade Escolar, eles puderam entregar em mãos ao então tesoureiro, Miguel Hoffmann, 175\$000 mil réis, conforme apresentação das contas:

Quadro 9 – Distribuição e apresentação de contas.

Total arrecadado	699\$600
Despesa com música, aluguel do salão.	330\$000
Despesa com o professor	69\$600
Doação ao hospital em Braço do Sul	125\$000
Entregue em mãos ao tesoureiro Sr. Miguel Hoffmann	175\$000

Fonte: *Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Sessão realizada no dia 17 de janeiro de 1926. Livro n° 930. p. 13.*

¹²⁷ SPIEWECK, Hans Adolf. Entrevista n. 7. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 14 jan. 2000.

Os alunos da escola alemã participavam da vida social da comunidade de Matador. Contribuíam com outras entidades além do âmbito escolar, fazendo doações de uma parte do lucro obtido na apresentação teatral.

O grupo de teatro da escola alemã de Matador estava sempre realizando apresentações teatrais em outras localidades para ajudar nas despesas da escola. Na ata de 11 de setembro de 1927, consta que o grupo de teatro das crianças, no dia 17 de setembro, iria se apresentar na localidade de Albertina, com o tema: “Solo de Ouro”. Esse grupo também se apresentava nas festas realizadas na colônia com a finalidade de aproximar culturalmente os colonos alemães. E outro objetivo era arrecadar dinheiro para auxiliar na manutenção da Sociedade Escolar.

2.2 Razão da existência da escola alemã

A razão da existência da escola em Matador, no Alto Vale do Itajaí, pode ser compreendida quando entendermos que entre os imigrantes existia o medo de ser logrado nas trocas e nos negócios. Outro aspecto relevante refere-se ao valor atribuído a uma boa educação primária, segundo depoimentos dos imigrantes alemães. Eles não queriam seus filhos analfabetos. Desejavam que eles tivessem a educação inicial com base na cultura européia, nos costumes alemães e hábitos da pátria mãe.

Portanto, posteriormente à construção da escola e da igreja, é que surgem as Associações Culturais de Bolão e Tiro ao Rei com o objetivo de aproximar e unir os imigrantes em torno de causas culturais comuns da comunidade. Os imigrantes alemães tinham um zelo todo especial em criar todas as condições necessárias na colônia para garantir a formação escolar de seus filhos.

A existência da escola na colônia para a comunidade alemã de Matador significava a sua autonomia, e a sociedade garantia a independência em relação ao governo catarinense, que pouco fez para ajudar os imigrantes alemães no Alto Vale do Itajaí a constituírem suas escolas.

Por isso, passaram a educar as crianças nos moldes da cultura alemã, não deixando de direcioná-las para a formação de cidadão brasileiro. A diretoria era

a representatividade das famílias alemãs da comunidade. Portanto, quando escolhia o professor, exigia que ele ensinasse para as crianças os conteúdos sobre o mundo europeu.

A razão da existência da escola alemã vai além do elemento alfabetizador. Está ligada ao compromisso de preparar as crianças com espírito empreendedor, preparando-as para enfrentar o trabalho, educadas na fé, para serem pessoas autônomas, perseverantes e dinâmicas para poder superar as dificuldades na colônia.

Enfim, uma grande preocupação da diretoria escolar era preparar as crianças com conhecimentos de qualidade. Contar com um professor bom era uma das exigências da sociedade escolar. A qualidade no ensino tinha de mostrar-se inserida no processo. E, além dos recursos didáticos, quadros, bancos, livros, outros elementos naturais eram necessários, como a água, a alimentação, os passeios ecológicos, porque nem só de trabalho vivia a comunidade escolar. Mesmo levando uma vida dura, os imigrantes conservavam a escola para os filhos a todo custo. Segundo Kreutz (1994), “a vida em comum destes núcleos populacionais, a partir de uma base comum de produção e organização, girava fundamentalmente em torno da igreja e da escola”.¹²⁸

A formação escolar na colônia de Matador é necessária para ajudar na formação educacional das crianças. Para isso, é criada a Sociedade Escolar, onde todas as decisões surgem a partir de consenso da maioria dos membros presentes nas reuniões. Tal consenso sempre levava em conta os anseios e realidades dos imigrantes, que queriam que a escola alfabetizasse as crianças e também as preparasse para a vida religiosa. No que tange à religião, a Sociedade Escolar de Matador era acompanhada e assistida de longe pela Igreja Evangélica Luterana de Braço do Sul, onde os pastores exerciam uma vida de pastor itinerante e o maior trabalho era visitar as igrejas e as escolas nas colônias a cada dois meses. Em Matador, a estrutura tanto da Igreja como da escola não se mostrou muito diferente de outras localidades geográficas do Estado de Santa Catarina onde chegaram os imigrantes alemães. Para Monteiro,

¹²⁸ KREUTZ, op. cit., p. 21.

*o estrangeiro que colonizava uma região até então despovoada de nosso Estado tinha como meta prioritária a organização de uma comunidade, em tudo, o quanto possível semelhante, à terra que há pouco deixara, e para tanto contribuiu sobremaneira a apatia das autoridades brasileiras em relação ao ensino.*¹²⁹

Uma das razões principais que levaram os imigrantes alemães a construir a sua escola foi o isolamento das colônias, longe das capitais. Os governos provinciais e autoridades envolvidas com a educação dos catarinenses moravam todos na cidade grande (capital). Contudo, os imigrantes alemães estruturaram sua escola de acordo com a sua própria formação intelectual, constituindo então as Sociedades Escolares nas colônias de origem alemã.

*(...) a escola criada pelo colono alemão, aparentemente moldada em uma legislação brasileira, tinha como meta básica manter os traços culturais da antiga pátria, pois eram os únicos conhecidos por eles e porque dentro deles é que se criaram e se fizeram adultos (...).*¹³⁰

Para responder à questão “Por que a escola era de suma importância para a colônia de Matador” é significativo dizer que, ao pensar a existência escolar, encontramos razões e afirmações na própria história da educação do Estado de Santa Catarina. Para tanto, Klug (1997) cita que, até o final do século XVIII, “a motivação da escola alemã é religiosa, independente se católica ou protestante, pois seu objetivo era formar cristãos, por isso a catequese era prioritária”.¹³¹

O descaso do governo catarinense para com o ensino nas colônias foi enorme. Desde a chegada dos primeiros imigrantes ao Alto Vale do Itajaí não houve nenhuma subvenção e nem projeto de diretrizes para acompanhar o ensino nas colônias. Segundo Schwartzman (2000),

*A alusão ao descaso dos governos passados, da metade de século XIX até a década de 1930, vem tanto de fontes oficiais, como dos próprios grupos estrangeiros quando defendem a manutenção do que construíram sem auxílio e sem apoio do governo.*¹³²

¹²⁹ MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do ensino em Santa Catarina – 1930-1940**. Florianópolis: UFSC, 1979. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. p. 13.

¹³⁰ Id., *ibid.*, p. 13.

¹³¹ KLUG, *op. cit.*, p. 53.

¹³² SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 172.

Portanto, no momento em que procuramos compreender o papel e a postura do professor diante da comunidade escolar, vemos que ele pertence a uma sociedade étnica exigente. O professor assume a responsabilidade de educador, sendo o mediador num ambiente onde família e a religião são supremas na formação e na educação das crianças. A sua postura não pode ser diferente, pois ele deve ser o exemplo. Segundo Monteiro (1979),

*a docência, em sua quase totalidade, também não fugia à regra geral, sendo privilégio de pessoas nascidas fora do território nacional, que à semelhança dos diretores estavam vinculadas, para todos os efeitos legais, à nação européia. A maioria brasileira que nestes estabelecimentos atuava, em sua atitude, se identificava muito mais com um estrangeiro, pois, vivendo numa comunidade onde predominavam costumes e tradições germânicas, só poderia se esperar que estes professores agissem de acordo com os conhecimentos adquiridos junto a esta comunidade.*¹³³

Logo, é de esperar que as aulas fossem perpassadas por atitudes dignas para a formação do jovem, que tinha de conviver com a pátria adotada e que, no seio da família, precisava conviver com os costumes, gostos e tradições da pátria deixada para trás pelos pais. O pensamento e as atitudes religiosas se mostravam firmes e bastante presentes quando iniciavam e terminavam as aulas com a oração do dia.

Outra razão da existência da Escola Alemã parece estar centrada na possibilidade de os imigrantes alemães manterem contato constante com a pátria além-mar. Uma das formas de contatos consistia em receberem da Alemanha jornais pedagógicos para a sociedade. Esse recurso possibilitou a comunicação entre o novo e o velho mundo deixado para trás. Assim o elo cultural é mantido, cabendo à diretoria da Sociedade de Escolarização para Santa Catarina, ao receber informações da Europa, fazê-las circular entre as Sociedades Escolares existentes no Vale do Itajaí, Médio Vale e Alto Vale do Itajaí.

A distância do mundo europeu fez com que os imigrantes unissem forças necessárias para manter, através de suas sociedades, escolas e associações, instituições onde o elemento cultural ainda repousa.

¹³³ MONTEIRO, op. cit., p. 15.

2.3 Escola e a Igreja possuem os mesmos objetivos

Durante as duas primeiras décadas em solo brasileiro, mais precisamente os primeiros dez anos, as famílias de imigrantes alemães não tinham condições de se preocupar com as questões escolares e mesmo de construir uma casa para a escola. Essa ação é adiada até que a maioria das famílias tivessem com que trabalhar e obter o seu sustento. Trataram, sim, de construir a primeira morada. Todos na família abraçaram a causa de que, através do plantio, poderiam obter os lucros para pagarem a dívida adquirida na compra da terra, num prazo de dez anos. Assim, ao enfrentar o desafio de vir morar no Alto Vale do Itajaí, o imigrante sabia que devia trabalhar muito para sobreviver num lugar tão longe de tudo o que deixara para trás. Portanto, se em primeiro lugar é necessário viver, Marx (1987) afirma que

somos obrigados a começar pela constatação de um primeiro pressuposto de toda a existência humana, e portanto de toda a história, ou seja, o de que todos os homens devem ter condições de viver para poder “fazer a história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo beber, comer, morar, vestir-se e algumas outras coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; e isso mesmo constitui um fato histórico, uma condição fundamental de toda a história que se deve, ainda hoje como há milhares de anos, preencher dia a dia, hora a hora, simplesmente para manter os homens com vida.¹³⁴

Diante da questão mais simples de suprir a necessidade básica de sobrevivência, os imigrantes tinham que fazer a história com as próprias mãos. Da pátria deixada no outro lado no mundo, havia só lembranças. Mas a partir dos elementos familiares, dos valores culturais, religiosos, políticos, tudo era possível, porque eles sabiam que, unidos, com fé e a participação de todos que faziam parte da família, conseguiriam obter uma vida muito melhor do que aquela deixada para trás, de muitas dificuldades de trabalho e muita pobreza.

Em Matador, no início da colonização, a Igreja Evangélica Luterana, no que se refere ao amparo religioso aos imigrantes, esteve um pouco distante, pela própria dificuldade de atendimento em locais distantes dos núcleos coloniais mais

¹³⁴ MARX, Karl. *A ideologia alemã/Karl Marx e Friedrich Engels*. Introdução: Jacob Groussier. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 21.

desenvolvidos, como era o caso da colônia de Matador. Os seus pastores vinham ao Alto Vale apenas uma ou duas vezes ao ano para acompanhar a vida religiosa das famílias. No início, esses itinerantes percorriam a cavalo longos e difíceis caminhos, em viagens que duravam mais de uma semana, dependendo do roteiro traçado para visitar as comunidades alemãs do Alto Vale do Itajaí. Segundo Klug (1997), a Igreja Luterana, durante os primeiros anos, “como instituição esteve ausente na educação. Verificavam-se iniciativas isoladas dos primeiros pastores que logo também se ocupavam, dentro do possível, com a educação”.¹³⁵

Na ausência do pastor a própria família assumia o compromisso de encaminhar os filhos na religião. A Igreja somente vai ser construída em 1938. Antes disso, o ensino religioso era ministrado pelo professor contratado para lecionar na Sociedade Escolar de Matador. O professor tinha o compromisso de ensinar as leituras da Bíblia e ensaiava com os alunos cantos de religião. Para Flos (1961), o ensino religioso era importante na formação espiritual “que a Religião deve ser, por assim dizer, mais aspirada e sentida do que ensinada e aprendida, é uma exigência muito bonita”. Rezavam todos os dias, e aos sábados havia aulas de canto e de religião. Como afirma Alois, “todo o domingo de manhã, a gente tinha que assistir e participar da doutrina religiosa na escola – uma hora de religião para as crianças de fé religiosa luterana. Eu e meu irmão fomos na escola religiosa, todos os sábados”.¹³⁶ Assim, os professores ensinavam às crianças o valor da fé.

Diante dos depoimentos dos entrevistados, é possível compreender que a igreja, mesmo ausente e distante, se fez presente nas atividades escolares. Nesse sentido, afirmam os entrevistados que seus pais exigiam que todos os filhos, além de aprender a ler e escrever, tivessem acesso aos conhecimentos do Evangelho. Klug (1997), diz que a educação religiosa era

*uma questão de urgência, pois sem a educação a confessionalidade luterana estaria ameaçada. Não seria possível permanecer na fé luterana sem uma escolaridade mínima, que permitisse ler a Bíblia, o Catecismo Menor de Lutero e o Hinário.*¹³⁷

¹³⁵ KLUG, op. cit., p. 75-76.

¹³⁶ KOPELKE, Alois; ROTHENBURG, Luiza. Entrevista n. 3. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslowski. Rio do Sul, 20 set. 1998.

¹³⁷ KLUG, op. cit., p. 76.

Dessa maneira, a escola teve que, paralelamente, ao processo de alfabetização, assumir o forte compromisso de educar os alunos na religião evangélica luterana.

Em sala de aula a Igreja Evangélica mostrava-se presente todos os dias da semana, pois antes de iniciar as aulas o professor seguia o mesmo ritual, realizando com as crianças a oração do dia. E foi nesse ambiente que as crianças aprenderam os ensinamentos do Catecismo Menor de Lutero. Dessa maneira, a fé religiosa luterana tomava corpo, passando a ser mencionada como a fonte da vida, unindo e dando força espiritual aos imigrantes e seus familiares descendentes.

Nos fins de semana o espaço de sala de aula, tornava-se um lugar utilizado por toda a comunidade alemã para a realização do culto. Já que não foi possível construir a igreja com sua torre e sinos desde de o início da colonização, a escola tornava-se o espaço de aproximação e ponto de referência para os ofícios religiosos. Segundo Klug (1997), é “nesse contexto que se verifica um íntimo entrelaçamento entre igreja/escola nas colônias teutas, com o surgimento do “templo/escola” ou “escola/templo”.¹³⁸

Mesmo sem as estruturas simbólicas na orientação espiritual da escola alemã, os imigrantes estavam ligados por ações festivas, onde, sempre que fosse possível, a religião tornava-se elemento determinante em suas vidas, um elemento que os ajudava a lutarem pela vida cotidiana e a empreenderem um ritmo de desenvolvimento da colônia de Matador.

¹³⁸ Id., *ibid.*, p. 76.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho enfrentou-se o desafio de recuperar, em parte, a história da constituição da escola alemã no Alto Vale do Itajaí. Para tanto, foi escolhida a antiga colônia denominada Matador, atualmente conhecida por bairro Bela Aliança, na cidade Rio do Sul, Santa Catarina.

A colonização de Matador inicia-se com a vinda de Francisco Frankenberg, primeiro colono a adquirir terras nessa localidade. Portanto, a história da educação no alto Vale do Itajaí está ligada ao movimento colonizador.

A pesquisa empírica abrangeu o período compreendido entre 1892 e 1930 através do resgate de documentos e de entrevistas com antigos descendentes de imigrantes. Os dados obtidos revelaram a importância que os imigrantes que aqui chegaram atribuíam à educação escolar e à religião.

Os objetivos da escola alemã de Matador estão vinculados à perpetuação da cultura alemã. Ensinar as crianças através da fé, via Igreja, e através da escola tornou-se elemento primordial na educação destas.

No início, as aulas eram dadas na residência de um colono. Mais tarde, foi fundada a Sociedade Escolar, que assume toda a responsabilidade pelo funcionamento da escola. Esta Sociedade se mantinha com doações e com a cobrança de mensalidades.

A escola, uma das principais preocupações dos imigrantes, deveria preservar o chamado “espírito alemão”. Mais do que simplesmente alfabetizar, ela tinha por missão preparar os filhos dos colonos para a vida. Por isso, eram exigidos deles disciplina, obediência, respeito às normas, às tradições, aos hábitos culturais e aprendizagem da língua alemã, enfim, habilidades requeridas para o trabalho, tal como na Alemanha.

A educação desenvolvida em Matador, e por conseguinte no meio rural, em condições adversas, leva à consideração de que os imigrantes implantaram no Alto Vale do Itajaí relações educacionais que eram próprias da Europa, mas não necessariamente de outros países. Nesse sentido, pode-se afirmar que os colonos alemães não criam algo novo nesta Pátria. A escola, assim como a Igreja, foi fundamental para o desenvolvimento da colônia, por recriar nesta terra o trabalho

livre, condição da sociedade européia.

Por conseguinte, a escola mantida pela Sociedade Escolar reflete conflitos sociais. Ela emerge em meio à oposição social entre comunidade alemã e comunidade brasileira, entre escola alemã e escola pública brasileira. A educação dos descendentes alemães, tanto quanto a Igreja, visava à preservação da língua, dos costumes e da cultura alemã. Não é por acaso que a Sociedade Escolar exercia total controle interno e externo da escola.

Tais conflitos atingem seu auge na década de 30. Daí em diante, não foi mais possível a continuidade da escola alemã de modo geral. Apesar disso, os descendentes dos alemães se recusavam a enviar seus filhos à escola pública estatal. Apenas os pobres passaram a freqüentá-las antes de 1930, porque não tinham como pagar mensalidades. O surgimento da escola alemã no Alto Vale do Itajaí foi marcado por contradições, antecipando neste território impasses sociais e educacionais desde sua origem.

A Sociedade Escolar que mantinha a escola em Matador foi além dos anos 30 e passou por momentos difíceis. Foi obrigada a enfrentar um sistema político que insistia em “abrasileirar” as chamadas escolas estrangeiras. O movimento nacionalista desencadeou um processo de perseguição, inclusive, às escolas alemãs.

O fim da Sociedade Escolar não implicou grandes transtornos para o governo catarinense. Essa instituição e a escola que a ela correspondia foram substituídas por um sistema de ensino público, gratuito e estatal no momento em que o Estado assume a qualificação para o trabalho assalariado neste país. Apesar disso, a Sociedade Escolar de Ribeirão Matador sobreviveu até o ano de 1935, com uma contradição: os descendentes dos imigrantes que passaram a freqüentar a escola pública brasileira eram discriminados etnicamente por seus pares.

A importância histórica da escola alemã somente pode ser compreendida quando associada ao movimento colonizador. Foram os imigrantes alemães que implantaram no Alto Vale do Itajaí a aprendizagem em forma de escola, muito antes do nascimento de um sistema educacional estatal brasileiro público e gratuito.

A história da educação em Santa Catarina revela que à escola alemã coube desenvolver nos filhos dos imigrantes a disciplina, o hábito, os costumes, a obediência, o respeito e a tradição próprios da sociedade do trabalho que aqui se implantava com a colonização: eis sua importância histórica, apesar das contradições que marcaram sua existência desde o seu nascimento.

ANEXOS

Anexo I: Cartilha Moderna ou Leituras Primárias para aprender a ler e escrever.
Acervo Alois Kopelke.

Cartilha Moderna

ou

Leituras Primarias

para aprender-se a ler e escrever

por

R. Heuer

R. Heuer
Primeiro Anno

3.^a Edição



Casa Editora Rotermund & Co., São Leopoldo
(Rio Grande do Sul)

Segunda Edição.

O acolhimento benevolo alcançado, por toda a parte e sem protecção official, pela presente Cartilha e os valiosos resultados instructivos que obteve, são devidos à disposição nova e ao methodo moderno nella empregados.

Estamos informados que a nossa Cartilha, nesse particular, foi a primeira dentre as congeneres e alimentamos, por isso a esperança de que a presente edição, completa, não deixará de merecer alguma attenção da instrucção publica official.

Attendendo a reiterados pedidos, o autor se promptificou a augmentar a parte da leitura instructiva e adoptou uma orthographia uniforme em todo o livro.

Outrosim, resolvemos publicar além da edição completa, num volume, outra, dividida em duas partes, para o 1.º e 2.º anno escolar.

Fica desta arte facilitada a acquisição da obra e os alumnos têm um incentivo apreciavel para o estudo no desejo de obterem, por uma natural curiosidade, o mais breve possivel o 2.º volume.

São Leopoldo, em Dezembro de 1927.

Os Editores.



A 3.^a Edição não soffreu alterações. E' intendica á 2.^a

Os Editores.

São Leopoldo, Junho 1931.



Observações.

O ensino inicial da leitura ligado ao da escripta, far-se-á intuitivamente, em principio, pela demonstração das illustrações do livro para obter o nome das vogaes «i, u, e, o, a». São por conseguinte, os primeiros exercicios de leitura e escripta exercicios oraes. O fim desses exercicios é habituar e acostumar os alumnos a comprehender cada palavra claramente pronunciada pelo professor.

O professor deverá adoptar o seguinte methodo para achar as vogaes:

Professor: Aonde vão os meninos todos os dias uteis?

Resposta: Os meninos vão á escola. *)

Professor: Aonde vão os meninos com os pais aos domingos?

Resposta: Os meninos vão á igreja.

Professor (mostrando a 1.^a illustração): O que é que vemos aqui?

Resposta: Vemos uma igreja.

Professor: Quando vai á igreja?

Resposta: *Domingo vou á igreja.*

Esta resposta deverá ser repetida por todos os alumnos em «côro rythmico»; pois o fallar em côro é uma bôa forma de reter idéas e de aperfeiçoar a linguagem infantil.

Pelo mesmo caminho acham-se as phrases seguintes correspondendo ás illustrações:

2. uvas são doces.
3. elephantes são grandes.
4. ovelhas são mansas.
5. abelhas produzem mel.

*) O alumno deve semper responder alta, clara, correctamente e em phrase inteira. Uma resposta incorrecta será corrigida pelo professor.

VII

Segue agora a divisão das respectivas palavras — igreja, uvas, elephantes, ovelhas, abelhas — em syllabas para obter as vogaes:

Professor (bate 3 vezes na mesa accompanhando cada golpe com uma syllaba): i-gre-ja. — Quantas vezes bati?

Resposta: 3 vezes.

Professor: O que disse primeiramente?

Resposta: i

Professor: O que disse depois com o 2.º golpe?

Resposta: gre

Professor: O que disse finalmente?

Resposta: ja.

Professor: Vamos fazer todos (bater e dizer): i-gre-ja.

Diz-se esta palavra muitas vezes em côro e separadamente.

O mesmo faz-se com as palavras

u-vas

e-le-phan-te

o-ve-lha

a-be-lha.

Todos os alumnos sem hesitar devem saber analysar estas palavras e saber responder:

Professor: O que disse primeiro? u

Professor: O que disse depois? vas.

Segue agora a escripta.

Professor: Vou agora escrever o «i» aqui no quadro preto.

O professor, dizendo o som «i» escreve verticalmente a letra i bastante grande na pedra.

Professor: Dizei todos agora o som que esta letra representa! R: i

Professor: Como escrevi primeiro?

R.: de baixo para cima.

Professor escreve outra vez /

Professor: Como escrevi depois?

R.: de cima para baixo!

Professor faz /

Professor: Como escrevi finalmente?

R.: de baixo para cima!

Professor faz /

Professor: O que está em cima?

R.: Um ponto.

VIII

Professor: Escrevei agora o «i» no ar, com o dedo, dizendo «i»!

Escrevei agora o «i» com o dedo na mesa!

Professor: Vou escrever outra vez o «i» aqui no quadro preto. Atenção: para cima! para baixo! para cima! Ponto! (o professor faz cada vez o traço indicado).

Todos com o dedo no ar!

Alunos (fazem e dizem): para cima! para baixo! para cima! Ponto!

Professor: Ide agora escrever o «i» nas vossas pedras!

Os alunos devem escrever repetidas vezes o «i».

Professor: Agora abri o livro e mostra-me onde está o «i» que acabaes de aprender.

O mesmo se fará com as lições seguintes onde se apresenta o «u, e, o, a».

Segue agora a primeira consoante.

l

O professor mostra a ilustração perguntando: O que vemos aqui?

Resposta: Vemos dois meninos.

Professor: Chamam-se lu lu e li li. O que fazem lulu e lili?

Resposta: lu lu e li li brincam.

Professor: lu lu e li li estão brincando!

Todos em câro rythmico:

Lu lu etc.

Professor (batendo duas vezes): lu-lu!

O que disse com o 1.º golpe? — Resposta: lu

O que disse com o 2.º golpe? — Resposta: lu

Professor: Atenção! (dizendo prolongadamente o «l»)

l l l l l u.

Professor: O que se pode ouvir primeiro?

Resposta: l

Professor: e depois? — Resposta: u.

Professor: Vamos dizer todos até que bato: l

Os alunos fazem: l l l l — Professor bate.

Professor: Vamos dizer agora l l l l e quando eu bater «u», assim: l l l l l u.

Todos!

IX

Professor: Agora l l l l l e «a»! l l l l l a.

Agora l l l l l e u! l l l l l l u.

Assim com todas as vogaes: Illu, Illi, Illo, Illa, Ille.

Ille.

Segue agora a escripta como com o «i». Os processos ahi apresentados, despertando a attenção pelo interesse e, até mesmo, pelo comico, hão de necessariamente fixar os sons e as letras.

As consoantes nunca serão designadas pelos seus nomes no ensino inicial; mas sim pelos seus sons: o «l» e «u» não é «elle u» mas sim «lu»; por isso: não soletrar, mas sim lêr!

De muita importancia são as decomposições das palavras em syllabas (u-va, i-gre-ja, e-le-phan-te, vac-ca, de-do, mu-la) e as recomposições das syllabas pelos sons (l-u=lu, d-o=do, v-a=va, m-u=mu).

Esses exercicios oraes facilitam o ensino da leitura.

Pelotas, Março 1920.

R. HEUER.

Primeira Parte



Ebling-Rotermund

Minha

Lingua

Gramática portuguesa para uso
nas escolas alemãs no Brasil

Portugiesisches Sprachbuch für die
deutschen Schulen in Brasilien

1.º VOLUME

I

1. HEFT

Rotermund & Co., São Leopoldo (Rio Grande do Sul)

1) Übersetze:

Meu livro, meu lapis, minha caneta, minha pedra, meu caderno, meu tinteiro, minha pasta, meu chapéu, meu pão, minhas calças, meu canivete, meu lapis, minha caixinha de pedras, minha pasta de livros.

Dois livros, dois cadernos, dois chapéus, dois casacos, duas penas de aço, duas caixinhas de penas, duas canetas, duas pedras, dois tinteiros, duas penas, dois canivetes.

2) Was heißt auf portugiesisch?

2 Bücher, 2 Federhalter (Federstöcke), 2 Stahlfedern, mein Griffel, mein Bleistift, 2 Bleistifte, 2 Griffel, mein Taschenmesser, 2 Hefte, 2 Röcke, mein Griffelkästchen, meine Mütze, mein Hut, mein Tintenfaß (Tintenglas), 2 Hefte, 2 Tintenfaßchen, 2 Griffel, mein Bleistift, 2 Federkästchen, mein Federhalter, mein Griffel, mein Brot, 2 Bücher vom Vater, das Tintenfaß vom Vater, der Griffel, das Taschenmesser, die Hose (!), der Hut, die Mütze.

3) Zum Einprägen:

o livro	das Buch	o pão	das (Stück) Brot
o caderno	das Heft	o chapéu	der Hut
o lapis	der Bleistift	as calças	die Hose
a caneta	der Federhalter (Federstock)	o casaco	der Rock
a pena	die Feder	o boné	die Mütze
a pena de aço	die Stahlfeder	a pasta	der Schulranzen
a pena de pedra	der Griffel		
a caixinha de penas	das Federkästchen (Griffelkasten)	o pai	der Vater
o canivete	das Taschenmesser	a mãe	die Mutter
a pedra	die Tafel	o professor	der Lehrer
a lousa		o aluno	der Schüler
o tinteiro	das Tintenfaß (Tintenglas)	o menino	der Junge (Bube)
		a menina	das Mädchen

Anexo II: Cartilha de aritmética para ensinar a matemática.
Acervo Gertrud Bachmann.

Gertuel Buchmann

Praktische

Rechen Schule

in vier Hefen
für deutsche Schulen in Brasilien

von

Otto Buchler

7. Auflage

31. bis 35. Tausend

2. Heft

Erziehung der Rechenfertigkeit in den 4 Grund-
operationen im unbegrenzten Zahlenreife bis zum
Abschluß der Bruch- und Dezimalbruchrechnung



Verlag Neumann & Co.

São Leopoldo, Porto Alegre (Rio Grande do Sul)

Muster eines Schuldscheines.

Ich Endesunterzeichneter, Oswin Grau, bescheinige hiermit, dass ich am heutigen Tage von Herrn Walter Schäfer, wohnhaft in Porto Alegre, die Summe von

2:000\$000 (zwei Contos de reis)

als Darlehen erhalten habe.

Ich verpflichte mich, obige Summe nebst fünf Prozent (5%) Zinsen am 1. Oktober dieses Jahres pünktlich zurückzuzahlen.

Porto Alegre, den 1. April 1915.

Oswin Grau.

Eu abaixo-assinado, Eduardo Pereira da Silva, declaro que devo ao Snr. Antonio Nunes de Guimarães, a quantia de dois contos quinhentos milreis (2:500 000),

que recebi a titulo de emprestimo aos juros annuaes de seis por cento (6%), pagaveis semestralmente, e que me obrigo a restituir dita quantia aos 31 dias de Agosto de 1919.

Porto Alegre, 31 de Agosto de 1919.

Eduardo Pereira da Silva.

(Bemerkung. Jeder Schuldschein ist nach brasilianischem Gesetz mit Stempelmarken zu versehen, und zwar bis 1 Conto für je 200\$000 mit 400 Rs., von 1 Conto aufwärts für jedes angefangene Conto 2\$000. Wieviel Stempelmarken sind für obige Schuldscheine nötig? Wieviel für 500\$, 800\$, 1200\$?)

17) Stelle einen Schuldschein aus über 450\$ Kapital, das nach 4 Monaten mit $4\frac{3}{4}\%$ Zinsen zurückgezahlt werden soll und berechne die gesamte Rückzahlung.

18) Jemand kauft ein Grundstück für 24 Contos. Er hat nur 20 Contos, borgt die fehlende Summe und läßt dieselbe auf das Grundstück als Hypothek eintragen. Für die Hypothek gibt er 5% Zinsen, sein eigenes Geld verzinst sich mit 6%. Wieviel Zinsen wirtschaftet er zusammen aus dem Grundstück heraus?

Anexo III: Registro do Estatuto. Acervo do autor.

Camba

Registros pub. 351m Livro nº 32
 registro, no dia 12 de Janeiro de 1929.
 Humana, 12 de Janeiro de 1929.
 em Testemunhos de verdade.
 Official do Registro Especial
 Francisco S. Lomba

Registros	400
Rera.	14500
Impressão pessoal (5)	10.000
Arquivamento de 25 exemplares dos Estatutos	1000
	<hr/>
	38450

Decl. Official Lomba
 Reconhecemos e concordamos com os presentes estatutos
 Richard Kugelke, Heinrich Harst - Carlos Engler
 Reinhold Kugelke, Reinhold Porath, Carlos Rosen
 Felix Fuchs, Otto Aluy, Carlos Rosenman
 Hermann Meisicke, Wladimir Wajnszky

Fonte : Documento comprovante da existência do Estatuto da Sociedade Escolar. Acervo do Autor.

Anexo IV: Estatuto da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Acervo do Autor.

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE SANTA CATARINA
MUNICÍPIO DE BLUMENAU
COMARCA DE BLUMENAU**

SONIA MARY BRAGA VARELA

Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais
Leatrice Braga Altenburg
Oficial Substituta

Carmen Lucia Braga
Escrevente Juramentada

Registro 351 no Livro nº 3, de 12 de janeiro de 1929
CERTIDÃO EM INTEIRO TEOR

CERTIFICO, que por ter sido requerido verbalmente por parte interessada que revendo os livros de REG. PESSOAS JURÍDICAS desde Ofício encontrei no Livro A-03 Fls. N 139 Sob Nº260 o seguinte registro:

////////////////////
Estatutos: Estatuto da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador, município de Blumenau. A Sociedade da Escola do Ribeirão Matador, distrito de Bella Alliança, compõe-se de moradores do povoado Matador, do Ribeirão Matador e seus afluentes. **I. Da administração** Art.1. A Diretoria compõe-se de um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro, um secretário e seu substituto, todos serão eleitos pelo prazo de um ano na Assembléia Geral Ordinária, que terá lugar no mês de Janeiro de cada ano. Art.2. Compete ao presidente: convocar as assembléias com prévio aviso de 15 dias, por meio de circulares; determinar a ordem do dia das mesmas assembléias; defender os interesses da sociedade e representa-la judicial e extra-judicialmente. Art.3. Compete ao secretário: lavrar as atas nas assembléias, remeter avisos e correspondências da sociedade. Art.4. Compete ao tesoureiro: cobrar as jóias, contribuições mensais e receber quaisquer auxílios ou subvenções; pagar o ordenado mensal do professor; efetuar pagamentos, depois da autorização pelo Presidente; fazer a escrituração da receita e despesa e apresentar anualmente um balancete à assembléia geral ordinária. Art. 5. As assembléias poderão deliberar sobre qualquer assunto, com a presença de, pelo menos, um terço dos sócios. Art. 6. O presidente, sem autorização da assembléia, não poderá ordenar pagamentos extraordinários, superiores a R. 500,00. Art.7. A diretoria fica responsável, perante a Sociedade, por seus atos praticados. Art.8. Todas as deliberações serão assinadas pela diretoria. **II. Dos direitos e deveres dos sócios.** Art.9. poderá ser sócio toda pessoa de maior idade. Art.10. Cada sócio obrigar-se-á com a própria assinatura pelo fiel cumprimento dos estatutos e das resoluções tomadas em Assembléia. Art.11. Cada pessoa que for admitida como sócio terá de pagar a jóia de cinqüenta mil réis. Art.12. A mensalidade importará para uma criança R. 4,00, para duas R. 7,00 e para três R. 9,00. Art.13. A contribuição anual será de R. 3,00. Art.14. Cada sócio obrigar-se-á mandar seus filhos para a escola quando atingirem sete anos de idade e isto com toda regularidade, não devendo o aluno faltar mais do que três vezes por mês. Art.15. As pessoas que não forem sócios, também poderão mandar seus filhos à escola, porém pagarão a mensalidade de cinco mil réis por cada criança. Art.16. O sócio que deixar de mandar seus filhos, ou os mandar a outra escola, pagará uma mensalidade de quatro a sete mil réis, conforme a quantidade de filhos. Art.17. O sócio que não tem filhos ou cujos filhos não tem idade escolar, pagará uma contribuição anual de três mil réis, para conservação do edifício escolar. Art.18. Crianças que ainda não freqüentarem a escola, só serão aceitos durante o primeiro mês do ano letivo. Art. 19. Todo o sócio é obrigado a mandar seus filhos à escola,

durante cinco anos e caso não o fizer não ficará, por isso, isento ao pagamento das respectivas mensalidades. Art.20. Cada sócio tem o direito de representar contra o professor, se tiver justos motivos para isto, devendo qualquer queixa ser apresentada ao presidente, não podendo o sócio em caso algum se dirigir diretamente ao professor. Art.21. No caso de falta de aluno por mais de três dias, os pais deverão mandar imediatamente justificção escrita ou verbal. Art.22. O sócio que se mudar para outro lugar ou pedir sua exclusão por qualquer outro motivo, perderá todos os direitos de sócio. Art.23. A assembléia é competente para resolver sobre a eliminação do sócio que trabalhar contra os interesses da sociedade. Art.24. Todo sócio é obrigado a aceitar qualquer cargo ou emprego na sociedade, para que for escolhido, devendo exercer a sua atividade nos dias de reuniões como também nos dias de festas escolares, exames, passeios, festas de encerramento, teatros e outras, e principalmente como membro da comissão para manter a ordem e dirigir os festejos. Art.25. O sócio que não cumprir com os seus deveres e deixar de pagar as mensalidades por mais de três meses, será intimado por duas vezes, amigavelmente, sendo, após isso, sua dívida cobrada judicialmente. Art.26. Todas as resoluções das assembléias, escritas no livro de atas e assinadas dos presentes estatutos.

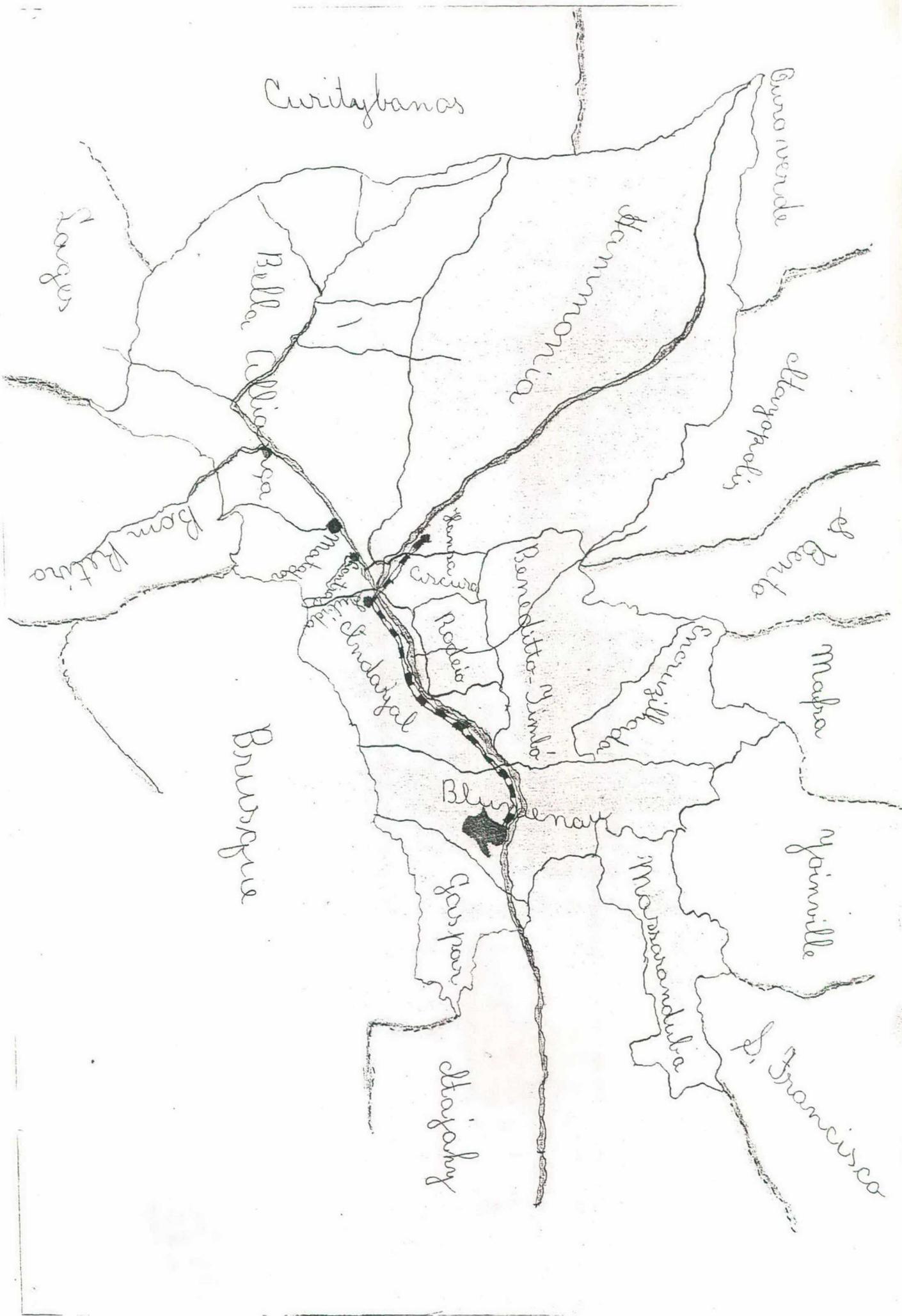
III. Do professor. Art.27. O professor é contratado pela sociedade escolar tem moradia gratuita e o usufruto do terreno escolar. Art. 28. Para extinção do contrato faz-se mister um prévio aviso de três meses por ambas as partes contratantes. Art. 29. O professor deverá sujeitar-se a todas as ordens da diretoria, uma vez que estejam de acordo com os decretos e leis em vigor. Art.30. A diretoria entender-se-á com o professor sobre a duração das férias escolares sendo previstos os dias feriados, férias de verão um mês, Páscoa uma semana, Pentecostes uma semana e férias de Setembro duas semanas. Art.31. Compete ao professor determinar e arranjar material necessário à instrução. Art.32. Não compete ao professor excluir ou eliminar aluno por causa de não pagamento das mensalidades, atribuição esta que cabe unicamente à diretoria que entender-se-á com o pai do aluno. Art.33. Em caso provem que passar deste prazo, a diretoria resolverá a respeito. Art. 34. Todos os sócios respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais e obrigam-se a cumprir fielmente as determinações dos presentes estatutos, autorizando a diretoria de legalizá-los em conformidade com as leis em vigor. Ribeirão Matador, em Setembro de 1928. Albert Strelow, Presidente. Reinhold Hasse, Vice-Presidente. Carl Brandt, Tesoureiro. Alfred Swarowsky, Secretário. Conrad Riemann, Secretário Substituto. Reconheço verdadeiras as assinaturas supras de Albert Strelow, Reinhold Hasse, Carl Brandt, Alfred Swarowsky, Conrad Riemann, dou fé. Blumenau, nove de Janeiro de 1929. Otto Abry, tabelião. O reconhecimento estava selado com uma estampilha estadual no selo de mil réis e carimbado com os seguintes dizeres: Primeiro Tabelião Otto Abry Blumenau, Estado de Santa Catarina, Brasil. R 4000 S.1000-5000. NADA MAIS E NEM MENOS se continha no dito documento que bem e fielmente aqui registrei, conferi e consertei. Em testemunho da verdade, o Oficial Francisco da cunha Silveira.

Era o que continha o referido Registro aqui fielmente transcrito eu Carmem Lucia Braga Oficial do Registro Civil das Pessoas naturais a transcrevi, dou fé e assino.

Blumenau, em vinte e oito (28) de fevereiro de 2000

Fonte: Acervo – Cartório Braga Varela. Blumenau – SC.

Anexo V: Mapa desenhado da colônia Matador, Distrito de Bella Aliança – 1924.
Acervo Luiza Rothenburg.



Anexo VI: Foto da inicio do século, colônia Matador, Suedarm – 1910.
Acervo Helga Klug.



Anexo VII: Original – Ata da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador, 1911 – 1941.
Acervo do autor.

Handwritten.

Protokoll.

Dem fünftigen Tage, den 24. September 1911 wurde in
einer Versammlung der Mitglieder beschlossen:

I. Die Zimmerarbeiten sollen von Herrn Carl Kupala
für den Gehalt von 4 000,00 und die dazu nötigen
Arbeiten mit einem Gehalt von 3 000,00 gemacht werden;
den. Sollte jedoch dieser Herr Kupala nicht angenommen
werden, so ist der Vorstand damit beauftragt Herrn Hofmeister
die Arbeit in Auftrag für den Preis von 60,00 pro Kubmeter
zu übergeben.

II. Es wurde beschlossen, dass diejenigen, welche einflussreich
Lohnen, malen von Lottweh Linnika bis zur Einrichtung
des Gebäudes festgesetzt werden, wofür, für künftige
Bemerkungen den einzelnen Preis, sowie auch die M^o,
gleiches bezuolen.

Obige wurde bekräftigt vom Vorstand:

Präsident: Otto Lehmman
Joseph Kupala
Wilhelm Klum
Willy Spring.

Abdruck.

Protokoll.

In der fünften Generalversammlung am 7. Juni 1912 wurde folgendes beschlossen:

Die Versammlung wurde einberufen durch den Vorstand Otto Leifmann. Anwesend waren 8 Mitglieder.

I. Es wurde zur Neuwahl der Aufsichtsratsmitglieder beschlossen und die Kandidaten Herr F. Kurland, Alwin Kwik u. Spina. Leifmann nominiert, welche die Stelle prüften und für richtig befanden.

II. Es wurde zur Neuwahl der Aufsichtsratsmitglieder beschlossen und die Kandidaten Herr Kurland, Alwin Kwik u. Spina. Leifmann nominiert, welche die Stelle prüften und für richtig befanden.

III. Allgemeine Versammlung. Es wurde beschlossen, dass sobald der May, speziell die Linsen hergestellt ist, die Kasse zu prüfen sind. Es wurde für den Linsenfund 10000 Mk. festgesetzt. Für den Linsenfund 8000 Mk. festgesetzt.

Bemerkung zu No 1. Der Aufsichtsratsrat vom 1. Juni 1911 bis 1. Juni 1912 belief sich auf 1978 Mk.

Zeugnis: Max Kurland
Alwin Kwik
Spina

Abdruck.

Protokoll

In der Versammlung am 23. Juni 1912.

Die Versammlung wurde einberufen durch den Vorstand Otto Leifmann. Anwesend waren 11 Mitglieder.

I. Es wurde beschlossen, dass die Kasse für den Linsenfund festgesetzt zu werden, und dass die Kasse für den Linsenfund festgesetzt zu werden, damit der Linsenfund keine Geldmangelerscheinungen erleidet bis die Linsen hergestellt ist.

II. In der Versammlung vom 7. Juni wurde die Kasse für die Kasse festgesetzt, damit die

Anexo VIII: Tradução – Ata da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador, 1911 – 1941
Acervo do autor.

Tradução dos Protocolos

Comunidade Escelar de Matador - 1911-1941

No dia de hoje, vinte quatro de setembro do ano de tuum
novecentos onze, foi realizado a Assembleia na Sociedade
Escelar de Matador, e foi resolvido o seguinte:

I - Os serviços de carpinteiro devem ser feitos pelo Sr. Karl
Kopelke por uma diária de 4\$000 reis. Os trabalhadores neces-
sários (serventes), devem receber uma diária de 3\$000 mil reis.
No caso de Sr. Karl Kopelke não aceitar, a proposta da dire-
toria, já aceitar, e entregou todo o para o Sr. Elnor Boardt por
uma empreitada no valor de sessenta reis e palmo quadra-
do.

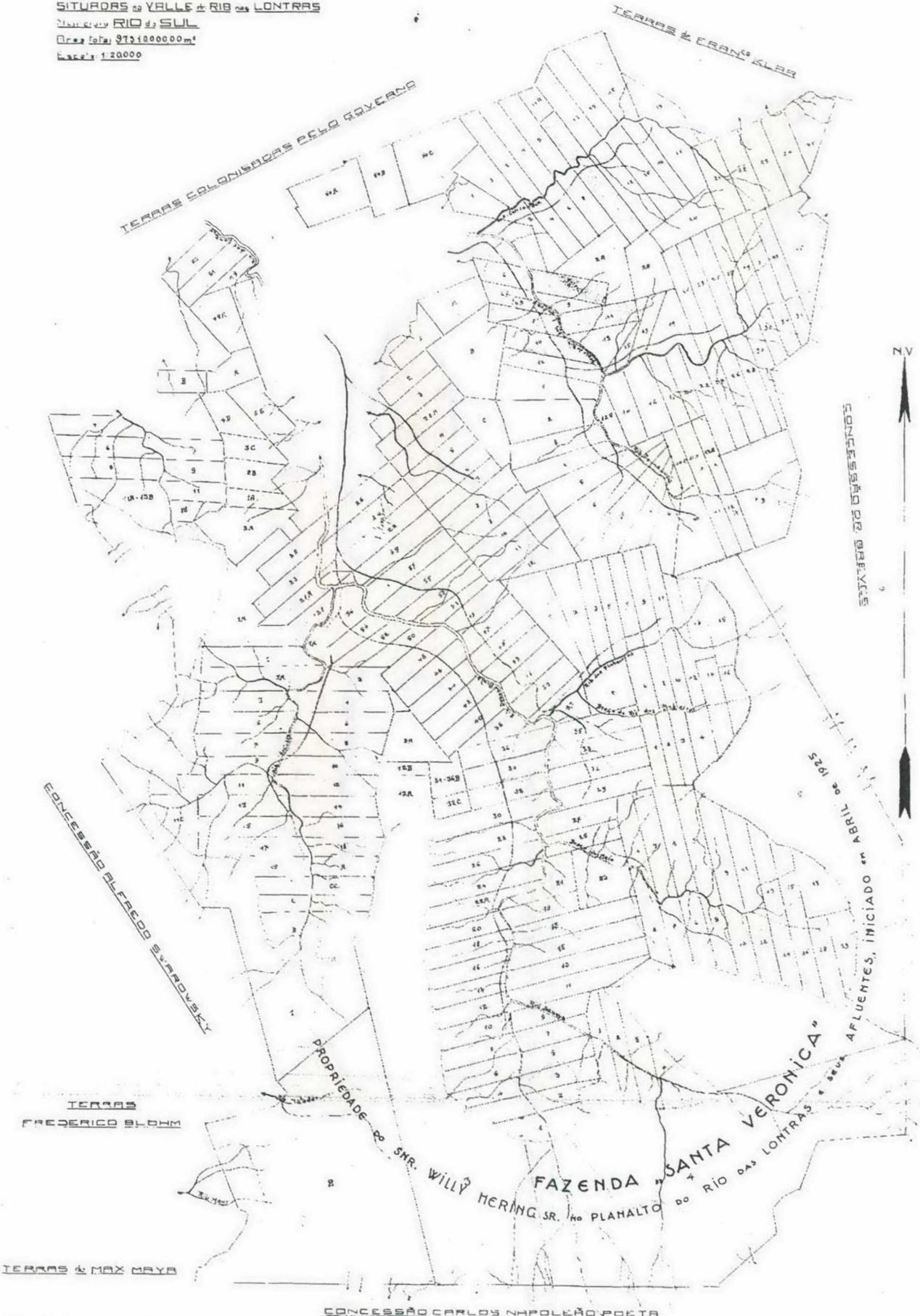
II - Foi resolvido que aqueles que residem fora da área que
comprende da ponte de Bontras até a desembocadura de
SuedCrom não devem contribuir para os atos da Igreja, somente
o simples preço como os membros da comunidade de Ma-
tador devem contribuir somente com o preço da área de Ma-
tador. O acima descrito foi reconhecido pela Diretoria.

- Otto Bachmann
- Johan Kopelke
- Wilhelm Klar
- Willy Kering

Anexo IX: Mapa – Acervo Reguita Beschinock.
Valle do Ribeirão das Lontras – 1925.

PLANTA

TERRAS de CONCESSÃO de Sr.
WILLY HERING
SITUADAS na VALLE de RIO das LONTRAS
Município de RIO de SUL
Área total: 913.180.000 m²
Escala: 1:20000



- Cursos de água em geral
- Parcelas vendidas pelo concessionário
- Parcelas em geral
- Estradas
- Caminho de Carqueijo

Anexo X: Mapa – Acervo Reguita Beschinock. Planta da demarcação de uma gleba de terras – 1944.

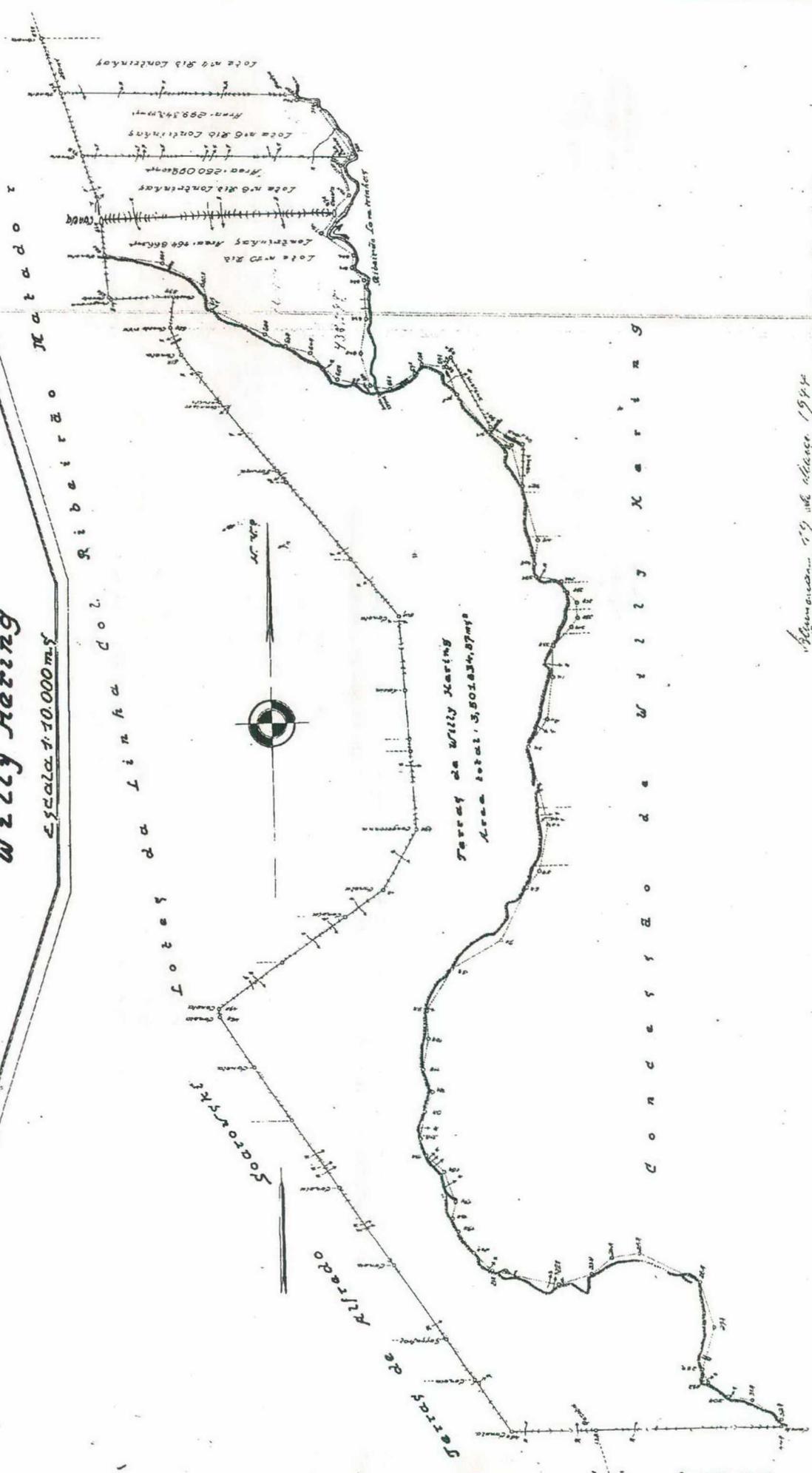
Legenda

- R. Ribeirão
- F. Foz
- F. Fio d'água

**PLANTA da demarcação e verificação d'uma gleba de terras
no Alto dos Ribeirões Lontrinhas e Cútia Mun. de Rio do Sul
como também dos lotes nos 6, 8 e 10 da linha Rib. Lontrinhas
fazendo todas estas terras parte da concessão de**

Willly Hering

Escala 1:10.000 m.s.



Alteração n.º 19 de classe 1944
 do Plano Geral, aprovado pelo nº 272 de 1944

Anexo XI: Foto: Festa do Tiro ao Rei "Schützenverein" Matador – 1924.
Acervo Alois Kopelke.



Anexo XII: Foto: Festa dia do Colono – década de 30. Acervo Gertrud Bachmann.



Anexo XIII: Mapa de apresentação para as escolas municipais de Blumenau – 1905.
Acervo do autor.

FONTES

Arquivos Consultados

Acervo da Diretoria da Colônia Hansa, da Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897, no Museu Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, em Ibirama SC

Arquivos da Sociedade Amigos de Brusque – Brusque – SC

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” – Blumenau – SC

Arquivo Público Histórico de Rio do Sul – SC

Entrevistas

BACHMANN, Gertrud. Entrevista n. 2. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 28 ago. 1998.

HERING, Paula. Entrevista n. 5. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 31 out. 1998.

KOPELKE, Alois; ROTHENBURG, Luiza. Entrevista n. 3. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 20 set. 1998.

SPIEWECK, Hans Adolf. Entrevista n. 7. Concedida a Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Rio do Sul, 14 jan. 2000.

Jornais - Revistas - Relatórios

DIÁRIO CATARINENSE, 27 de ago. 2000.

INSTRUÇÕES para a Inspeção Escolar.

Rio do Sul – Nossa História em Revista. Fundação Cultural de Rio do Sul. Arquivo Público Histórico. Tomo I, n. 3, 1999. Rio do Sul: Jawi, 1999.

INSTRUÇÕES para Inspeção Escolar.

Documentos primários - Inéditos

Acervo Geral de Fotografias pertencentes a Alois Kopelke.

Acervo Geral de Fotografias pertencentes a Gertrud Bachmann.

Acervo Geral de Fotografias pertencentes a Helga Klug.

Correspondências Diversas de Alfred Swarowsky – Acervo Lia Carmen Swarowsky Rosemann.

Estatuto da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador.

GRAU, Leonhard Pastor. Comunidade Pastoral de Bella Alliança. 5 fev. 1927.

Protocolos da Sociedade Escolar do Ribeirão Matador. Tradução de Hans Adolf Spieweck, transcrição e organização de Ilson Paulo Ramos Blogoslawski. Livro nº 930. p. 1-56.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZAMBUJA, Hebe Schwoelk de. Imigração alemã em Santa Catarina. **Revista de Divulgação Cultural**, n. 57, p. 54-55, jan./abr. 1995.
- AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina – 1916-1941**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1988. v. 1.
- BERRI, Aléssio. **A igreja na colonização Italiana no Médio Vale do Itajaí**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.
- BEVILACQUIA, Viviane. Fuga da crise dá início a uma cidade próspera. **Diário Catarinense**, 27 ago. 2000.
- BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. **Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil. 1899-1999**. Organização: Cristina Ferreira e Sueli Maria Vanzuita Petry. Tradução: Curt Willy Hennings e Annemarie Fouquet Shunke. Blumenau: Cultura em Movimento: Instituto Blumenau 150 anos, 1999.
- BORCHARDT, Julian. **O capital**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1982.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- BRUHNS, Katiane. **Espaços de sociabilidade e o idioma: A campanha de nacionalização em Joinville**. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.
- CALEFFI, Olma. **Uma experiência em construção: do fazer-se escola pública à práxis político-pedagógica na perspectiva da educação libertadora**. Florianópolis, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- DAL MORO, Selina Maria. **De escola paroquial a escola pública: o significado da escola no desenvolvimento de Samanduva/RS**. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação.
- D'AMARAL, Max Tavares. **Contribuição à história da colonização alemã no Alto Vale do Itajaí**. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1950.
- FICKER, Carlos. Charles Van Lede e a colonização belga em Santa Catarina: subsídios para a história da colonização de Ilhota, no Rio Itajaí açu, pela "Compagnie Belge-Brasiliense de Colonization". **Blumenau em Cadernos**, 1972.
- FIOD, Edna Garcia Maciel. **Homens sem Paz: Escola, Trabalho e Colonização**. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FLOS, Max Heinrich. **Nossos pais**. São Leopoldo: Rotermond & Cia. Ltda, 1961.
- FRONZA, Francisco. **Das formas de dizer às formas de ser: o fazer-se trabalhador no Vale do Itajaí**. Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina.

- HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital: 1848-1875**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- KLUG, João. **A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina: a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938)**. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.
- KREUTZ, Lúcio. **O Professor paroquial: magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.
- _____. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1994.
- LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- MARX, Karl, **O capital: crítica da economia política**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Livro I, v. II.
- _____. **A ideologia alemã/Karl Marx e Friedrich Engels**. Introdução: Jacob Groender. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. – (clássicos).
- MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do ensino em Santa Catarina – 1930-1940**. Florianópolis, 1979. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- PELLIZZETTI, Beatriz. **Banco de imigrantes em Santa Catarina**. Blumenau: Co-edição – Gráfica 43 S.A. Ind. e Com./Fundação Casa Dr. Blumenau, 1985.
- PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos de evolução escolar no ocidente**. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PETRY, Suely Maria Vanzuita. **Os Clubes de Caça e tiro na Região de Blumenau (1859-1981)**. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1982.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- RICHTER, Klaus. **A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau**. 2. ed. rev. e amp. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1992.
- ROTERMUND, Edling. **Cartilha moderna ou leituras primárias**. 3. ed. São Leopoldo: Rotermund & Cia. Ltda, 1927.
- SACRISTÃN, Gimeno J. Aproximação ao conceito de currículo. In: _____. **O currículo**. uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 13-53.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 172.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.
- _____. **A Colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. 2. ed. Porto Alegre, Movimento, 1999.
- STOER, Hermann. **Crônica da paróquia evangélica de Rio do Sul – 1908-1958**. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., 1965.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2 ed., il., rev. e ampl. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1980.

BIBLIOGRAFIA

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

GERTZ, René E. O perigo alemão. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou Morrer**: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

HERKENDORF, Elly. **Era uma vez um simples caminho**. fragmentos da história de Joinville. Joinville: Fundação Cultural, 1987.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre a história**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LUNA, José Marcelo Freitas de. **O português na escola alemã de Blumenau**: da formação à extinção de uma prática – ensinávamos e aprendíamos a língua do Brasil. Itajaí: Ed. da Univali; Blumenau: Ed. da FURB, 2000.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Política de colonização no Império**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

MAIO, Marcos Chor. (org.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.